

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysio de Carvalho



BANCO ALLIANÇA

SÈDE NO PORTO

RIO DE JANEIRO

146, Rua do Rosario, 146

Caixa do Correio, 924

Telephones: Norte 3376 e Norte 6329

Saques sobre todos os paizes do mundo
—Descontos—Operações bancarias
em geral—Administração de
propriedades—Cobrança de juros e
dividendos—Inventarios—
Correspondentes em todo o territorio
dos Estados Unidos do Brasil.

DEPOSITOS

A' ordem. . . . 4 % ao anno

DEPOSITOS A PRAZO E LETRAS A PREMIO

| | |
|------------------------|-----------------|
| A prazo de tres mezes. | 4 1/2 % ao anno |
| A prazo de seis mezes. | 5 1/2 % ao anno |
| A prazo de nove mezes. | 6 % ao anno |
| A prazo de doze mezes. | 6 1/2 % ao anno |

As melhores tintas do
Brasil.

SÃO AS

HORLID

VENDA GERAL

Rua Theophilo Ottoni, 102

RIO DE JANEIRO

GRUTA BAHIANA

ABERTO ATÉ 1 HORA DA MADRUGADA

Especialidades em comidas á Ba-
hiana e á Portuguesa

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TODOS OS DIAS:

Vatapá,
Carurú
e Muqueca

M. SERAPHIM & C.

61, rua Visconde Rio Branco, 61

TELEPHONE 2178, CENTRAL

RIO DE JANEIRO

BANCO HYPOTHECARIO DO BRASIL

50 -- AVENIDA RIO BRANCO -- 50

RIO DE JANEIRO

Caixa do Correio, 268

Telephone, Norte 2320

Depositos em contas correntes
á vista e á prazo

Operações bancarias geraes

HYPOTHECAS

Banco Português do Brasil

CAPITAL.... RS. 50.000:000 \$000

SÉDE: RIO DE JANEIRO



Abre Conta Corrente
de movimento,
CONTAS CORRENTES
LIMITADAS COM
TALÃO DE CHEQUES,
Conta Corrente a
prazo fixo e
encarrega-se da adminis-
tração de
propriedades

FILIAES EM S. PAULO E SANTOS

Endereço Teleg.: BRASILUSO

Caixa Postal: 479

24, Rua da Candelaria, 24

RIO DE JANEIRO

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director : ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção : LUIS-ANNIBAL FALCÃO

SUMMARIO DESTE NUMERO

| | |
|---|------------------------|
| A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA..... | BARÃO DE LORETO. |
| A HEROINA DA BAHIA..... | REDACÇÃO. |
| RUY BARBOSA | FERNANDO DE MAGALHÃES. |
| SOROR JOANNA ANGELICA DE JESUS..... | REDACÇÃO. |
| DOIS DE JULHO (Peroração)..... | AFRANIO PEIXOTO. |
| UM GRANDE PINTOR BAHIANO..... | ACÁCIO FRANÇA. |
| A FORMAÇÃO MODERNA DO BRASIL..... | RENATO ALMEIDA. |
| AS MULHERES NA ARTE DE DI CAVALCANTI..... | FRANCISCO GALVÃO. |
| UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA NA BAHIA..... | XAVIER MARQUES. |
| O THEATRO SÃO JOÃO..... | REDACÇÃO. |
| 1823 — CENTENARIO DA BAHIA. | PEDRO CALMON. |
| PASCAL | REDACÇÃO. |
| PRESCILIANO..... | RAFAEL BARBOSA. |
| NOTAS E COMMENTARIOS..... | REDACÇÃO. |
| CALCANDO PRECONCEITOS | ZORAYDA BRAGA. |
| NOTULAS | REDACÇÃO. |
| PORTUGALIA..... | REDACÇÃO. |
| REPERTORIO | REDACÇÃO. |
| A BAHIA EM ALGARISMOS..... | REDACÇÃO. |

EXCERTOS DE

Manoel Querino, Alberto Rangel, Afranio Peixoto, Sebatião da Rocha Pitta, Constancio Alves,
Guglielmo Ferrero, Joseph Bertrand, Guilherme de Mello Souza Costa,
Jorge Monjardino e Julien Benda.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil. 10\$000
Para o Exterior 12\$000

VENDA AVULSA

Numero do mez 1\$000
Numero atrasado. 2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

R. O DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1223

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 19



RIO DE JANEIRO - JULHO, DE 1923



ANNO II

A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA

A pagina, que damos abaixo, de Franklin Americo de Menezes Doria, Barão de Loreto, (1836-1906), historiador, poeta e politico notavel no Imperio, é uma fiel e viva narrativa da guerra que os bahianos sustiveram, até a aurora de 2 de Julho de 1823, pela libertação da Patria, do jugo estrangeiro. E' justo divulgá-la nesta hora de jubilo civico e de exaltação patriótica.

Proclamada a Independencia do Brasil pelo grande principe que esposára a causa della, não ficaram logo emancipadas politicamente as provincias, onde as autoridades superiores, civis e militares, continuaram a obedecer ás Côrtes constituintes e ao governo de Portugal. Essas provincias foram: o Piauí, o Maranhão, o Pará, a Cisplatina e a Bahia. Todas, portanto, mais ou menos, tiveram de lutar pela sua separação definitiva da metropole.

Afim de abater o predomínio do governador portuguez João José da Cunha Fidé, tomou as armas o Piauí, e muitos de seus filhos, em temerario recontro, pagaram com a vida o patriótico arrojo. No interior do Maranhão deu-se mais de um combate, por motivo do novo regimen, e tornou-se notavel o sitio que em Caxias aquelle official soffreu com a sua gente, obrigando-o a capitular. Na cidade de Belém do Pará tramou-se, a favor da nossa autonomia, uma conjuração, que se mallogrou em consequencia de aleivosa denuncia, sendo os seus autores duramente punidos. Para expellir de Montevidéo as tropas lusitanas, o Governo brasileiro impoz áquella praça rigoroso assedio e bloqueio.

Mas foi na provincia da Bahia onde a independencia nacional encontrou a mais viva resistencia, que ateou prolongada guerra.

Esboçarei este bello e preeminente capitulo da historia patria.

Desde que naquella provincia o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello, tomára illegalmente posse do cargo de Governador militar, concentrou nas suas mãos toda a autoridade, arrogando-se as funcções da junta administrativa. Subserviente ás Côrtes da nação portugueza, de accordo com ellas exercea a dictadura. Longe, pois de cumprir a carta regia de 15 de junho de 1822, pela qual D. Pedro lhe ordenára que se recolhesse a Portugal com as tropas do seu commando, Madeira de Mello persistiu em oppôr-se a que o Principe fosse reconhecido então como regente, depois como imperador.

A provincia da Bahia, porém, determinou-se a reagir, appellando para a revolução.

Esta revolução teve origem na villa de Santo Amaro, onde foi delineada por varões protestantes, convocados pelo corregedor Antonio José Duarte de Araujo Gondim em cuja casa se reuniram. Outras pessoas gradas, breve, lhe coadjuvaram a iniciativa, na vizinha villa de São Francisco, sob a direcção do juiz de fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos — Visconde de Monserrate. A todos animou, então, com a sua eloquente palavra, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquez de Abrantes, o qual acabava de chegar de Lisboa e fóra portador de uma carta que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra-Branca, e outros deputados pela Bahia ás Côrtes de Portugal endereçaram em commum ás municipalidades da provincia, consultando-as acerca da conveniencia e do modo de delegação do poder executivo no Brasil, assumpto pendente de deliberação daquelle Congresso.

Rompeu a revolução na villa da Cachoeira, promovida, além de outros cidadãos, pelo Coronel José Garcia Pacheco e o Tenente-Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, Barão de Belém. A Camara Municipal daquelle villa em sessão de 25 do mencionado mez de Julho, presidida pelo juiz de fóra Antonio Cerqueira Lima, acclamou, com o povo, D. Pedro de Alcantara regente constitucional e defensor perpetuo do Brasil.

Provocou este successo as hostilidades do commandante e tripulação de uma canhoneira de guerra, por ordem do General Madeira de Mello, estacionada no rio Paraguassú, defronte da

villa, afim de vigial-a; mas, depois de um tiroteio de tres dias, bateram os nossos o navio aggressor, que se rendeu á discreção. O exemplo da Cachoeira foi seguido successivamente pelas villas de Santo Amaro, de São Francisco, e as demais da provincia. Nesta, por conseguinte, não tardou em tornar-se geral a adhesão á regencia de D. Pedro, ficando circumscripta á capital a denominação portugueza.

Desde a primeira phase da luta, o desejo de revindicta abrazava a todos os corações. As mães mesmas embalavam os filhinhos com a popular cantilena:

"Acalenta-te, ó menino.
Dorme já, para crescer;
O Brasil precisa filhos;
Independencia ou morrer!"

Entretanto, os habitantes da Bahia, aos quaes D. Pedro em uma proclamação havia exhortado á resistencia, dispuzeram os primeiros meios de levá-la a effeito. Fortificaram-se alguns pontos do littoral, desde a entrada da Bahia até o reconcavo; ergueram-se presidios na ilha de Itaparica, reductos na villa de São Francisco, baterias nas margens do Rio Sergy, na ilha de Canaíba, na ilha dos Frades e noutras dos arredores, como ainda na costa da Saubara. Tamanho era o ardor com que se entendia em taes aprestos, que até os frades franciscanos do convento daquelle villa ajudavam ahí a carregar materiaes para construcção das obras de defesa.

Tinhamos carencia absoluta de armas e munições de guerra, mas os senhores de engenho suppriram em parte esta falta: fizeram arrancar as peças de bronze empregadas nas suas fabricas e montal-as em carretas, assim como fundir em projectis o ferro, o cobre e o chumbo das suas machinas e apparatus industriaes. Succedeu muitas vezes que as balas arremessadas pelos canhões das barcas portuguezas contra os defensores da ilha de Itaparica foram por mulheres e meninos extrahidas da areia da praia, onde se enterravam, e recambiadas pelos nossos artilheiros no meio de um nutrido fogo.

Na ausencia de qualquer tropa nossa, o Tenente-Coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde de Pirajá, depois de ter proclamado aos seus conterraneos, reuniu com a possível feição militar, os milicianos do districto do seu commando. A elles aggregaram-se

os magotes de indios, arrebanhados de aldeas diversas da provincia, e cujas mulheres os acompanharam nas refregas, como lembra o poeta-soldado, testemunha presencial da campanha:

"Occorre-lhe tambem falar d'aquelles.
Tupica multidão, nas flechas destros,
Que do arco teso, com vigor, travando,

As tabas deixam, mais que muito amadas.
E em tribus varias a reunir-se marcham
E a todos, quais na paz, seguem nos prelios.
Oh conjugal ternura! — as leaes consortes.
Que a estremos dados ancia põem inteira
Em ir com elles ao triumpho, á campá."

Apezar de bisonha e pouco numerosa, aquella rustica phalange sahia ao inimigo enriquecido na capital. Distribuida em guerrilhas, frequentemente o accommetia e dispersava até junto ás fortificações dos suburbios. Manejando o arco e a flecha, vantajavam-se ás demais as guerrilhas dos indios. Guiava-os um delles, de nome Bartholomeu, e appellidado Jacaré pela sua gente, o qual, não só então, mas até o derradeiro combate, mostrou o valor indomavel propria da sua raça.

Taes foram os preliminares da guerra da Independencia na Bahia.

Referindo-se á situação politica desta provincia, disse D. Pedro no seu manifesto de 1º de Agosto de 1822, dirigido aos brasileiros:

AO POVO BAHIANO

Recordando a quebra da resistencia do general Madeira, pela pressão da coragem heroica dos defensores de nossa independencia, a data de 2 de Julho, tão justamente cara á Bahia e uma das mais bellas da nossa historia, falla ao coração dos brasileiros como a gloriosa e decisiva affirmação dos nossos brios patrióticos. Que os descendentes dos bravos dessa jornada saibam sempre amar o Brasil com a mesma dedicação e espirito de sacrificio revelados pelos combatentes de 1823. Tal deve ser o nosso voto constante, especialmente opportuno hoje, neste momento em que a patria reclama de seus filhos a maior subordinação dos egoismos á preponderancia necessaria dos interesses da collectividade.

ARTHUR BERNARDES.

RUY BARBOSA

(Discurso proferido na sessão solenne da Universidade do Rio de Janeiro, em homenagem ao grande brasileiro)

Vivemos em um tempo maravilhoso, marcado pela violência das contradições. Paiz grande, de grandes desertos, nababo de riquezas ocultas, formoso de scenarios desconhecidos, risonho de alegrias mortas, farto de fertilidades abandonadas, poderoso de forças dividas, consiente de vontades torpidas, vigoroso de energias des-encontradas, douto de sabedorias minimas. "Paiz do absurdo, no conceito do primoroso Coelho Netto, fundado em minas opulentas, é pobre; emoldurado de ouro e prata, com dias de radioso sol e noites de argenteo luar, é triste; cortado de rios caudalosos, estala de sêde; coberto de florestas densas, pede o lenho de selvas extranxeiras; as suas terras ferazes não produzem para o seu sustento".

Era impossível assim livrar-se do peso doloroso do mais funesto dos contrastes vendo emmudecer, entre os ecos terminaes e ainda rumorejantes das ovações ao centenário da sua vida livre, justamente aquella voz apocalypticamente que, em toda a patria, fôra a que mais pelejou pela liberdade, a que mais resplandeceu na justiça, a que mais aformoseou o direito, a que mais demoliu a oppressão, a que mais illuminou a verdade.

Por seu lado, esse homem unico, maior do que o seu povo, do que o seu tempo, até do que as suas ambições, foi um continuo, um admiravel, mas tambem um incomprehendido e um inadmissivel contraste na vida da nação que, succumbida no negrume da enorme e extensa ignorancia, surpreendeu o mundo, gerando de si a maior cerebração universal. E esse homem, minguado no aspecto e gigante no entendimento, capaz de desaparecer pelo reduzido de suas formas num pequeno ajuntamento de porte commum engrandecêra tão mythologicamente que transbordou do immenso territorio em que nasceu, nelle não pode caber e, por ironia do destino, apollado e victorioso, alcançou elle só povoar um paiz des-povoado, criando com o lustre da sua vida a alma nacional.

Excelsa verdade esta de que o antagonismo entre o individuo e o tempo que o viu, mas não apreçou; o desacordo entre as idéas e o ambiente que as inspira, mas não as recebe; a desharmonia entre o apostolo e a turba que o admira, mas não o segue; o divorcio entre o libertador e o opprimido que o reclama, mas não o recompensa, justificando o julgamento rude que o explorador famoso formulou num calculo depreciativo de grandezas comparadas, affirmam bastante que da reverencia especial aos raros typos de immortalidade humana resulta o proveito de um exemplo impressionante e de uma lição profunda.

Pouco mais de quatrocentos annos têm dado ao Brasil diversos vultos de excepção; raros, porém, conquistaram as honras de pioneiros da nacionalidade. Se o patriarchado historico, pelo consenso dos contemporaneos e dos posteros, fixou-se no luctador pela independencia, a justiça reclama que o procuremos tambem em outros momentos da vida do paiz.

Tanto quanto José Bonifacio, cabe o titulo de patriarcha da Independencia, ao bandeirante Gaspar Rodrigues compete o de patriarcha da conquista, ao intrepido Jeronymo de Albuquerque o da bravura, a Euzebio o da Redempção, a Rio Branco o da Integridade territorial, a Pedro II o da dignidade politica. Mas, Ruy Barbosa nesta terra desbravada, nesta terra integra, nesta terra indomavel, nesta terra redimida, nesta terra livre, e nesta terra dignificada, é igualmente o patriarcha da intellectualidade que elle criou e elevou ao primor e á perfeição mysteriosa, essa irradiação deslumbrante, essa accção estupefactiva, que, sobre os da sua época tiveram todos quantos personificaram os attributos patrioticos.

Entretanto, acima de qualquer dos outros, Ruy Barbosa viveu o pensamento da nação, para que ella comprehendesse os seus pro-ceres, glorificasse os seus feitos, defendesse os seus principios, fruisse as suas realizações. Para tanto, fulgurou na genialidade, embóra doendo nos que a sentiam sem a explicar, sem a permittir, sem a proclamar. Triste e dolorosa lição a das figuras que perturbam pelo colosso das proporções a mediocridade dos enfezados.

O ensinamento com que a solenne oportunidade de agora adifica os discipulos e obriga aos mestres, é mais uma hora de recolhimento meditativo e aperfeiçoador do que uma rememoração galar-doante. Não se necessita replicar ás restricções com que o arrojado atrevidos tenta depreciar a accção formidavel deste homem impar, que pagou á mesquinhez de sua era o peccado da sua grandeza.

SOROR JOANNA ANGELICA DE JESUS

Não esqueçamos nas commemorações desta hora de jubilo, a gloriosa martyr da nossa independencia, Soror Joanna Angelica de Jesus, victima do brutal attentado do Convento da Lapa, a 20 de Fevereiro de 1822. Já andava accessa a luta entre o partido nacional e as tropas portuguezas na Bahia, chefiadas pelo famoso general Madeira de Mello, que, em 2 de Julho do anno seguinte, haveria de fugir, derrotado e humilhado, depois de ter marcado com uma triste fama o seu nome, quando o brigadeiro lusitano implantou um regimen de terror, com que acreditou talvez estrangular o patriotismo dos bahianos, sujeitando-os a um jugo ferreo. Não conseguiu mais do que exaltar o espirito nacional, numa ansia que se media pelo sacrificio. Foi num desses conflictos, em que a soldadesca desenfreada se entregava a toda sorte de desmandos, insultando, depredando e injuriando, que a tropa, sob a falsa allegação de que atiravam de dentro do convento da Lapa (falsidade que Madeira repete no officio de 7 de Março de 1822 ao governo de Lisboa) entrou nessa casa sagrada, arrombando as portas do edificio. Parou ante o portigo, que se abriu, apparecendo então a figura da Madre Abadessa, Joanna Angelica, que, num gesto de serena energia falou áqueles soldados possessos: *Delende-vos, barbaros! Aquellas portas caíram aos vaivens das vossas alavancas, mas os golpes dos vossos machados, mas esta passagem está*

Ainda correrão, por muito, os tempos, até que seja bem julgada essa figura incomparavel; agora, pela sua falta, alcançar-se-ha o quanto ella representa, maxime para uma collectividade atordada, empobrecida de idéas e embragada de desejos. Os do hoje, não estimarão bastante o quilate das suas excellencias, tão pouco, apesar do seu poder de illuminado, penetrou elle na indifferença da sua época. Em quarenta annos de palavra trovejante, de accção indomita, de exemplo fecundo, de vida batalhada, de principios avançados, de fé profunda, não acertou transformar a feição de sua gente.

Em 1885, já adiantado precocemente na sua trajetoria de arrebol Ruy Barbosa fulminava: "o campanario sem escola, com o seu horizonte de legua e mais, a sua ignorancia de patria, as suas intrincas de zoolheiro, a sua politica de comadres, o seu pessoal de rúbulas, a sua medicina de emplastos, a sua consciencia de feitiços, a sua religião de manipanços, a sua litteratura de folhinha, a seu commercio de cevados, a sua industria de tamancos, as suas finanças de meia pataca, os seus partidos de confrarias, as suas idéas de cartilha". Em 1920, transportando o occaso purpurado de sua existencia peregrina para junto da mocidade de que era o padroeiro profissional, balanceando os serviços e os esforços lembrados com a melancolia dos desilludidos, exclamou amargamente: "Preguei, demonstrei, honrei a verdade eleitoral, a verdade constitucional, a verdade republicana... as tres verdades não podiam alcançar melhor sentença no tribunal da corrupção politica do que o Deus vivo no de Pilatos". Assim, como uma inutilidade, consumiram-se os 40 annos de predicação luminosa do inspirado cujas convicções debatiam-se no tumulto da paixão politica, a politica que o buscava para o abandonar, que o seduzia para o molestar, que se adornava com os seus prestimos para retribull-os com as suas miserias, e que o martyrizou, desprezou, exgottou, golpeou de morte, naturalmente porque aqui, como em toda a parte, na definição de Agostinho de Campos, essa politica sempre foi a arte de fazer passar o contrabando dos interesses sob a bandeira dos principios.

Então, resoando pelo ambiente suffocante de conveniencias, o seu verbo dardejou em pleno Senado contra o dedo intimativo do tyrano que promulga ordens, mas nunca confundido pelo mundo "com o dedo austero do pregador que annuncia a verdade, com o dedo bemfazejo do semeador que semeia as idéas, com o dedo vigilante do piloto que mostra os escolhos".

O acaso generoso, na prodigalidade com que acumulou de dadas a nossa terra esplendorosa de natureza, antecipou de muitos annos o dom admiravel que foi essa excelsa cabeça, cuja aureola de genio offuscou para muito além das fronteiras da patria. Não importa que a não tivéssemos comprehendido; não pudéssemos aproveitar as regalias de liberdade e de direitos que a sua predestinação traçou como um estuario do futuro no texto da nossa carta fundamental; não alcançássemos todas as idéas; esta federação emancipando unidades infantis sem perceber as parcelas robustas entumescendo na independencia; essa direito de opinião tocando á anarchia das doutrinas e á corrupção dos costumes, esse suffragio universal construindo, com a argamassa do analfabetismo, a democracia dos incapazes. Não importa; o que elle pensou, o que elle disse, o que elle exerceu, o que elle fez, o que elle campeou e o que elle impoz já entrou para o patrimonio das nossas maravilhas.

Mesmo que a usura dos seculos ou a insanía dos homens arraste a nação para a decrepitude e a leve ao marasmo dos povos agonizantes, do Brasil se dirá eternamente que é a terra dos encantamentos e das magnificencias naturaes, a terra dos grandes rios, das grandes montanhas, dos grandes horizontes e dos grandes céos e que por sobre toda essa terra, na evocação de Ruy Barbosa, nunca deixará de viver a fulgida lembrança de uma palavra mais fragorosa do que aquelles rios, de um pensamento mais elevado do que aquelles montanhas, de um espirito mais largo do que aquelles horizontes, de uma fé mais pura do que aquelles céos.

Fernando de MAGALHÃES.

*guardada pelo meu peito, e não passareis senão por cima do cadaver de uma mulher! Mal não proferira essas palavras, uma baionetada lhe varou o peito e rolou ensanguentada, enquanto a tropa furiosa penetrava na clausura. Accorreu, espantado, o capellão do convento, Daniel da Silva Lisboa, tambem maltratado a baionetadas, enquanto os barbaros devassavam a Casa santissima. Naquelle local, cairá a primeira heroína da nossa independencia e, para sagral-o, o Instituto Geographico e Historico da Bahia fez inaugurar, no centenário do seu martyrio, uma placa com os dizeres: *Urbi et orbi*, 20-2-1822. Neste dia e neste logar tombou heroicamente a madre Joanna Angelica de Jesus. Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia, em 20-2-1922. URBI ET ORBI. Publicou então o prof. Dr. Bernardino de Souza, benemerito secretario perpetuo desse Instituto, uma interessante monographia sobre Joanna Angelica, em que estuda o nefando crime sob todos os seus aspectos, refutando definitivamente os historiadores portuguezes, que pretendem attenuar o attentado, sob falsas allegações, cuja improcedencia demonstra de um modo irrefutavel.*

Corrige tambem as varias versões mais ou menos fantasistas que correm nas nossas historias sobre o factó, que relata-mos acima, extraído das conclusões desse estudo, que é uma das melhores homenagens á gloria perpetua da santa Heroína, que glorificamos nesta data, entre os demais que soffreram e morreram pela Patria livre.



2 DE JULHO

UMA PERORAÇÃO

(Do discurso no Instituto Historico e Geographico)

Logo que os sitiantes souberam da evacuação da praça, dispuzeram-se a entrar na cidade. Por volta do meio dia, dia 2 de Julho, faz hoje um seculo, pela Lapinha, uma das divisões, outra pela estrada dos Brotas, outra pelo rio Vermelho, penetram na Bahia. Lima e Silva commandava na frente da primeira divisão. Arcos de folhagens armados ás pressas, pelas freiras da Soledade, vingaram a afronta que receberam, no martyrio de Madre Joanna Angelica. Os soldados vinham da campanha, cansados, maltrapilhos, doentes de sezões, para encontrar uma cidade privada de socego, de viveres, de protecção. A ordem e a disciplina não faltaram aos vencedores, a resignação e a alegria aos que os recebiam. Todos venciam porque a causa da liberdade prevalecera, conseguida com muito esforço de vontade, fadigas e privações sangue e morte.

Esse 2 de Julho marcava uma era nova para o Brasil, que na paz se ia refazer do cansaço e das feridas e ia fazer, na vida nova, a nacionalidade pela maioridade politica que começava. A Bahia encerrava o ultimo acto doloroso; ajudara a Pernambuco, a Parahyba, o Rio de Janeiro, até Minas, embora chegasse tarde o seu batalhão. Delamare e Lord Cochrane, foram auxilios efficazes, barra fóra; Labatut, Lima e Silva, Barros Falcão, representam os grandes auxilios do centro e das provincias irmãs... Resta o que foi dos bahianos, que é o mais e o melhor. Essa Junta de Cachoeira, organiza um cháos e faz um Governo e um Exército uma revolução e uma victoria. Esses municípios bahianos, Cachoeira, Santo Amaro, S. Francisco, Maragogipe, Inhambupe, Abrantes, Nazareth, Jaguaribe... se revelam com tal força de cohesão solidaria, para o bem commum que lembram as cidades gregas reunidas no mais admiravel prodigio antigo contra essa Trova, poderoso symbolo da Asia ante a Europa futura, representada por alguns isolados burgos helenos que se congregam para esse triumpho da "Hilada". A intelligencia de acção cabe a esses Cyprianos Barata, Antonio Ferreira França, Lino Coutinho, Acavaba de Montezuma, Miguel Calmon... representativos de tantos demolidores e reconstructores de instituições politicas e moraes. São a "mens agitat molem" virgilianas. Os potentados e chefes, os senhores de engenho, os ricos homens, rivalizam de ardor, de abnegação, de generosidade, de desprendimento a haveres, dando viveres, fazenda, equipando, commandando, combatendo, com a arrua miuda que, sem roupa, sem armas, sem instrucção militar, sem saude ás vezes, tremendo de sezões... chegam em ceroulas, tanto não têm roupa, desaparecidos, tanto não tem meios de lucra, chegam a esperar que morra um companheiro, para se apoderarem da arma abandonada e entrar em combate, dando então o sangue e a vida á Patria, pois que não têm mais que lhe dar! São as mulheres que dão as suas joias á Imperatriz, para as despesas da guerra, como as crianças que querem dar tambem o seu animo, quando ainda não têm forças... é todo um povo sem distincção de sexos, idades, condições, raças, riqueza, posição... que essa guerra de Independencia, congrega no seu primeiro esboco o Povo Brasileiro... Teria mostrado sua existencia já, na invasão hollandeza, mostrará sua dignidade na provocação paraguaya... é ahi, porém, que se revela sua maioridade civil... a maioridade nacional!

Os factos impressionantes avultam na memoria... E' o martyrio de Madre Joanna Angelica que abre corajosamente as portas do seu claustro para impedir que a impiedade o profane, e tomba victima da sanha da multidão, impedindo os outros previstos sacrificios... São os Doze de Itaparica, os heroes que no Funil de têm 200 homens, barcas, canhões, mosquetes e lembram que não ha sómente "doze de Inglaterra", apenas lhe faltou um cantor de sua bem maior proeza. E' Pedro Jacome, de espada nua, perdida a fórma, penetrando até á linha inimiga, no encontro da morte... E' José Constancio Coelho, um menino quasi, sem farda, sem arma, que põe o talabarte sobre a baeta paizana e com um mosquete apanhado no campo, bate-se como um bravo. E' o sargento Felix Mendes, com a fronte aberta, que fica no seu posto e insiste em commandar o seu pelotão... E' Argollo Ferrão, é Pedro Ribeiro que cumprem ordens arriscadas ou tomam ousadas iniciativas, das quaes dependem a sorte dos combates. E' Maria Quitéria de Jesus, menina honesta, de boa familia sertaneja, lida em cavallarias andantes, que se alista soldado, sabe respeitar-se e bater-se, a ponto de ser promovida a Alferes por Labatut, no campo de batalha, depois condecorada pelo Imperador... animosa bastante para escalar uma trincheira, fazer prisioneiros, desarmar-os e os recolher ao acampamento... E' o clarim Luiz Lopes que vence uma batalha com essa cavallaria ficticia, que um toque de avançar e degolar chamam para a nossa gloria. São os homens de cor, de Manoel Gonçalves da Silva, que só desejam e conseguem as posições arriscadas na frente, durante a guerra, e que no dia da victoria entram na Bahia na retaguarda, os ultimos, porque os heroes que não temeram a morte na batalha, temem na paz a humilhação de

passar sob o arco de triumpho descalços e maltrapilhos. E' João de Oliveira Botas, cujos feitos obrigam a promoções por bravuras consecutivas, tornado o lendario heroe do mar, que no dia 2 de Julho irrompe pelo forte de S. Marcello para salvar com 21 tiros a bandeira nacional, que os presos do forte de S. Pedro ahi recolhidos, no segredo dos seus calabouços, fizeram longamente pedaco a pedaco, dando ao pendão auri-verde — não tinham mais que lhe dar... a luz das suas enxovias, a cor de sua esperanca... São todos os heroes e bravos que a Ordem do Cruzeiro, criada para recompensar ao Imperador, commovem, a ponto de criar valor militar e patriotico na guerra de Independencia da Bahia... São outros muitos ainda, como esses, cujos nomes se recordam, como aquellos que foram condecorados, os soldados sem nome, os heroes desconhecidos, brasileiros, tapuyas, africanos, portugueses, que serviram e sofferam e deram o sangue e a vida para que nós tivéssemos uma Patria...

Foi tal a nossa lucta pela Independencia. Os successos posteriores, de um seculo, o surto economico de S. Paulo, a preponderancia que Minas, São Paulo, Rio Grande, adquiriram na Republica, nos perturbam agora a visão exacta dos acontecimentos... Miguel Calmon, o III, aqui mesmo nos mostrou que, em 1822, o norte era o principal do Brasil, dous terços da sua actividade util... e a Bahia era a primaz do Norte: seu commercio exterior era maior que o do Rio, onde Minas vinha ter, e dez vezes superior a São Paulo, que ainda esperaria o fim do segundo Imperio, para a ascendencia... Era pois ahi que os Lusitanos accumulariam seus elementos de resistencia: ahi, chegada a hora de necessidade, isolaria a parte principal do Brasil a defender, perdido o sul, onde o proprio Governo conspirava contra a coroa e ia fazer uma revolução governamental...

Os povos das capitaniaes do sul teriam apenas de adherir ao movimento, que foi feito de successivas aclamações... Os povos da Bahia tiveram de luctar contra e dentro de si mesmos: a campanha da independencia teve ao norte um aspecto doloroso de guerra civil. Eram irmãos contra irmãos, pais contra filhos, que luctavam. Do nosso lado tivemos portugueses, que tomaram a nossa causa e foram nas suas convicções, a que deram sangue e vida, dos mais heroicos e dos mais bravos. Do lado opposto, ficaram brasileiros, a quem não renegaremos, pois que ainda contra a liberdade e o patriotismo rendiam preito á constancia e á lealdade. Do nosso character de Bahianos está á frente essa virtude, a primeira das virtudes moraes, porque presuppõe a memoria do coração... e a memoria é toda a vida moral... é a tradição, é historia, é gratidão... é a raça, e a familia, são nossos pais, é a nossa Patria... é Deus, que se não esquece nunca...

Nós Bahianos, sempre e até contra o nosso interesse, e contra o perigo até da força, nós não esquecemos, nós somos fieis. José Bonifacio é exilado do Governo, do Parlamento, da Patria, levam-no no mar em fóra numa phalua que, de agua tanta que fazia, devia deixal-o no oceano... O Brasil amaldiçoado e o esquece, a esse Andrade que lhe deu a Independencia... mas a Bahia lembra e, duas vezes, nos comícios eleitoraes duas vezes Bahia, que de tanto Bahiano illustre não recorre jámais a outros patricios que a representem, a Bahia arrosta a prepotencia do despota imperial e dos ingratos que o impellem a eleger seu José Bonifacio. A proclamação da Republica, no Rio, é uma parada; na Bahia, será uma victoria; nós não adherimos, nós vencemos ou somos vencidos. A politica decreta a exclusão de Ruy Barbosa, e, embora custe sahir de um partido omnipotente, esse Partido unanime de vinte e uma brigadas politicas, o Partido Republicano Federal, a Bahia se isola, dispõe-se ao ostracismo, mas guarda Ruy Barbosa. Não leviana, mas reflectida, leal, constante, fiel; não adhesista, sem memoria nem convicções, mas tradicional, mas agradecida, mas sempre lembrada...

Como nos custaria a nós esse drama pungente da Independencia! Só nos consola é que foi para nós uma guerra civil e havia Portuguezes entre os que desejavam uma Nação Brasileira, e Brasileiros entre os que amavam até o martyrio a patria da sua patria, esse Portugal que nos criou e ainda e sempre paternalmente nos ama... Tivemos de luctar contra os outros; na Bahia, tivemos de batalhar dentro de nós mesmos, dilacerando o coração.

Derramamos sangue, o nosso sangue... só por isso que nos trazamos no caminho, só por isso chegamos tarde á festa... Mas tambem, Brasileiros do Brasil inteiro, que me ouviris, mas tambem se depois de 2 de Julho de 1823 é que sois livres... completamente, realmente livres... E isto, isto foi dada da Bahia á Independencia do Brasil!

Afranio PEIXOTO

UM GRANDE PINTOR BAHIANO

Este trabalho foi escripto, quando da exposiçào do grande mestre, em 1918, e encerra um criterioso estudo sobre a sua obra de indiscutivel merito:

Tenho frequentado, diariamente, a exposiçào Lopes Rodrigues.

Alli, passo horas a fio, em mudo recolhimento, entregue a reflexões.

Sucedem-se os visitantes, o escòl da Bahia não tem faltado, felizmente, a essa homenagem posthuma, que se tributa no coripeu dos nossos artistas. E para maior encanto daquelle santuario de arte e espiritualidade, bandos e bandos de gentis senhoras enchem o ambiente do perfume da sua graça.

Ponho-me a escutar attentamente tudo o que dizem os commentadores. Esses, na mór parte criticos por intuição, registram, sem reboços nem arrebiques de erudição pedante, apenas quanto lhes vai n'alma, ante as diversas télas. Esse juizo é dos mais sinceros, mais proficuo que o de certos pedagogos, a quem, em taes lugares, uma cousa, unicamente, preoccupa: fazerem constar a toda gente que leram Taine, manusearam Ruskin, compulsaram Winkelmann. E, afinal, não dizem nada porque nada sentem.

A opinião popular, nessa materia, mede-se com a dos sabios, que é magico pendor da arte communicar-se, não sómente a iniciados, mas a profanos, tambem. As virgens de Raphael ou de Murillo dão que pensar aos philosophos, fazem orar os incultos.

Falho de meios para julgar melhor que o povo, por sua cravelha afino os proprios conceitos.

• • •

E' grande a exposiçào: maior jámais vio a Bahia de trabalhos de um só pintor. Oitenta e tres quadros, além de 20 "pochades" e desenhos, são o bastante para que se possa avaliar, á justa, o quilate do artista, no engenho das concepções, possança da technica, variedade de genero.

Conhecia da pintura os mais intimos areãos, praticando, com talento e a primor, o retrato e o nú. A paizagem, a natureza morta não lhe eram assumpto de especial dedicação: quando as tratava, porém, com felicidade o fazia.

A primeira inspecção, verifica-se que Lopes Rodrigues era, acima de tudo, retratista. Sua obra é uma vasta galeria de retratos.

A representação da fórma humana tem sido a constante aspiração dos mestres, em todas as idades. O homem é o fim da arte, o mais: accessorio, meio, fundo. Cellini affirma, até, que "o ponto importante da arte do desenho é o fazer bem um homem e uma mulher nus. O nú, entretanto, não constitue só, por si, a arte mesma, carece de algo mais: "Sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da fantasia.

Era Lopes Rodrigues de impecavel minúcia na cópia dos modelos, com esse esmero de traços, que vão além da anatomia, chegam a psychologia. Hajam vista aquelles admiráveis estudos, cabeças e perfis: *Velho Martelais, Retrato do amigo Fernando de Carvalho, Baccho, O Velho Gasparado, S. Jeronymo, Cabeça de Velho, Cabeça de velho, Perfil de mulher*, e muitos mais, joias de expressão.

Superiormente inspirado, de irreprehensivel factura revela-se no genero "composição". *Dous néos* desperta-nos tamanha emotividade que nem sequer temos tempo para examinar o valor da execução. Quem se não sente tocado ante aquellas duas creaturas, viuva e filha, que vem de receber a communhão, a primeira a seismar, a segunda rezando, á sepultura do esposo e pai. Isso e mais a suavidade da paizagem, sob calmo céu gris, são de um sentimento inimitavel.

De não menor excellencia, *Sans Soucci e Orchestra ambulante*, onde o artista, sem o querer ou, talvez, de industria, fez o contraste de duas juventudes. *Sans Soucci*, garoto bretão, de dez annos presumiveis, aspecto saudavel, confortavelmente vestido, gorro á bandada, mãos nos bolsos, é a pessoa mais feliz deste mundo, ali sentado sobre os restos de um carro de mão; sem cuidados, tem o ar sadio das crianças fartas e bem tratadas ressaé, á maravilha, do fundo de uma linda coloração de sol. Em *Orchestra ambulante* depara-se-nos, tambem, um rapaz, mas, como é differente de *Sans Soucci*! Pelo semblante valetudinario, anteparece um ancião cansado de soffrimentos. Trabalha para viver, ou, antes, (quem sabe?) para o ócio dos outros. Esgotado, faminto, atrai-se áquelle passeio, cedendo á fadiga, ao peso do bombo, dos pratos, da macêta, da sanfona. Um desses typos, muito communs, na Europa, de pequenos desgraçados, victimas de exploradores, que, não raro, são os proprios pais. O cão, festeiro e amigo, que parece estar a apeteer um naco da brôa endurecida, é uma nota consoladora em meio de tanta desventura.

Tonalidade discreta, muito a par da idéa.

Os "interiores", não são muitos. esses poucos, porém, bastariam para firmar uma reputação: *Interior de cozinha, Antiga capella do Castello de Vitré, Prisoões do Castello de Clisson, Domingo de manhã*.

Aos dessa qualidade, sobreleva, em perfeição, *Meu atelier de Paris*, premiado, com medalha de ouro, no "Salon", de 1895. E', realmente, notavel, pela rigorosa perspectiva, exactidão, intelligencia no arranjo, riqueza de colorido;

Tive impetos de abraçar o Sr. Governador, quando o vi adquirir *Meu atelier* para o Estado.

Só á Bahia compete guardal-o, como documento flagrante da vida do illustre filho; foi naquelle recanto sagrado que mais inspirações tivera o seu talento; é bem o capitulo mais eloquente das memorias d'elle.

"There are more things in heaven, in earth Horacio, than are dreant, in your philosophy."

Não sei explicar por que, mas recito Shakespeare todas as vezes que contemplo *Adieu*. Tenho, para mim, que é a obra prima de Lopes Rodrigues. Ali, extravasou-se a quinta-essencia da sua esthesia. Aquella dama vestida de roxo, de olhar incerto, a descalçar a luva negligentemente, o mesmo titulo *Adieu* estão a mostrar como entendia a belleza e o mysterio.



Comprehendia-os á Emerson. A belleza não se confunde com o que vulgarmente chamamos bonito, elegante, chic. Só é bello o que nos fala á imaginação. A belleza é o proprio mysterio, por isso que é intangivel, escapa a analyses.

Diz o nosso João Ribeiro que "Nasce, por vezes, da contemplação de um quadro, um sentimento indefinido e subtilissimo para o qual não se acha expressão nem geito, que o traduza." E' assim *Adieu*. Que nos diz aquelle olhar? Amor, saudade, doces recordações, esperança? Dôr, queixas, amargas lembranças, desillusão? Arrependimento, remorso? Responde a tudo, sem dizer nada... *Adieu!*

Se me não fallecera autoridade, eu ousaria dizer que *Adieu* é a *Gloconda* do mestre.

Lopes Rodrigues, com verdade, foi um dos maiores pintores do Brasil e o primeiro na Bahia, em todos os tempos.

Acácio FRANÇA.

Industria fabril na Bahia

| Artigos: | Numero de fabricas |
|-------------------------------|--------------------|
| Fumos | 208 |
| Bebidas | 372 |
| Sal | 14 |
| Calçados | 351 |
| Perfumarias | 25 |
| Especialidades pharmaceuticas | 59 |
| Conservas | 10 |
| Vinagres | 97 |
| Velas | 16 |
| Tecidos | 58 |
| Café torrado e moldo | 159 |
| Cartas de jogar | 33 |
| Louças | 1 |
| Ferragens | 1 |
| Espartilhos | 1 |

A FORMAÇÃO MODERNA DO BRASIL

Conferencia realizada no "Instituto Varnhagen", na sessão solemne de
2 de Julho de 1923

A data memoravel de 2 de Julho de 1823, que celebramos gloriosamente nesta hora, é a festa inicial da nacionalidade independente. Sete de Setembro foi o gesto dramático e vigoroso, que empolgou e espantou pela rápida transformação operada; Dois de Julho, o termo vencedor do primeiro sacrificio da nação, para conquista absoluta da sua liberdade. Numa o desafio altaneiro — *Independencia ou Morte!*; — na outra, a luta, a refrega, a victoria radiante de Pirajá, a fuga do inimigo sitiado e a sua perseguição pelos mares afóra, desilludido de manter na Bahia, "o bauarte do imperio portuguez na America". Era a primeira gloria da nação constituida, porque o espirito nacional já vinha formado desde a luta epica contra os hollandezes, na qual, apesar da diplomacia solerte da metropole nos ter entregue ao conquistador, defendemos o paiz e revelamos a nacionalidade. É' innegavel que, no Brasil, foi a terra que fascinou o homem. Nem o Oriente deslumbrante e prodigioso, nem "as terras viciosas de Africa e de Asia" perfilharam o navegante audaz e destemido. Foi a natureza luzente e formidavel a milagrosa criadora da Patria nova, exaltando o realismo portuguez até alçar-o a um poderoso idealismo, através do qual sentia a predestinação da terra. Foi essa allucinante miragem, que enfeitou desde logo o escrivão Caminha, da armada cabralia, e conquistou para o Brasil os primeiros filhos. Filhos por adopção, é certo, mas cuja descendencia, nascida neste scenario barbaro e exuberante, de luz, de cor e de força, já traria a marca do deslumbramento. Seria imaginosa e sentiria no fogo do sangue novo a energia indomavel para conquistar e vencer a terra, a terra fecunda mas esquiva. Foi ella a deidade superior da theogonia brasileira. Criava, mas sacrificava, e essa imaginação fremente recriava sendo a fonte inesgotavel da eterna melancolia. Nella reponta o tributo á dor dos nossos pais, em cujos corações de navegantes a saudade era uma magia perpetua, uma contingencia do destino, sobre os oceanos lúrenes e infinitos. Mais uma vez a terra se vinga do seu desvirginador. Aguça-se em nós o desejo idealista, mas, á minima decepção, quedamo-nos melancolicos, não raro desilludidos. O impeto se esvaece, mas não se apaga a chama, que, de novo, rebrilha e é labareda, e é claro, e é incendio. Toda a nossa historia e a nossa vida mesma, repetem esses movimentos fulgurantes de exaltação e quedas rapidas de desanimo, o que as torna irregulares, sem duvida, mas de uma força admiravel, buscando, por uma impetuosa ascensão, a forma definitiva de sua psyché.

O movimento da independencia não refoge a esse imperativo categorico do nosso meio physico e espiritual. Novamente, o magre da terra. Si o principe não tivesse visitado as provincias de Minas Geraes e de São Paulo não se teria convencido da grandeza do paiz e não se empolgaria pelas suas forças prodigiosas. A natureza dominou-lhe o espirito, levando-o a chefiar a onda independente e apressar a libertação, que se faria, aliás, sem elle, ou mesmo contra elle. Incorporado á terra, D. Pedro se tornou o symbolo ardente do movimento criador. Audacioso e theatral, valente e apaixonado, foi o principe ideal para a fantasia da época, incandescida pelo nosso lyrismo e pela nossa revolta. Conseguiu assim dominar os anseios republicanos e, merce da influencia forte e benemerita do Patriarcha, implantou um regimen de sabedoria politica e larga tolerancia. O seu espirito irrequieto e turbulento, porém, se não adaptou ao meio e, quando pretendeu transformar a monarchia num caudilhismo, teve que ceder e encerrar no 7 de Abril uma serie de funestas e desabusadas experiencias.

A victoria dos patriotas de Labatut e Lima e Silva, auxiliados pela esquadra de Cochrane, foi o tributo de sangue a independencia nacional. Ninguém contesta que não fossem pueris as pretensões portuguezas de assentar na Bahia a sede do seu imperio para recolonizar o Brasil, mas é inquestionavel que se não fossem aquelles duros mezes de sitio vigilante e de sortidas victoriosas, a guerra se teria prolongado e reaparecido em outros pontos do litoral, perturbando a unidade e a vida do paiz. A luta se desenvolvia numa hora perigosissima, na hora das primeiras discordias, pois, como observa o nosso illustre historiador, Sr. Rocha Pombo, enquanto a independencia era uma aspiração estavam todos fraternizados, mas, no dia seguinte ao da aclamação do imperador, os homens ficaram divididos e as ambições latentes. Ao tumulto politico, que embaraçava o governo, accrescia a necessidade que teve de "attender á situação das provincias, sobretudo á da Bahia, que era o motivo de suas mais ansiosas preocupações". Na cidade do Salvador, o General Ignacio Luiz Madeira de Mello, de sombria recordação na nossa historia, com 10.000 homens de exercito e 20 navios de guerra, assentara a bandeira lusitana e esperava, dilatando a sua occupação militar e attingindo outras provincias, tentar a restauração do imperio portuguez no Brasil. Cercava-o o Exercito Paci-

ficador, formado de patriotas e abnegados bahianos, que, desde Junho de 1822, se congregaram em torno do Principe, reagindo contra a attitude insolta do lugar-tenente lusitano. O sitio apertava-se vigilante e todas as sortidas de Madeira cortadas, em terra e no mar, onde a esquadra de Cochrane, desde Maio de 1823, se postara alerta. A luta era denodada, com episodios empolgantes e grandiosos, como aquella defesa memoravel da foz do Paraguassá, em que as mulheres bahianas, com a agua até os peitos, tendo á frente Maria Quitéria de Jesus, a nossa heroína surprehendente, combateram até o triumpho.

As divergencias, porém, no Exercito Pacificador, difficultavam a sua eficiencia, até que Lima e Silva substitue Labatut, resolvendo-se assim a pertinaz crise no commando brasileiro. Por fim, desilludido dos recursos esperados de Lisboa, convencido da inutilidade de sua permanencia na Bahia e, na perspectiva de uma inevitavel derrota, Madeira resolveu abandonar a cidade, depois de assegurado o embarque da sua gente, mas com o intuito perdido de armar, sob a capitulação honrosa da Bahia, o ataque ao Maranhão e ao Pará, o que fracassou pela vigilancia da esquadra, tendo o Capitão John Taylor, por ordem de Cochrane, perseguido o general portuguez até á barra de Lisboa, fazendo ainda presas. É a victoria radiou em 2 de Julho, quando, ha cem annos, os bravos do Exercito Pacificador, tendo á frente o General Lima e Silva, entrou na Bahia, entre o entusiasmo de uma população liberta e sob a aclamação de todas as boccas brasileiras num jubilo exaltado e tremente, victoria!

Com a fuga de Madeira, consumára-se a independencia. Estava liberto o paiz, do inimigo estrangeiro, contudo a luta se perpetuava. Era essa luta continua e infatigavel, que ainda sustentamos, um seculo depois do triumpho da causa independente, para encontrar a expressão propria do nosso espirito.

O brasileiro, não sendo filho da terra e vindo de tres sangues diversos e extranhos, em cujas taras dia a dia se multiplicam as influencias alheias, sofre o desequilibrio de uma lenta adaptação, perturbada a cada hora por contingencias imperiosas, de resultantes não raro desconhecidas. Não traçamos por isso o nosso destino e proseguimos na vida, como esses desbravadores das nossas florestas, que caminham sol a sol, por densas matas, por entre capoeiras e capoes, derrubando arvores seculares e abrindo invias picadas, ignorantes onde darão, por fim, naquelle oceano verde. Guardamos, porém, uma consciencia de grandeza, que é fé e confiança, inspira e fortalece, evitando o infecundo scepticismo onde naufragam as temperas melhor batidas. "A suprema belleza do paiz — escreveu o nosso grande pensador, Sr. Graça Aranha — deslumbra o homem nascido no seu mysterio, enfeitado pelo seu quebranto. Não estará nesse amor physico do homem e da terra o segredo do patriotismo brasileiro, que tem o sabor capitoso de uma união voluptuosa?" A primeira e mais decisiva manifestação dessa força está na unidade nacional. Essa mysteriosa união, que se não pôde explicar simplesmente pela mesma lingua, porquanto também a finham as colonias hespanholas da America e se subdividi-

O VERBO DE CASTRO ALVES

E sempre assim, para falar como ele, proceloso, magnifico, divino! Com esse verbo heróico e genial fez a campanha da abolição, maior que Pedro II, que Paranhos, que Nabuco, porque falas do trono, leis preparatórias, arengas parlamentares, não moveram tanto a opinião nacional, de adultos endurecidos no egoismo do interesse, como esses versos martelados em bronze, essas rimas estreladas de pranto, que se dirigiam aos adolescentes e ás mulheres, idade e sexo de entusiasmo e da generosidade, preparando então essa aspiração nacional — que não o era então — a abolição da escravatura, — mas que viria a sê-lo, de facto, dez a vinte annos depois. Os jovens brasileiros do tempo de Castro Alves, e depois dêle, tocados de sua graça, contaminados de seus arroubos liberaes, formaram duas décadas após, a geração dos libertadores.

Depois de servir á causa nacional com que foi o único poeta heróico que possuímos, ainda o genio lhe sobrou para servir á propria causa, coroando-se o maior dos nossos poetas liricos.

AFRANIO PEIXOTO.

ranas, tem talvez a sua razão de ser num phenomeno de ordem psychologica, antes que em motivos ethnicos, politicos ou sociaes. Tenho, senhores, que reside na idéa da grandeza da patria, que nenhum outro sentimento regionalista consegue sobrepujar, ou dominar. Reside na noção profunda e instinctiva, que tem o brasileiro, de que é filho de um paiz immenso e formidavel, fascinante na sua belleza sem par e epulento na sua fortuna prodigiosa, e ao qual consagra um extranho amor, feito de vaidade e de mysterio. Não se contentaria nunca em ser simplesmente amazonense, sertanejo, ou gaúcho, mas precisa manter inquebrantavel a harmonia, para unidos periclitante, mas que em creio solida, entre esse espirito de grandeza e os pendores das regiões onde cresce e se desenvolve. Vêde bem: a nossa ordem politica, desde que D. João III dividio a colonia em capitánias, tendeu sempre à federação, que a Republica consagrou, porquanto o regimen unitario, quer dos governos geraes, quer do reino e quer do imperio, não foi senão uma fórmula administrativa, incapaz de apagar os traços da delimitação regional. A idéa de estado se formou entre nos no dominio rural, onde não se procurava apenas o lucro, mas "antes de tudo, assegura o Sr. Oliveira Vianna, a situação social que da posse de um latifundio decorre, as regalias que delle provêm, a força, o prestigio e respeitabilidade. Defrontada por uma burocracia limitada e obscura e um commercio mal cotado e rudimentar, a alta classe colonial volta-se naturalmente para a lavragem das terras. Outro campo mais condigno não se abre á sua actividade". E, ainda hoje, a cellula da nossa vida publica, está no clan rural e "desses pequenos grupos sociaes, continúa o ecriptor, que têm como base physica as vastas sesmarias, os vastos campos cerealiferos, os grandes engenhos assucareiros e as grandes fazendas cafeiras, e que são os elementos estruturales e anatomicos da sociedade brasileira; desses pequenos grupos, estaveis, coesos, organizados, vivazes, e não dos "municípios" e das "cidades", e que depende todo o machinismo da nossa vida publica e da nossa democracia". Sobre essa base, a centralização iria apenas torçar a desagregação reaccionaria. O maximo de autonomia dentro de uma soberania parece o unico meio de manter uno o paiz immenso, matando os pruridos separatistas, pela necessidade de uma grande nação, mas sem o sacrificio do esforço particular de cada unidade.

A grande victoria do Brasil, que conquistamos dia a dia, numa peleja continuada, tem que ser obra de cultura. Precisamos transmutar essa vaga e singular expressao de grandeza, vinda da terra, que domina o homem, num sentimento superior e consciente, mais realista e menos lyric. Não consiste no esforço impossivel para estirpar o idealismo, senão na disciplina do espirito para evitar as conclusões extremas e imprecisas, em que tudo se transforma numa miragem, num engano e por fim numa melancolia. O proprio sentimento da immensidade apavora e essa grandeza geradora é rude e crudelissima. Pela cultura o homem se adaptará á terra, conseguirá desvendar-lhe todos os mysterios e apenas a belleza dominará, além da intelligencia, no seu perpetuo e seductor enigma. Conquistou-se a terra, mas o homem permaneceu escravo da fantasia instinctiva, abatido pela monstruosidade das cousas circumstantes, de cujo dominio o pessimismo e o exaggero de Burekle nos julgaram incapazes de libertação. Se não ha uma exacta realidade nos conceitos do sabio inglez, e incontestavel que para reagir contra essa "abundancia de vida" temos que vencer o instincto e fazer uma obra de intelligencia. So por ella conseguiremos uma civilização propria, que, gravitando no mais largo universalismo, guarde o caracter e os indices inconfundiveis do nosso espirito.

Até o presente, o esforço brasileiro, fecundado pela mais intensa fantasia, se tem desenvolvido numa continua progressão, incoherente todavia, e pela qual se busca, ora uma extrema perfeição, ora se deixa ficar num atrazo primitivo e inexplicavel. Para isso dous elementos perturbam intensamente o desenvolvimento: o primeiro é a influencia estrangeira. Aquelle se desenvolve na má execução das leis e dos regimens; na pratica instinctiva da arte de governar; na distribuição errada da justiça e nesse despotismo dos chefes de provincias, donos de todo o municipio e cidade, onde a lei é a sua vontade, o imperio irracional do seu capricho. Não cabe referir aqui todo o mal politico no Brasil, que, num seculo de independencia, ainda se não conseguiu vencer e que, mal esconde, no bovarismo das pomposas apparencias, a mesquinha realidade. Ao lado dessa corrupção, que temos forçosamente de dominar, não por meia dúzia de panacéas inuteis e empolladas, mas pela educação basica do povo, até desaparecer essa desalentadora percentagem de analfabetos, que nos ultraja e humilha; a par disso, o preconceito estrangeiro nos afasta das fontes verdadeiras da nacionalidade e seduz a nossa fantasia para esse ou aquelle momento de um dado paiz, cujas expressões vamos copiando apressados e inconstantes, por mais difficil que seja a enxertia, por maior que seja a aberração. Vêde, por exemplo, o que acontece com a architectura das nossas grandes cidades. Nada é nosso; nem estylo, nem adornos, nem caracter, nem motivos ornamentaes. Tudo, absolutamente tudo, é estrangeiro e só agora, numa feliz adaptação do colonial, se esbo-

A BASILICA DO SALVADOR

Elevada a Basilica, pelo breve de 16 de Janeiro deste anno, foi a Cathedral da archidiocese da Bahia, primeira do Brasil e da America do Sul, sagrada a 26 do mez passado, numa magestosa solemnidade, em que officiou S. Ex. Reverendissima Don Jeronymo Thomé, arcebispo primaz do Brasil, acolytado pelos bispos de Barra, Crato, Sobral e Garanhuns. Foi a velha Sé da Bahia, installada primitivamente, na capellinha de taipa, coberta de palha, construida no terreiro de Jesus, no anno da fundação da cidade, por Thomé de Souza, em 1594, pelo Padre Nobrega e seus companheiros da Companhia de Jesus. Não permaneceu ali, por muito, a Sé, pois os Jesuitas lhe cederam, a sua igreja, elevando depois á Cathedral e sede do Cabido. A igreja do Collegio dos Jesuitas, segundo nos informa Anchieta, construida por Mem de Sá, á sua custa, nella estando sepultado, é um dos grandes monumentos da nossa arte religiosa, toda feita em marmore e cantaria, de severa e imponente fachada, cujas pedras foram, como as dos Campos, tiradas da corôa de Itapatinga (Ilha de Maré). Sobre o arco cruzeiro, uma grande imagem de Christo, *Salvador do Mundo*, a quem Thomé de Souza consagrou a cidade que lhe tem o nome. No tecto, o emblema dos Jesuitas, com as iniciaes — I. H. S. — (*Jesus Hominis Salvator*) brasão dessa companhia religiosa, de tanta benemerencia na formação brasileira. No correr dos annos, soffreu varios reparos e ainda hoje não está terminada. Em 1706, o Marquez de Angela, temendo destruição mandou reforçar as paredes e demolir a torre até a cimalha; em 1754, o Conde de Anteguia fez construir novo paredão de sustento do adro, por ter o antigo fendas perigosas.

Para terminar o templo, faltam as torres e complementos ao frontespicio. No fim do seculo XVI, Gabriel Soares, assim a descrevia: "A igreja é de tres naves, de honesta grandeza, alta, bem assombrada, a qual tem cinco capellas muito bem feitas e ornamentadas e dous altares nas umbreiras da capella-mór. Está esta Sé em redondo cercada de terreiro, mas não está acabada da torre dos sinos e da do relógio, o que lhe falta e outras officinas muito necessarias, por ser muito pobre e não ter para a fabrica mais do que cem mil réis cada anno, e estes muito mal pagos".

Nesta igreja professou e morreu o grande Antonio Vieira, que esteve sepultado numa catacumba da Sacristia, até 1720, quando os seus restos foram exhumados e guardados numa urna, cujo paradeiro se ignora. Mas a sua cella é ainda hoje conservada religiosamente, tendo o Instituto Geographico e Historico da Bahia collocado uma lapide, evocando a gloria do maior orador sacro da lingua e que, ao Brasil, dedicou o maior vigor do seu genio incomparavel.

Jazem nas catacumbas da Basilica, Diogo Alvares Correia, o Caramurú, heroe das primeiras lendas brasileiras; Mem de Sá, "homem de grande coração, zelo e prudencia acompanhado de letras e experiencias em paz e guerra", terceiro governador general da Bahia e tio de Estácio de Sá, o fundador do Rio de Janeiro; Antonio Guedes de Brito, fidalgo portuguez, que foi mestre de Campo e governador da Bahia; o arcebispo Don Francisco de S. Damazo de Abreu Vieira; o Coronel Felisberto Gomes Caldeira, heroe da guerra de 1823, que entao commandou a Brigada da Esquerda; D. Romualdo Antonio de Seixas, conde e depois marquez de Santa Cruz, um dos maiores e mais sabios prelados brasileiros, tendo sagrado D. Pedro II, imperador do Brasil.

Quando os Jesuitas foram expulsos de Portugal e das suas colonias, pelo Marquez de Pombal, deixaram o Brasil e a provisao de 26 de Outubro de 1756 mandou passar para a Igreja do Collegio as attribuições da Sé, e desde então serve de Cathedral, sendo agora sagrada Basilica, a Pasilica do Salvador.

cam as primeiras tentativas de liberdade. No emtanto, é um prodigio de inspiração a nossa natureza, com as suas massas formidaveis, as suas disposições majestosas, as suas formas imponentes. A abundancia de motivos na flóra e na fauna é inestimavel e, apezar de tudo, continuamos curvados diante das plantas dos "ateliers" europeos. E a nossa arte, senhores? Algum preconceito lhe tem sido mais funesto, do que esse estrangeirismo avassalador e esteril? Aquella velha e prosaica comparação de Eça de Queiroz, de um jardim florido sobre o qual se tivesse estendido um tapete empoeirado, não é, para o nosso mal, exaggerada sequer. E, como somos imaginosos, vivemos elaborando sobre as leituras, os informes e as impressões superficiaes de viagens, certos de que estamos fazendo construcção perfeita.

Vencido o temor do homem, inspirado pela natureza, e conseguida a harmonia entre as suas forças intimas e imponderaveis, começaremos a fazer uma obra fecunda de cultura. Ainda não cessou o momento de assombro, sobretudo para o homem do interior, que vive numa luta tragica contra o deserto verde das espessas mattarias, contra as fortes correntes d'agua que, nas cheias, enxarcam a terra, contra os pantanos

e as feras, contra a gafeira do meio insalubre e barbaro. Vencido o espanto e vencida a melancolia, o que já deve ser esforço da intelligencia dominando o instincto, vingará então a cultura, sobre a qual temos que construir a nação. O seculo de independencia, cujo fecho celebramos hoje, com a mais ineffavel alegria, foi uma lenta conquista dos elementos dominadores do paiz, que agora nos cabe adaptar, fazer uma civilização propria, conjugando as suas forças vigorosas ás resultantes da cultura universal, numa grande e perfeita harmonia. Essa união será a victoria do nosso genio, contribuindo para a obra collectiva da humanidade e integrando-se no seu rythmo absoluto. Esse é o esforço que se apresenta aos nossos olhos de homens de estudo e de acção, desafiando, perigosamente, a nossa argucia e capacidade, para fazer uma patria, que represente uma civilização. Foi isso que faltou a Portugal, mas nós temos o dever de crear para a lingua admiravel que nos herdou, mesmo porque sobre nós pesa o maravilhoso destino americano. Embora nao sejamos autochtones, não é possível deixar de agradecer a Deus o presente desta terra deslumbrante, terra que é nossa, porque nós a conquistamos, porque nós soffremos o seu despotismo e porque nós a amamos enternecidamente. E, sendo americanos de uma parte do continente, onde o povoador era o homem primitivo e inculto, que não podia deixar, como as civilizações indigenas superiores dos Incas e dos Aztecas, monumento algum de cultura, temos nós de moldar com as proprias mãos a estatua de nosso espirito, ainda adormecida na materia descommunal, que começamos apenas a tocar. Mas, mesmo assim, já a marcamos indelevelmente e nesses traços se podem deparar indícios de nossa autonomia espiritual, forçando-nos a acreditar nella, com um sadio optimismo e, nas palavras do Sr. Jackson de Figueiredo, "mão grado a epopéa de pessimismo em que alguns de seus filhos, e, ás vezes, dos mais notaveis, julgam de seu dever patriótico, enquadrar todas as suas lutas, todos os seus esforços, todas as suas realizações"

A realidade brasileira, despida de qualquer exaggero, se nos depara como um espectáculo consolador. Ha uma busca desordenada, mas incessante, de grandeza e de aperfeiçoamento; ha um surto prodigioso de actividades e uma floração intellectual decisiva e forte. A nossa intelligencia e a nossa sensibilidade procuram se desprejar do artificialismo, para crear livremente dentro do meio admiravel que as fecunda. Volve-se, depois de perigosas experiencias, ás origens tradicionais da terra e se procura, por toda parte, reatar a continuidade historica e espiritual do povo, que a mania estrangeira tanto compromettera. E' certo que ha obices e ha arestas, que ha a temer a constante insidia de nossa melancolia, erros passados e actuaes, desequilibrios profundos e latentes, embaraços e difficuldades. Bastaria citar o contraste entre o admiravel surto economico do paiz e a sua perturbadora situação financeira. Convençamo-nos, portanto, que ha inimigos a cada passo, promptos a nos roubar a conquista alcançada, se não ficarmos vigilantes e atilados. Remover esses obscuros pedrouços, com que esbarramos no caminho livre, tem de ser a longa paciencia deste momento, que está a exigir sacrificios. A obra politica se orientará num sentido mais nacional, do contrario vai crear uma funta divergencia entre o estado e a nação, na qual a unidade directora do paiz será sacrificada. Ao revés de outros povos, cuja iniciativa particular é a mais absoluta, como acontece com os norte-americanos, para citar o exemplo mais significativo, fazemos depender sempre da protecção official, directa ou indirectamente, os nossos trabalhos. E, não sendo possível, ou pelo menos facil, evitar essa pendencia, precisamos manter constante a harmonia entre os dous elementos constitutivos da nacionalidade. E esse desequilibrio, entre nós, seria a confusão, que é preciso evitar. Não devemos exaggerar os nossos males politicos, com uma loquacidade romantica, mas procurar adaptar ás contingencias da época a nossa imprecisa ordem estatista, guiados por um criterio pragmatico, o mais razoavel em paizes novos e com directivas a definir. Só pela intelligencia conseguiremos uma critica exacta de taes valores e uma serena actividade para renovar-os. A monarchia, que se organizou sob os mais admiraveis moldes da época, não pode executar integralmente a ordem estabelecida, o que, afinal, era menos por sua culpa, do que pela irremediavel contingencia de um povo que evolue e transvia as normas talhadas pelos homens de gabinete. Na Republica se repetio o facto com intensidade ainda maior, por ser talvez mais rapido o desenvolvimento do paiz, resultando dahi a necessidade da revisão constitucional, que é hoje o mais sério dos problemas da nossa politica.

Vemos, pois, que a obra brasileira não é só um esforço de estadistas e letrados, mas tem que aurir as suas melhores energias no consciente nacional, no recondito do povo, diferenciado pelas estruturas regionaes, pelos centros economicos em que gravitam, pelos factores geographicos, ethnicos e sociaes. Essa larga construcção de elementos heterogeneos e esparsos, sob a ficção sagrada da unidade nacional, se tem de elaborar como obra de cultura, neste novo cyclo da historia do Brasil, que ha de ser o periodo do engrandecimento. Nem o unitarismo monarchico, nem o federalismo centrifuga da nossa constituição, mas uma harmonia que me-

lhor corresponda ás necessidades nacionaes, entre o poder central e as forças locaes, assegurando um equilibrio mais estavel para o futuro, eis a base sobre a qual o constituinte de amanhã terá de elaborar a organização do estado. A rapida conquista material e o crescimento do paiz é que estão nos ensinando a lei a seguir, e a progressão das forças creadoras tem que ser o rythmo de toda a ordem social. O erro das implantações e das cópias apressadas está demonstrado e a sua reparação nos dara um testemunho formoso da consciencia brasileira, exigindo que a obra politica seja a synthese dos seus pendores e das suas directivas. Já não é uma suggestão, é uma imperiosa vontade, que se faz disciplina, para vencer.

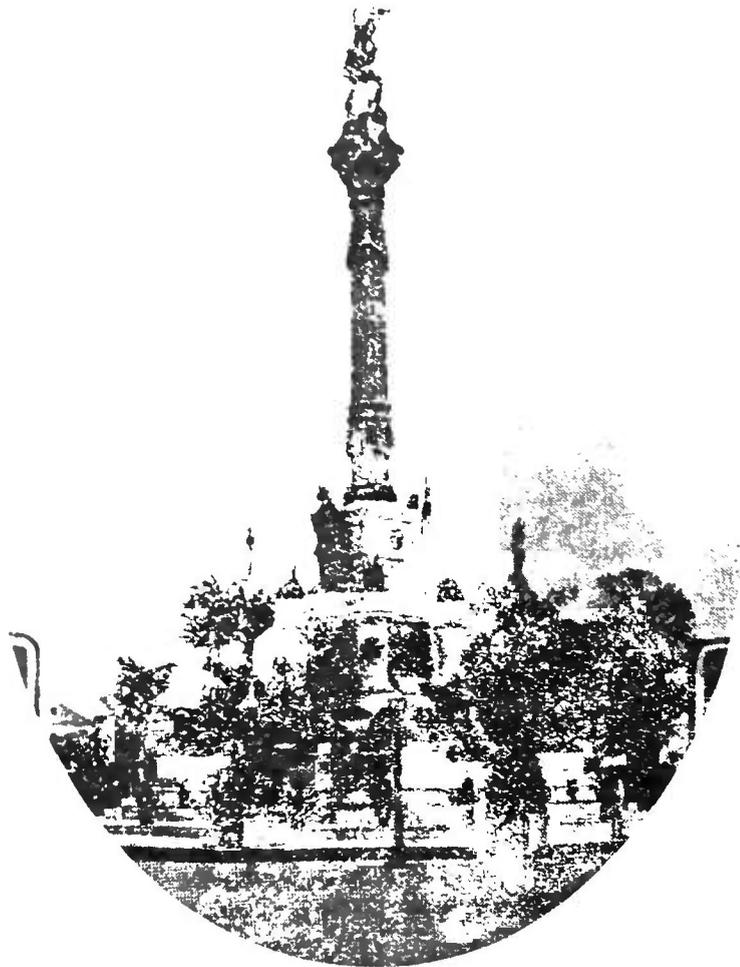
O valor homem precisa ser realçado no Brasil. Aquelle conceito de que o esmaga a natureza parece que muito o amesquinhou e, se se eleva, por vezes, num ardente mysticismo. logo se abate nostalgico e o retardo na acção contrasta com a fantasia fremente e vivaz. Ha uma volupia pela miragem e um certo desamor ao trabalho, um idealismo que só poderá ser proveitoso se servido por um constante realismo. A nossa criação, posto variada e excitavel, é, por via de regra, incerta e o descaso pelo fruto esmorece o cultivo da arvore. Não que haja nisso uma incapacidade psychologica para criar, que temos altos e significativos exemplos em contrario, mas porque necessitamos de uma permanente emulação, que será a obra collectiva da nacionalidade, num esforço supremo e decisivo. A victoria pelo impeto nos ha de empolgar sempre mais do que a pertinaz e demorada paciencia. Se somos assim, impulsivos e delirantes, se assim temos feito a nossa historia e creado o paiz, mercê da formação psychologica da raça e do meio physico abrazador; se somos descon-

A GRUTA DO BOM JESUS DA LAPA

Teve o Autor da Natureza, desde que creou o Mundo, ou depois que fez crescer as aguas do Diluvio, occulta até esse tempo, por seus incompreensíveis juizos ao trato dos racionaes, e só permittida á fereza dos brutos huma admiravel e grande lapa no robusto corpo de huma dilatada penha, que occupa um quarto de legoa e, circumferencia, cuja nase hãnhão as abundantissimas correntes do estupendo rio S. Francisco no seu interior Certão, duzentas leguas da Povoação mais visinha, não mostrando rasto, ou signal que fóra pizada, nem do Gentio barbaro daquelle inculto Paiz, que está na jurisdição da provincia da Bahia. Hé fabricado esta prodigiosa lapa de natural estructura em forma de hum perfeito Templo com Capella mór, e collacteraes, tendo o Cruzeiro trinta e tres passos de largura, oitenta de comprimento toda estancia. Nos lados se veem cubiculos proporcionados, que formão vistosas Capellas, mettidas nas fortissimas paredes, as quaes com primorosas columnas sustentão em competente altura a pesada machina de sua aboboda. Abre este formoso concavo sobre o rio numa varanda descoberta de cincoenta palmos, por onde, penetrando a luz, lhe faz todos os logares claros.

A este todo se entra por huma portada igual a de huma cidade, e por mayor assombro, e prova de que esta mysteriosa lapa destava destinada para Templo Catholico, tinha pendente do tecto, e nascido na aboboda hum sino de pedra, obra do pela natureza em forma de columna com braço e meya de comprimento e o instrumento que o toca, tambem de pedra, com meya braço, o qual estando pegado ao sino pela parte de fóra, foi por este desunido delle para o poder tocar, e prezo a huma corda, passada a hum buraco, que a columna ou sino tem no alto, ferindo-o faz soar com tão retumbantes e sonorás vozes, como os de metal mais fino, ouvindo-se partes muy distantes. A materia de toda esta fabrica são brilhantes jaspes de cores diversas, que reflectindo a beneficios de luz, representão o Céu. No tecto parece, que descobre a fantazia como resplendores, em que a vista se emprega, entre formosas nuvens luzentes estrellas, dispostas em ordem de constellações varias e diferentes figuras. Por fóra, na eminencia da penha, em que se entranha a lapa, se descobrem muitas arvores entrechaçadas com innumeraveis e altos corpos da mesma rutilante pedra, que mostrando ao perto, informes imagens de torres, pyramides, campanarios e castellos, formão ao longe a perspectiva de huma perfeita e bem fabricada Cidade. Naquelle alto e por toda a circumferencia da pedra, a que chamam Etaberaba (que no idioma do paiz quer dizer pedra que luz) estão abertas covas, e estancias proporcionadas á vida e profissão eremitica e contemplativa, não se achando em nenhum dos logares descobertos, e aqui descriptos, sinal de habitação humana; e não hé menor maravilha estar o Templo metido na lapa, e ter o pavimento de terra solta para sepultura dos mortos. Ao sitio chamão Rio Verde, porque sendo o mesmo de S. Francisco, que o fertiliza no grande espaço, que o rega, leva aquella côr, retratando em si a verdura do arvoredado, que alli por ambas as margens o acompanha.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA.



Monumento ao 2 de Julho na Bahia

fiados como o caboclo; melancolicos como o portuguez e abatidos como o negro, e se, sobre taes qualidades, temos uma fervente imaginação que a todas ellas transforma para lhes accentuar ou esmorecer os traços, não devemos proseguir noutra estrada que não naquella que as suas directivas nos tiverem traçado. Sobre esse caminho, então, temos que disciplinar o espirito, evitando os excessos prejudiciaes, mas nunca tentando o abandono de suas forças imperiosas, para exóticas imitações. Ouçamos as vozes da terra! As enxertias so produzem monstros! Sejam os artistas commovidos do nosso *habitat* maravilhoso, onde o espirito de cada um de nós deve ser livre e sincero, sentindo intensamente o mysterio da *anima rerum*. Que a lição que tivermos de aprender não nos tolde a frescura da voz, não nos encadeie em preconceitos, não nos escureça os olhos. O temperamento não refoge ao meio, mas em todas as fôrmas que tomar o seu calor terá auxiliado a modelagem. E' uma categoria inseparavel do nosso espirito.

Somos, antes de tudo, um povo que se ignora. Na immensidade do territorio, onde kilometros e kilometros sepa-

ram os centros de actividade, os agrupamentos agricolas e pastoris, com uma divisão absurda e monstruosa de Estados, que nada justifica, nem poderia justificar, o brasileiro não sabe do irmão de outro lugar e cidades ha, de relevo até, que ao ouvirmos pronunciar o nome, indagamos: onde será? Como observou José Verissimo, o que a obra de geographia fez, pelo relevo accidentado da terra, que isolou os grupos nella formados, a obra de historia aggravou, separando ainda mais os nucleos, sem relações reciprocas e gravitando apenas em torno do centro, a principio a metropole, depois o governo geral, a côrte e a União, por fim. O littoral, longe do sertão, "em doloroso separatismo ethnico, politico e social, as mattarias, os rios e as montanhas dificultando as construcções de estradas de ferro e de rodagem, o absurdo economico que dá a um só producto quasi dous terços do valor da exportação do paiz, tudo isso fez com que uma desigualdade enorme deformasse a physionomia politica e social do Brasil, exigindo sempre soluções particularizadas e especialistas. Reside nisso um dos maiores embaraços á formação nacional, que exige a boa vontade e o desassombro de todos os brasileiros, facilitando o desenvolvimento colectivo das actividades do paiz e formando um espirito de escol, que o dirija superior e intelligentemente. Não é só a obra de governo, que se reclama, mas todas as manifestações de nossas energias culturaes, economicas e sociaes. A nação é a suprema orientadora do estado, que se illumina na projecção da sua vontade.

O brasileiro defendeu a terra. O brasileiro conquistou-a num esforço selvagem e deslumbrante de epopéa. O brasileiro libertou-a com a sua vontade e o seu sangue. O brasileiro engrandeceu-a pelo trabalho fecundo e pelo atrevimento audaz. Agora, tem que eleva-la. E' essa a obra de fé, em que não é dado esmorecer, em que se appellam todas as energias e todas as actividades, para, reunidas num só molho, sustorem o embate vigoroso e decidido. "O brasileiro vive o poema da aspiração" e esse poema, feito das notas estridentes do desejo, dos sons graves da vontade e da aguda perspicacia, havemos de realizar, para clarear o futuro e sermos dignos do passado. A formação brasileira, que veio dos Guararapes e se consumou em Sete de Setembro e Dous de Julho, ainda não está terminada. Fizeram os nossos pais uma nação immensa e formidavel, uniram todo o seu territorio num Estado, deram-lhe o caracter politico e social, transformaram a lingua dos maiores em instrumento mais doce, mais bello e de maior plasticidade, crearam o sonho do Brasil, como o paiz maior do mundo, e nos entregaram o presente maravilhoso do destino, ainda com o perfume de terra virgem. Nem tudo está feito. O paiz marcha para a luz e nós é que temos de guiar a caminhada. Essa tarefa devemos receber com serenidade e firmeza. Lembremo-nos dos que nos descobriram, na epopéa radiosa das caravellas, lutando contra a insidia dos oceanos vorazes; lembremo-nos dos que conquistaram a terra, com as bandeiras, mais épicas ainda, movendo-se pelas brenhas a fóra, guiados por homens possessos dos sonhos verdes; lembremo-nos dos fundadores do paiz, das energias dos senhores da terra, agricultores e criadores; dos politicós e dos guerreiros, de todos os heróes e soldados obscuros dessa victoria contra a natureza e contra o destino. E, nessa suprema evocação, que nos illumina o futuro, tenhamos confiança e fé. Tenhamos a alegria do Brasil!

Renato ALMEIDA

AS MULHERES NA ARTE DE DI CAVALCANTI

Di Cavalcanti, ao contrario de Burnes Jones e Vandowich, não explora os sorrisos suaves das mulheres. Sabindo do thema commum, a suggestionadora concepção artistica do admiravel creador do rythmo novo na arte colorida dos pinceis, vê nas creaturas do outro sexo nada mais que extranhas figuras de mysterio e melancolia dolorosa. Dir-se-ha que os seus olhos, á força de contemplar a Belleza, dá-nos nas suas creações singulares, novos motivos de plastica feminina.

Rosa Branca, é um symbolo humano do peccado e da luxuria, mysticas. Perdoem-me o paradoxo. Assim como o estheta maravilhoso do *De Profundis*, elle nos mostra os requintamentos de sua fina sensibilidade. Dahi a originalidade do quadro; a elegancia espiritual do talhe régio do corpo fluído que vive no milagre fascinante do pincel nervoso do encantador exegeta do *Cordão*.

Ha em *Rosa Branca*, volupia e mysterio. O seu corpo possui a ondulação da vaga, e o perfil suave de um *l'oiseau* perto á margem de um lago verde. Vendo-se-lhe, a gente dorme na impressão de ter visto uma mulher violada que não comprehendesse o vício, creada num ambiente de mundanismo exagerado, mas no silencio de um claustro. Uma creatura que nunca ouvisse os sons lascivos de um tango argentino muito embora tives-

sem na eurythmia do seu ouvido, os accordes muito tristes de um órgão em silencio.

Para elle, a belleza deve sahir no extase contemplativo. Ver uma paysagem alegre para uns olhos mediocres é agradável, porém, o mesmo recanto sombrio, visto pela concepção doentia de um creador de emoções, não nos deixa a mesma impressão.

Di, é antes de tudo um creador de emoções, um clarividente da Belleza invisivel.

Na maravilhosa concepção do *Rythmo*, novamente a figura que o sugere é a mesma, um pouco da melancolia cinzenta de um nocturno emocional num ambiente cheio de perfumes orientaes. Longinquamente, a gente vê uma nota menos triste vivendo nos reflexos escuros do quadro. O movimento de musculos é alli intensissimo. Têm-se a impressão de que aquella mulher fosse como um arco de violino vibrando sobre todos os nervos humanos suspensos.

A nota singular é vista em *Ironia*. Ahi vivem todos os motivos superiores do desprendimento e da Vida. O fundo da paysagem é como uma pagina ao vivo de Anatole. Veja-se, entanto, o olhar indifferente da creatura que centralisa os efeitos melhores do sonho perturbante do pintor. Que enorme visão das cousas, que profundo conhecimento da comedia trivialissima da Vida!

Vestido Rubro, como *Serenidade*, é outra modalidade do seu temperamento bizarro. Assim, o *Segredo*, que é um estudo de almas. Reina alli a cumplicidade do silencio, o mysterio do sonho, e a volupia entontecedora de uma confidencia.

Mas, sobretudo onde mais se estudam e definem as mulheres de Di Cavalcanti são nos seus trabalhos de superior emoção, nas suas creações choreographicas. Dos requebros tentadores do maxixe, aos passos selvagens da *Dansa Barbara*, como nas suas *Dansarinas*, deslumbradoras. Parece que a movimentação rythmica das ancas, os menelos rapidos dos quadris, a curva ondeante dos seios, é uma fonte de personalidade flagrante nas figuras femininas do artista bizarro dos *Fantoches da Meia Noite*. O rebolar luxurioso da *Bahiana*, como a desarticualção viva do *Sambando* fornecem aos nossos olhos uma observação nítida da arte maravilhosa de Di Cavalcanti, nova porque fóra dos velhos preceltos academicos, independente porque rebelde e emotiva, pessoal, porque authenticamente sua, como a de Angelus e Correia Dias.

As mulheres na arte original de Di Cavalcanti são um symbolo encantador de volupia mysteriosa, como as de Bauli Gabriel Rossetti o são, no sentido da contemplação, para a suavidade muito branca do infinito.

Francisco GALVÃO

UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA NA BAHIA

O culto do Senhor do Bomfim

O culto do Senhor do Bomfim, uma das mais vivazes tradições do Brasil, basta por si só para documentar a maneira como o povo bahiano entretém as suas relações com o divino e cultiva as suas crenças catholicas.

Já estamos, é verdade, um pouco longe dos pomposos oitavários em que o bairro do Bomfim, e toda a península por elle dominada, se povoavam de caravanas vindas do Reconcaço, dos altos sertões da provincia e de além do S. Francisco, para tomarem parte na representação do estupendo martyrio que tinha por theatro a airosa collina de Itapagipe. Ainda em 1881 podia escrever, sem exaggero, um chronista local: "Acódem á importante festa do Senhor do Bomfim, a primeira da Bahia e talvez de todo o Brasil, mais de 30 mil pessoas de todas as classes da sociedade e de toda parte"

Hoje o sertanejo contenta a fé, indo mais perto dos seus campos geraes e das suas serras, á gruta do Bom Jesus da Lapa. O habitante da matta e dos Engenhos vai ao santuario de Nossa Senhora das Candeias, a Lourdes bahiana. As peregrinações de Itapagipe diminuiram de volume; as "casas dos romeiros", as que restam de pé, já se alugam a familias da capital para estações de verão e mudança de ares.

O programma da festividade externa tambem sofreu modificações que a grande massa dos crentes não approvou, mas a que afinal se resignou, coagida pelas reiteradas prohibições ecclesiasticas, a que todavia foi preciso o reforço da policia armada.

Na quinta-feira da oitava do Bomfim era costume antigo da plebe fazer a lavagem do templo. Essa lavagem, á parte a sua intenção inicial, excedia tudo quanto no correr de 1534, interdizia nestes termos o Bispo de Evora:

"Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e populares, de qualquer estado ou condição que sejam que não commam nas igrejas, nem bebam, com mesas nem em mesas: nem cantem, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro dellas sobre cousas profanas: nem se facam nas ditas igrejas ou adros dellas jogos alguns, posto que sejam em Vigilia de Santos ou de alguma festa, nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem o escandalo no coração daquelles que não estão mui firmes na nossa Santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que nisto se fazem"

A "lavagem do Bomfim", tantas vezes suscitada de africanismo e selvagismo, tem, como se vê, os seus antecedentes ou, pelo menos, os seus precedentes historicos na velha e civilizada metropole portugueza. Era, na verdade, um pandemonium ás portas do céu, uma assombrosa bambochata, cujas liberdades com o sagrado chegaram ao delirio da irreverencia. E perdem-se por isso aquelle pittoresco e eloquentissimo quadro vivo de costumes.

Quem se não recorda na Bahia dos longos sequitos de aguadeiros e carroceiros, a guiar cavallos enramados com folhagem de pitanga e barulhentas carroças atacadas de lenha, pela Calçada do Bomfim até o adro da igreja, onde já tripudiavam creoulas e mulatas, gente de todas as castas e matizes, com a bateria de tinas, bacias, esfregões e vassouras? Quem a viu, que a esquecesse, aquella extraordinaria festa dagna e alcool, aquella enorme disparate de "bemditos" e chulas, de rezaes e gargalhadas, de gestos constrictos, e bamboleios desonestos? A Venus hottentote lá exhibia as suas opulencia carnaes e os seus rebolados de dançarina; os ranchos de aguadeiros despejavam os barris e sambavam com garganteios estentoreos. Soavam bacias como sinos rachados; o estrepito das palmas formava um matraquear ensurdecedor. Num mesmo instante joelhos que se dobravam diante dos altares estiravam-

se agilmente nos passos e voltas do mais atrevido fandango. Emquanto as vassouras chapinhavam nas lages da nave, olhares caprinos incendiados em chammas alcoolicas, devoravam collos negros e infantes, onde as contas do rosario vibravam como guizos de mascarados.

Não faltavam ao espectáculo nem as gaitices do espirituoso capadocio, nem musicas ao tom da colossal pagodeira.

Proclamação

Fol a seguinte a proclamação que o Governo da cidade de S. Salvador dirigiu aos seus municipes com referencia a 2 de Julho.

"Cidadãos, cohorte de gloriosos Instituidores da nossa raça, que surge, reeditando a mensagem dos nossos destinos e traçando a directriz do nosso convivio! Pelejar, avançando sem esmorecimento e sem treguas, sob o fraterno influxo promissor de um ideal nativo, foi a parte valiosa e sagrada da incumbencia dos que nos antecederam.

Secundal-os na presente phase da vida nacional, é o dever que se impõe, ante a memoração dos seus grandes feitos de patriotismo e de seus largos gestos modelares; cumpril-o, é iniciar uma prodigiosa acção tonificadora do organismo moral, social e politico da Patria, em parte combalido pela intermitencia da febre da politicagem; urge expurgar o das toxinas resultantes das ambiciosas machnações absorventes.

Cidadãos! Solememente, ainda uma vez, cumpramos o inalienavel dever civico tido para com os Infantes da nossa Patria, lembrando a edificante attitude dos nossos avós, a qual constitue o maior factor preponderante e de mais significativo relevo na consolidação do inenarravel feito da Independencia do Brasil.

Provavelmente, sem esse gloriosissimo empenho vitalizador, os haustos do ambiente do Ypiranga, a 7 de Setembro de 1822, não produziriam esse effeito iniciativo da mais liberal das nossas conquistas de povo fadado ao convivio das nações norteadas pela Democracia e ávidas sempre de maior somma de civilisação.

Cidadãos! A inteireza moral dos ancestraes nos saneou, evitando que continuassemos atascados no lodaçal e despotismo, e está a enaltecer a frente das novas gerações, intensamente reveladoras da capacidade, das vocações nacionaes, da tenacidade dos nossos esforços realmente productores do poder inegualavel da nossa mentalidade.

O Brasil, sem o glorioso commettimento de 1823, decisivo do seu futuro, devido ao sacrificio da valorosa Bahia, certo teria continuado exposto ás investidas que, anteriormente, levaram os nossos maiores a continuas e ingentes mortificações, com exemplos inimitaveis de paciencia, firmeza e coragem.

Os feitos mais concretos do heroismo da velha raça Sul-Americana, foram pensados e sentidos pelo cerebro e pelo coração da idolatrada Athenas brasileira, e nella praticados por leaes e denodados combatentes, imperterritos até á effusão do sangue em luctas tremendas, bafejadas pelas auras da justiça e da liberdade. Entre esses feitos, tão notaveis, culmina o da mais ruidosa victoria de antanho, cuja gloria nos foi legada com os clarões reivindicadores da aurora do immortal 2 de Julho, symbolo maior da acção e da reacção da nossa gente, na eminencia mais augusta da nossa historia, ao influxo de verdadeira fraternização de brasileiros e portuguezes incendiados pelo mesmo ideal, afagados pelas mesmas aspirações democraticas, impetuosas e soberanas que fundaram e consolidaram a Independencia do Brasil."

Viva o centenario immortal do dia 2 de Julho de 1823! Viva o povo bahiano e a memoria de seus maiores! Vivam as autoridades do paiz! Viva a Republica do Brasil! Bahia, 26 de Junho de 1923."

O excesso provocou a hostilidade systematica do clero e da imprensa. Mas tiveram que suar o topete antes que "a lavagem" se curasse dos seus desatinos e loucuras de Entrullo. Anos houve em que as portas da capella, trancadas por ordem superior, escancaravam-se momentaneamente, e como por encanto, á invasão das hordas devotas. E o diluvio repetia-se.

E' assim que se expande o catholicismo do mestiço bahiano: a sua religião não dispensa por nenhuma consideração, o apparato e o estrondo carnavalesco. Elle cre e ora, ouve missa e communga, mas não faz voto de renunciar o rico prazer de dar vivas ao Santo, como os dá ao carro do caboclo em 2 de Julho e ao estandarte dos *Fantoches* e do *Crus Vermelha*. Murmurou-se muito, aqui ha tempos, contra certas medidas restrictivas tomadas pela autoridade archiepiscopal acerca das procissões, e contra a ordem, emanada do mesmo poder, que vedou ás philarmonicas e bandas marciaes tocarem no recinto das igrejas. Tudo isso é necessario ao temperamento religioso deste alegre povo. Com elle nerdem o seu tempo os zelosos pastores evangelicos que tanto se afdizam por attrahil-o ás ceremonias frias, simplissimas e severas das suas seitas protestantes.

O bahiano quer entrar no céu, mas com alardo e fanfarra.

A festa do Bomfim continua a congregar no formoso bairro a maior massa de gente que para essas devocões costuma arrojarse de fóra e dentro da cidade. Ou porque o Senhor daquelle outeiro lhe prodigalisa mais graças, ou porque o outeiro onde se eleva a casa do Senhor offereça campo mais propicio aos folgedos do povo, nesta terra de tantas igrejas, ha seculo e meio, tem logrado intensa popularidade. Não ha invocações novas ou antigas que consigam abalar o throno de ouro do divino Bom Jesus; não ha milagres que escurecam a fama dos seus milagres, nem para os convalescentes, ligados por promessas, ha ladeira mais suave de subir do que essa que em dous lancos conduz ao adro do Bomfim. A cêra e os obulos de que se sustentam o culto, sejam quaes forem as crises das finanzas profanas, multiplicam-se como os pães da escriptura. *A casa dos milagres* já se estende por duas celas da capella.

O officio annual é sempre rico e deslumbrante, mas a grande, a incomparavel festa é cá nos fóras, ao ar livre. Reprimida a licença da *lavagem*, este povo tão interessante na manifestação da sua religiosidade quanto engenhoso no prazer, instituiu a *Segunda-feira do Bomfim*, que é um supplemento á semana festiva. Paralyza-se o commercio, fecham-se officinas, amortece a actividade nas fabricas, os jornaes apressam ou suprimem as tiragens, a criadagem deserta da casa dos amos, a cidade inteira cahe num silencio de tapéra... E' a "Segunda-feira". Todo o movimento, toda a vida bahiana se desloca para o arrabalde com a sua alegria atoadora. A companhia *Carris Electricos* foi uma obra da Providencia. As leviões da folia marcham e contra-marcham resolvendo a poeira de Itapagipe, banqueteadose nas ruas; ha musicatas, violões, modinhas, sambas, concertos, côros ambulantes, uma inferneira. Cada anno a musa da jogralidade reventa em novas e desopilantes produções. Ha uns dous annos cantou-se no Bomfim, e depois na Bahia inteira, uma especie de aria burlesca muito expressiva. Depois de uma quadrinha qualquer disparatada, vinham alguns disticos neste gosto:

Macaco tua mãe tem rabo:
E' o diabo, é o diabo.

Macaco, tua mãe é morta,
Eu que me importa, eu que me importa.

Macaco tua mãe morreu:
Antes ella do que eu.

O THEATRO SÃO JOÃO

Violento incendio destruiu completamente, na madrugada de 6 de Junho findo, o Theatro São João, da Bahia, que era a mais antiga casa de espectaculos do Brasil. Eruido numa elevação pittoresca da praça Castro Alves, o velho São João teve a sua edificação começada em 1808, abrindo solennemente as suas portas quatro annos depois, a 14 de Junho de 1812, com o drama "A escos-eza".

Construido sob os moldes da colonia, durante o governo do conde dos Arcos, com grande muralha de segurança ao longo da sua banda occidental, com espaçoso foyer, salões e amphitheatro, servido de quatro ordens de camarotes, o São João abrigou no seu palco todas as sumidades scenicas que apontaram á Bahia. All, saudada pelo verbo inspirado de Murtz Barreto, o famoso poeta repentista, representou Emilia das Neves, a grande tragica portugueza, "A dama das caméllias", "Joanna, a doida" todas as heroínas do seu repertorio. Também pisou as suas taboas João Cuetano, o principe dos nossos artistas dramaticos. Até a inauguração do Polytheama, no São João trabalharam todas as companhias de drama e opereta, quer aqui organizadas, quer procedentes do estrangeiro. Ha pouco, o engenheiro Virzi lembrou varias alterações na fachada do theatro e mesmo na sua parte interna, quebrando o rigor das suas regras, e a Secretaria da Agricultura do Estado pensava em levar a termo algumas reformas, dando-lhe um tom elegante, envidraçado, estabelecendo uma "marquise" para o transito das carruagens na occasião das chuvas. O tradicional theatro ardeu quando soffria reparos para funcionar nos festejos commemorativos do centenário de 2 de Julho.

Num interessante artigo, a proposito do velho theatro, o illustre Sr. Constancio Alves, da Academia Brasileira, nos deu algumas notas historicas e reminiscencias pessoais, que valem transcrever. Escreveu elle:

"Nasceu o theatro São João antes da Independencia. Começou a sua construção em 1809, quando governador da Bahia o Conde da Ponte, e terminou em 1812, sob o governo do Conde dos Arcos. Onze annos depois, já independente o Brasil, mostrou-se o theatro São João decedidamente brasileiro. As comemorações do dia Dois de Julho, que tinham inicio em parada de todas as forças da guarnição e de batalhões patrióticos e continuavam em solenne *Te-Deum* na cathedral, rematavam em espectáculo de gala, no theatro São João. Durante meio século mais ou menos, essa noite de theatro ostentou o fervor e o enthusiasmo das grandes festas civicas. Como expressão do sentimento reinante nesse tempo, ficou o que pode denominar-se a literatura do *Dois de Julho*: dramas expressamente feitos para serem representados no theatro São João, e numerosas poesias, a maior parte das quaes

foi all recitada. O intervallo dos actos era occupado pelos poetas. Não dois nem tres, porém muitos, que se succediam, sem que o publico se fartasse de os ouvir nem se cansasse de os acclamar! Destacavam-se desse grupo Francisco Moniz Barreto, o repentista, e Laurindo Rabello. O enthusiasmo jubilloso era a nota dominante nesses espectaculos, uma só vez perturbada pela descortezia do poeta Manoel Pessôa da Silva, no Dois de Julho de 1846. Logo no começo do espectáculo, depois de cantado o hymno, perante a effigie do Imperador, assomando a um camarote de ordem nobre, o poeta glosou a seguinte estrophe do referido hymno:

*Nunca mais o despotismo
Receá nossas acções,
Com tyrannos não combinam
Brasileiros corações.*

A glosa era toda ella antes uma aggressão violenta ao presidente da provincia, general Soares de Andréa, barão de Cacupava, do que glorificação do Dois de Julho. Andréa ouviu impassivel os insultos, mas seu filho e seu ajudante de ordens, mal o poeta acabara de recitar, chicoteou-o publicamente. Essa repulsa levantou grande clamor no theatro. Mas até aquelles que censuravam o official, por ter replicado com violencia ao aggressor de seu pae, desapprovavam a grosseria do poeta. Mas a agitação cessou logo que o general presidente communicou ao publico que mandara prender o seu ajudante de ordens. Caso mais grave do que esse occorreu na noite de 23 de Setembro de 1854, por causa do panno de boca. O theatro acabara de passar por uma reforma. O panno antigo fôra substituido por outro em que estava representado Thomé de Souza, na Bahia, empunhando o estandarte de Portugal e recebendo as homenagens dos indigenas. Inimigos politicos do governo começaram a explorar a pintura, descobrindo nella o intuito do presidente da provincia, que era João Mauricio Wanderley, mais tarde Barão de Cotegeipe, de adular a colonia portugueza, em detrimento da dignidade nacional. A imprensa opposicionista aproveitou o assumpto, fazendo intrigas que produziram effeito. Protestou com furia a multidão que enchia o theatro, na estrêa do panno. O tumulto tocou o auge quando o capitão Alves, irmão do pae de Castro Alves, homem de indomável bravura e de impetuoso patriotismo, subiu ao palco para rasgar o panno a punhal. A vozzeria, que chegava até á praça, correspondiam os hrados do povo que cercava o theatro e queria entrar. Foram baldadas as tentativas de Wanderley para acalmar os animos, fallando ao povo irritado, quer do camarote presidencial, quer do terraço do theatro.

O que a muito custo o conteve foi a tropa de linha, que compareceu toda, reforçada pela policia então sob o commando de Argollo, o futuro visconde de Itaparica. Essa

desordem, que foi quasi uma revolução, ia tirando a vida a Wanderley e retirou Thomé de Souza, definitivamente, da scena. Trinta annos depois desse espectáculo o theatro São João dava ao illustre Cotegeipe novo motivo de inquietação. Foi all que em 29 de Abril de 1888, pôde dizer-se na vesperada do 13 de Maio, a eloquencia de Ruy Indigitava as idéas que o liberalismo devia propugnar: "a liberdade religiosa, a democratização do voto, a desenfusão da propriedade, a desoligarchisação do Senado, a *federação dos Estados brasileiros...* com a corôa, se esta lhe fôr propria, contra e sem ella, se lhe tomar o caminho." A clarividencia do senador pela Bahia descobriu nesse programma uma ameaça ao regimen. E tão perigoso lhe pareceu aquelle discurso que o commentou no Senado, com as apprehensões do seu espirito de conservador e monarchista. Foi nesse discurso que Ruy Barbosa apresentou a futura denominação do Brasil, como recordou em outra oração memoravel, também de grande alcance politico, pronunçada igualmente no theatro São João em 7 de Fevereiro de 1892. Nesse mesmo theatro, a 2 de Agosto de 1874, com 25 annos incompletos, Ruy Barbosa pronunçou o primeiro, na ordem chronologica, dos seus grandes discursos, em favor da eleição directa, um dos lemmas do partido liberal. Discurso de combate, onde já se mostra o adversario, que nunca deixou de ser, da monarchia. E' ainda no theatro São João que Ruy Barbosa faz o admiravel elogio de Castro Alves em 1881, por occasião do decennario da morte do poeta. Não foi essa a unica vez que o velho theatro estremeceu á vibração dos applausos ao estro de Castro Alves. Essa homenagem posthuma era o corôamento de seis triumphos estrondosos, conquistados pelo grande poeta. All recitou elle duas poesias: *Dos Dois de Julho* e *Quem dá aos pobres empresta a Deus*, na festa promovida pelo Gabinete Portuguez de Leitura, em favor dos orphãos da guerra do Paraguay. Para ser recitada no theatro São João, escreveu, a 14 de Outubro de 1870, *A Deusa incruenta*. Mas molestou que o mataria, em Julho do anno seguinte, já lhe diminuiria a sonoridade da voz maravilhosa. Um amigo seu, o Dr. José Joaquim da Palma, disse aquelles versos magnificos. Castro Alves dramaturgo alcançou assignalado triumpho, naquelle theatro, a 7 de Setembro de 1867, quando se representou pela primeira vez o *Gonzaga*. Duas vezes mais foi á scena aquelle drama, no theatro São João. A representação effectuada em 19 de Julho de 1876, por estudantes, entre os quaes Manoel Victorino Pereira, no papel do escravo Luiz, foi objecto das zombarias da actriz Ismenia dos Santos, que então occupava o theatro, com a sua companhia. Elles vingaram-se com a mais estridente pateada que o São João ouviu no seu século de existencia. E tão famosa foi que, por muito tempo, no vocabulario dos actores que representavam no Brasil, *uma Ismenia* era synonymo de valia extraordinaria. Patear repugna á cortezia do publico bahiano, que é commedido na censura e vehemente nos applausos. Os annos do theatro São João registram o enthusiasmo de noites gloriosas em que foram cobertos de flôres e celebrados em poesias arrebatadas tantos artistas nacionaes e estrangeiros. Ninguém esqueceu as manifestações feitas a Carlos Gomes, quando all regeu o *Guarani*, e quando se executou, em sua presença, na commemoração do tri-centenario de Camões, o hymno que escreveu para essa solennidade. A glorificação de Camões lembra a de Alexandre Herculano, realisada no theatro São João que foi, nessa occasião, templo civico. A autoridade ecclesiastica da Bahia prohibia missas por quem escrevêra *Eu e o clero*. Os admiradores do grande escriptor celebraram, então, em 18 de Outubro de 1877, sessão litteraria, em que foi lida uma pagina de Guerra Junqueiro e em que fallou, alem de outros oradores, Ruy Barbosa. E já que fallo em Ruy Barbosa, a proposito do São João, lembro que elle fez parte do Conservatorio Dramatico que funcionava naquelle theatro e leu all, a favor da representação do drama — *O Jesuita*, um parecer notavel e pouco conhecido. O Conservatorio Dramatico foi creado em 1857 por escriptores de merecimento, entre os quaes Agrario. Occupava elle o cargo de administrador do theatro, e lá morreu aos 29 annos de idade, victimado por uma congestão pulmonar em 23 de Agosto de 1863, quando, do seu camarote, assistia a um espectáculo".

Ao findar a série respondia o côro:

Ai! Ai! Ai!
Eu não era assim.
Foi cousa que me fizeram
Segunda-feira de Bomfim.

Rezam as chronicas da cidade que no Governo do Vice-Rei Conde de Anteuquia, o Capitão de Mar e Guerra Theodosio Rodrigues de Faria, sendo grande devoto do Senhor Crucificado, que veneram em uma capellinha nas proximidades de Setubal em Portugal, trouxe de Lisboa para aqui uma imagem do Senhor, feita pelo modelo e á semelhança daquella.

Corria o anno de 1745, e era o Arcebispo da Bahia D. José Botelho de Mattos, quando pela Paschoa da Ressurreição foi a imagem collocada na igreja de Nossa Senhora da Penha, em Itapagipe. O acto revestio-se de solennidade e pompa, e as multidões começaram a peregrinar para a Penha, afervorando a devoção.

Havia o capitão de mar e guerra prometido edificar um templo consagrado ao seu Crucificado, e não descançou. O sitio escolhido foi essa graciosa collina que tantas gerações deromeiros tem perlustrado ha cento e cinquenta annos. Cerca de um decennio depois de iniciada a devoção na Penha erigia-se naquella cimo a capella do Senhor do Bomfim, sendo a imagem para lá conduzida professionalmente

em 24 de Julho de 1754. Occorridos tres annos fallecia Theodosio Rodrigues de Faria, cujos despojos tiveram sepultura rasa junto ao presbyterio da capella.

A orientação do edificio obedece ao typo classico: "abre onde se põe o sol e contra o nascente," segundo a postura das igrejas antigas" Do seu adro goza-se o mais bello panorama da cidade e da bahia.

Os mais importantes melhoramentos que tem recebido desde a sua fundação foram: as pinturas do tecto e dos paineis dos altares, onde o artista Franco Velasco representou os passos da Paixão; os quadros da sacristia e os corredores sobre themas da Escripura, trabalho de outro pintor bahiano, José Theophilo de Jesus; os dous vastos paineis de Bento Capinam á entrada da capella, representando a "morte do justo"; a construção dos corredores, que foram antigamente alpendres; e o chafariz de marmore de Carrara, a pouca distancia do adro, encimado pela estatua do Salvador.

Estas ultimas obras, e outras externas, como a reforma do calçamento e o parque, foram promovidas pelos Drs. Freire de Carvalho, pae e filho, que se têm succedido na mesa e thesauraria da irmandade, zelando essa devoção tradicional dos seus avós.

Bahia, 1905.

*Xavier MARQUES

O CENTENARIO DA BAHIA

Realizava-se a Independência nacional por partes, com a lentidão de uma conquista perseverante e sabia, desde os tempos longínquos do primeiro extase do nativo, deante das galas sumptuarias do seu sertão. O seu primeiro vagido é no norte do paiz, quando as tres raças se conjugavam para guardar de mãos extranhas o patrimonio do seu suor e as visões dos seus sonhos.

Isso fôra na era de Mathias de Albuquerque, coincidindo com o protesto brasileiro contra a invasão estrangeira a guerra da restauração lusitana. E as insurreições de africanos abrem outro periodo na historia da nobre sentimentalidade local. Logo, é uma noção economica de liberdade que resoa no extremo septentrional, enquanto refere no centro a rivalidade entre os exploradores do solo e a luta barbara ferida no silencio das florestas assume o transitivo aspecto das sagradas carnicerías. Os homens que se batem pelo respeito á terra que os paes conquistaram marcando as estradas com seu sangue, têm confusamente sobre as armas cavalheirescas um symbolo de amor ao céspede e de instincto patrio que a lava das composições não sepulta, antes reenraiza nos mesmos locais do sangrento sacrificio, e aos céus limpidos arremessa depois a gloriosa dicotomia, da alma eternizada — Felipe dos Santos e Silva Xavier. Tambem em Pernambuco a semente do século 17, recolhida ao sarcophago da Historia e das almas com a idéa e a carne de Henrique e Negreiros, ahi silenciosamente fecundava, e sorri successivamente os brotos de 1710 e 1801. Na Bahia, tambem, a sombra do pensamento se desenrola das lavras onde aporflam os britadores do ouro á cidade das pompas severas e serenas: a chuva de 1798 é cataclysmo em 22. Por toda a parte os homens aprendem a amar a liberdade: um intenso carinho pelo torrão commum extravasa na litteratura, enche de orgulho a poesia popular, alimenta nos gremios da gente illustrada a chamma de um canoro entusiasmo e nenhum braço se recusará mais a cair em tempo, sobre a guarda da espada. Forma-se o ambiente historico como o meteorologico: a propagação da idéa copia a tranquilla insistencia das communicações subterraneas, onde o epiceno varia de Villa Rica á Bahia, de Recife a S. Luiz, de Belém ao Rio. Faz lembrar a mina que um choque deflagrará, a tempestade que se desencadeará a um sópro, o volume d'agua de um rio, que é agora fecunda intumescencia e á menor vibração espralamento, catastrophe, extermiação.

Não havia para esse resultado como os rigores de uma politica rectilinea. O que n'outro tempo era a expressão de um sabio descortino, era agora a mais crassa necessidade administrativa. O aprumo imperturbavel do piquiá na serenidade dos dias ensoladores é uma gloriosa majestade; no vortice do tufão é a victima imbellé. Reina então o arbusto que sabe dobrar.

A politica portugueza, porém, concebeu simploriamente um absurdo. Arbusto que fingiu de carvalho, quando a sua fortaleza era a sua fragilidade, intentou comparar o ramalho com a opulenta galhada e resistir ao seu fatal destino: que era vergar. Desarrraigou-o o tufão. E, já no ar, levantado na columna impetuosa que o atirava para o passado, tardiamente, inutilmente, se lembrou do velho segredo de suas victorias... Mas tudo se fizera.

Um paiz era livre, um Estado era constituido, um exercito aprendia a arte suprema de morrer lutando e vogava na onda verde dos largos mares uma armada heroica.

Madeira de Mello, no seu castello á beira d'agua e 8.000 homens de sentinella a um cadaver — o sonho desfeito de seu paiz — Fildé no Maranhão, Moura no Pará e D. Alvaro da Costa em Montevidéo, são os ultimos arrancos dessa luminosa agonia — o passado sob o joelho do futuro.

O soldado da Independência é o civil da Independência com mais coração e menos letras, com mais naghô e menos francez, mais nacional e tão sincero, do tamanho de Hoche em relação a Mirabeau. Ninguém como elle, soube melhor amar a terra em que nascera. Não na tomariam, pois. Tres poderes sobrenaturaes velavam por ella: patria, religião e familia. Tinha a alma de Roldando em andança pela dama, o coração de

Godofredo em peleja pela cruz e toda a fibra de Leonidas trancando com a vida o accesso do seu paiz. Por tres causas se batia: pelo Brasil seu muito querido; pela esposa, noiva, mãe, irmãs, lar, todo o laço que ao chio prende uma alma como a uma arvore uma liana — e pelo respeito dos seus mortos, pelos santos do seu altar, pela inviolabilidade do patrimonio, pelo seu direito á felicidade, pela herança dos seus filhos, pelo amor de si mesmo. — O homem que se reveste dessas forças nunca é vencido; a nação que essas forças enfeixa não morre nunca. Aquelle se torna Bolívar; esta foi Portugal contra os serracenos e contra os hespanhoes; e foi o Brasil contra os batavos e contra os portuguezes.

A tactica de se guerreiro não se confunde com a dos outros guerreiros; o aspecto de suas batalhas é diferente, varia a duração de suas marchas, d'instincto o impeto das arremetidas e contradictorios os movimentos de retrocesso: é um heroe que a si mesmo se excede; que não rufa no tamhor as retiradas porque retirar é morrer; no caminho da derrota é baleado de frente; succumbe cantando e zomba do inimigo; sosinho resiste a um exercito; reza antes das pelejas e em meio dellas blasphema; só teme a si, só em si confia: prefere a arma branca á fulmi-

A Europa na Asia

No outomno de 1922, quando os Gregos foram obrigados a abandonar a Asia Menor, pareceu, por um instante, que a Inglaterra queria declarar guerra á Turquia. Não sei se tinha forças para fazer essa guerra e vencer-a, mas se tivesse vindo, os que a queriam, tinham razão no ponto de vista inglez. Mais tarde reconhecer-se-ha que nesse dia do outomno de 1922, em que a Inglaterra reconheceu a victoria de Kemal-Pachá sobre os Gregos, comprometteu todo o seu imperio asiatico. Tudo que aconteceu e acontecerá promana do primeiro gesto. Tendo reconhecido a victoria dos Turcos, é necessario que a Inglaterra, depois de ter cedido em Lausanne, ceda pouco e pouco em toda a Asia, restringindo as linhas de sua defesa, hoje muito vastas. Houve na Inglaterra um grande partido para abandonar a Mesopotamia. Hoje tem razão, como tinha em 1922, o que queria partir para a guerra contra os Turcos. Porque não fez a guerra, no anno passado, a Inglaterra não se poderá manter, por muito tempo, na Mesopotamia e irá se enfraquecendo cada vez mais na Palestina, no Egypto e na India.

GUGLIELMO FERRERO.

nante, prefere aprisionar a matar e matar a ferir; adora a temeridade e aborrece a trincheira; escolhe a carga á evolução, o choque ao contorno, o duello ao combate e a rapidez á prudencia.

Creou na militararia um typo novo de soldado. Ensaçou-o Bonaparte em Montenotte e venceu a Italia. Exercitou-o Garibaldi, que o estudou nas "cochillas" do Rio Grande e a Italia se unificou. E' a sua historia toda a Independencia da America, e ella tem em suas paginas Chacabuco, Maipú, Ayacucho, Pirajá. Foi esse soldado que leva ás casernas onde se versa o problema da segurança das nações o typo movel e semi-autonomo que inspirou a organização prussiana e depois todos os exercitos, negando as fórmulas tradicionaes da disposição das batalhas.

Formação espontanea do momento historico, a unidade de guerra da revolução nacional não podia imprimir á campanha, em que concorria com os vencedores dos vencedores da Europa — segundo uma expressiva phrase do tempo — a orientação mathematica e theorica da guerra instruida. Existira ella e seria outro o aspecto da lucta que se travou nas cercanias da Bahia. Não era, entretanto, um verdadeiro exercito que entestava com o brigadeiro luzitano. Tinha a mobilidade de um toro sem plastica e uma cohesão de cor-

po sem partes. Só o extremo patriotismo, peculiar aos grandes trances nacionaes, era contradictorio assim. Tolo o calculo experiente de Madeira, veterano de Burros e Navas discipulo de Wellington, se desfez nesse imprevisto.

O seu erro em Pirajá, aos 8 de Novembro de 1822, foi considerar como uma massa homogenea as forças libertadoras, e souberam ellas sublydir-se até o bando e resolidificarse até á avalanche, consonte as vicissitudes do embate.

Nas raias da cidade em Dezembro Março, em Fevereiro e Junho, repete-se o milagre.

O ataque é harmonico, o combate fraccionario, o conflicto individual. Porém, porém a noção do conjuncto, e é isso que empresta ás legões bisonhas dos sertanejos um assombroso nexo a que nunca resistiu o inimigo!

Lebatut, no entanto, estrangeiro como Madeira, familiarizado como este a um apreço muito diverso do soldado e do exercito, não soube tirar da superioridade dos nossos voluntarios todos os beneficios que ella representava. E' assim que os poupou sempre que se tratava de forçar o caminho da capital, preferindo a guerra prudente e de resultados infalliveis á brilhante e alleatoria aventura. Mas é indubitavel que rehasariam de um impeto o occupante se persistissem nas provas de 29 de Dezembro, de 3 de Março ou de 3 de Junho. Em todas ellas, sabe-se que Madeira se dispoz a embarcar ao primeiro signal.

Apressos que a desmoralização abatera profundamente os moços europeus, acudados nas trincheiras urbanas sem o fogo de um estimulo nem a luz de uma idéa que clareando a sua penosa missão, fosse tambem consolo e conforto ás privações do sitio. Enquanto que do lado do adversario cantigas patrioticas rythmavam com os disparos das rondas, homens tisnados e em farrapos gritando um viva ao imperador, desafiavam as balas de pé sobre os abrigos e nos "bivacs"; ás noites tranquillas banhados de luar, uma alegria festiva e sa, repassada de gemidos de vicia e bemões de "tyrana", indicava o pouso abençoado da forte gente que defendia o chão da patria.

Esse miliciano de Portugal seismador á beira do reducto, na tréva risonha palhetada de luar, escutando serenamente apolado á bayoneta o longinquo vozerio feliz do acampamento dos nativos, ardente e melodioso como o clima daquelles remansos, haveria de lembrar que avós seus, remotos, se bateram, como aquella gente, pela integridade do seu paiz e Deus a elles se alligara. Então peñam as mãezinhas de joelhos á doce Senhora do Amparo, á gloriosa Virgem da Victoria, a todos os santos portuguezes, que os filhos voltassem cobertos de loiros dos encarnicados prelios; e se cobertos de opprobrio, que lá ficassem, no campo de sangue, em pasto aos corvos e ao esquecimento. E cheios de alegria tornaram...

Nem que — arrogantemente declamavam os nossos estadistas da época — se derramasse Portugal no Brasil, esgotando nelle, ao derradeiro borboto, a sua seiva.

Aprisiona-se um guerreiro, vence-se um exercito, empluma-se uma posição e vareja-se uma cidade, mas um povo nunca é batido.

Bem-dita, no entanto a guerra que se feriu na Bahia e prolongou-se até depois de installada a Constituinte do Imperio. Parecera ao centro do paiz que melhor fôra se accordasse a retirada pacifica dos recalcitrantes; mas o destino superior da patria, invisivel predestinação de divinos feitos que lateja na historia inteira do Brasil, quiz que nesse duello de gigantes, abreviatura de um choque de idades, onde com sangue se escreveu a certidão de vida do nosso povo, tivesse luminosa e definitiva sanção a liberdade nacional. E que fosse a mais veneravel porção do paiz berço da nacionalidade e constante reservatorio das virtudes essenciaes da nossa gente que, com a autoridade das cãs augustas sobre o campo emancipatorio do torneio dos principios armasse cavalleiro com a pranchada de honra para a gloria e a immortalidade o Brasil brasileiro.

Pedro GALMON.

O GRANDE PROBLEMA

De um interessante artigo de nosso distinto collaborador, Sr. Mario Pinto Silva tiramos os dados estatísticos abaixo cuja significação não é preciso encarecer:

QUADRO DA MATRÍCULA ESCOLAR NOS DIFERENTES ESTADOS DO BRASIL, COMPARADA COM A DE ESTADOS DE PAÍSES ESTRANGEIROS DE IGUAL POPULAÇÃO

| Estados ou países: | População | N. de alumnos matriculados em escolas |
|------------------------------------|-----------|---------------------------------------|
| 1° — Amazonas | 363.166 | 4.772 |
| New Mexico | 360.350 | 85.269 |
| West Australia | 332.213 | 52.546 |
| 2° — Pará | 983.507 | 17.542 |
| Florida | 968.470 | 225.160 |
| Colorado | 939.629 | 224.289 |
| 3° — Maranhão | 874.337 | 9.779 |
| Oregon | 783.389 | 190.159 |
| Queensland | 757.634 | 94.602 |
| 4° — Ceará | 1.319.228 | 19.360 |
| Connecticut | 1.380.631 | 258.389 |
| 5° — Piauí | 609.000 | 3.068 |
| Rhode Island | 604.397 | 94.501 |
| 6° — Rio Grande do Norte | 537.135 | 9.460 |
| Montana | 548.889 | 126.238 |
| New Scotia | 524.578 | 109.525 |
| 7° — Paraíba | 961.106 | 15.300 |
| Colorado | 939.629 | 224.289 |
| Maine | 768.014 | 138.064 |
| 8° — Pernambuco | 2.154.835 | 61.500 |
| Oklahoma | 2.028.283 | 586.347 |
| New South Wales | 2.099.763 | 304.373 |
| 9° — Alagoas | 978.748 | 8.496 |
| Florida | 968.470 | 225.160 |
| Oregon | 783.389 | 190.159 |
| 10° — Sergipe | 477.064 | 10.201 |
| New Hampshire | 443.083 | 77.260 |
| New Brunswick | 388.092 | 71.000 |
| 11° — Bahia | 3.334.465 | 48.813 |
| Missouri | 3.404.055 | 682.954 |
| Cuba | 2.889.064 | 334.674 |
| 12° — Espírito Santo | 457.328 | 12.828 |
| Idaho | 431.866 | 156.836 |
| South Australia | 495.336 | 75.991 |
| 13° — Rio de Janeiro | 1.559.371 | 30.841 |
| West Virginia | 1.463.701 | 360.549 |
| Uruguay | 1.494.953 | 130.177 |
| 14° — Districto Federal | 1.157.873 | 82.703 |
| Colorado | 939.629 | 224.289 |
| Florida | 968.470 | 225.160 |
| 15° — S. Paulo | 4.592.188 | 190.000 |
| Texas | 4.663.228 | 1.035.648 |
| Chile | 3.754.723 | 454.147 |
| Suissa | 3.880.320 | 604.223 |
| 16° — Paraná | 685.711 | 23.462 |
| North Dakota | 646.872 | 169.669 |
| 17° — Santa Catharina | 638.743 | 41.753 |
| South Dakota | 636.547 | 91.440 |
| 18° — Rio Grande do Sul | 2.182.713 | 127.350 |
| Oklahoma | 2.022.283 | 586.347 |
| New South Wales | 2.099.763 | 304.373 |

| | | |
|------------------------------|-----------|---------|
| 19° — Minas Geraes | 5.888.174 | 230.150 |
| Ohio | 5.759.394 | 989.987 |
| Suecia | 5.903.762 | 737.393 |
| 20° — Matto Grosso | 246.612 | 8.980 |
| Wyoming | 194.402 | 47.553 |
| Delaware | 223.000 | 40.180 |
| 21° — Goyaz | 511.919 | 8.149 |
| Idaho | 431.866 | 156.836 |
| South Australia | 495.336 | 75.991 |



COMMERCO EXTERIOR DO BRASIL NUM SEGULO

| EXPORTAÇÃO TOTAL DO BRASIL: | | IMPORTAÇÃO TOTAL DO BRASIL: | |
|-----------------------------|---------------------|-----------------------------|--------------------|
| 1821 a 1830 | 243.263:000\$000 | 1821 a 1830 | 265.164:000\$000 |
| 1861 a 1870 | 1.537.175:000\$000 | 1861 a 1870 | 1.347:514:000\$000 |
| 1891 a 1900 | 7.349.258:000\$000 | 1891 a 1900 | 6.397.324:000\$000 |
| 1911 a 1920 | 12.300.768:000\$000 | 1911 a 1920 | 9.960.223:000\$000 |

| Exportação de café: | | Exportação de algodão: | | Exportação de cacão: | |
|-----------------------|--------------------|------------------------|------------------|-----------------------|------------------|
| 1821 a 1830 | 45.308:000\$000 | 1821 a 1830 | 48.546:000\$000 | 1821 a 1830 | 1.076:000\$000 |
| 1861 a 1870 | 695.352:000\$000 | 1861 a 1870 | 186.664:000\$000 | 1861 a 1870 | 14.182:000\$000 |
| 1891 a 1900 | 4.691.906:000\$000 | 1891 a 1900 | 182.210:000\$000 | 1891 a 1900 | 112.204:000\$000 |
| 1911 a 1920 | 6.446.400:000\$000 | 1911 a 1920 | 243.220:000\$000 | 1911 a 1920 | 454.443:000\$000 |

| Exportação de borracha: | | Exportação de assucar: | | Exportação de couros e pelles: | |
|-------------------------|--------------------|------------------------|------------------|--------------------------------|------------------|
| 1821 a 1830 | 156:000\$000 | 1821 a 1830 | 78.385:000\$000 | 1821 a 1830 | 33.489:000\$000 |
| 1861 a 1870 | 48.943:000\$000 | 1861 a 1870 | 185.151:000\$000 | 1861 a 1870 | 92.382:000\$000 |
| 1891 a 1900 | 1.163.334:000\$000 | 1891 a 1900 | 416.327:000\$000 | 1891 a 1900 | 182.210:000\$000 |
| 1911 a 1920 | 1.406.769:000\$000 | 1911 a 1920 | 392.168:900\$000 | 1911 a 1920 | 788.790:000\$000 |

| Exportação de mate: | | Exportação de fumo: | |
|---------------------------|------------------|-----------------------|------------------|
| 1831 a 1840 (1) | 1.718:000\$000 | 1821 a 1830 | 5.759:000\$000 |
| 1861 a 1870 | 19.078:000\$000 | 1861 a 1870 | 46.949:000\$000 |
| 1891 a 1900 | 104.913:000\$000 | 1891 a 1900 | 172.078:000\$000 |
| 1911 a 1920 | 375.097:000\$000 | 1911 a 1920 | 319.474.000\$000 |

(1) Figuram os algarismos de 1831 a 1840, porque não ha dados de 1821 a 1830.

PASCAL

A celebração do tricentenário de um dos maiores gênios da humanidade e, sobretudo, um daqueles cuja influência é, nesta hora de tumulto contemporâneo, dos mais penetrantes, nos leva a profundas meditações. Pascal, o inebriado do infinito, o sábio e o philosopho, o homem que mais temeu e mais acreditou, é todo o reflexo da inquietação moderna, como mostrou num admirável ensino o pensador brasileiro, Sr. Jackson de Figueiredo, fixando a tortura de Pascal e a crise actual, que tanto refaz a curva pascalliana para atingir a um espiritualismo consolador. "Pascal, escreveu o citado escriptor, é como uma onda gigantesca de amargura e de crença, assaltada pela nostalgia divina, em pleno oceano, no mais longínquo da dor humana, rolando até nossos dias, com a mesma força, o mesmo espanto, a mesma grandeza, pelas fundas cavernas da nossa melancolia." Ainda agora, publicando as conclusões do inquerito feito pelo Sr. Goston Picard, sobre a influencia de Pascal e de Renan, na mentalidade franceza hodierna, vimos que a de Pascal sobre ser muito mais intensa, era bem mais larga do que a do autor da *Vie de Jésus*. E, um seculo que procura, depois do mais acirrado scepticismo, desde o racionalismo de Kant ao instinctivo de Renan, a fórmula para sua tortura de unidade, a inquietação de Pascal, voltando a fé, é o mais confortador e mais fecundo exemplo. O physico e o mathematico, que dominava a materia pela logica dos algarismos, não se illudia com a fragilidade de sua sciencia — sentia de perto o abysmo. "La dernière demarche de la raison, c'est de reconnaître qu'il y a une infinité de choses qui la dépassent. Elle n'est que faible, si elle ne va pas jusqu'à connaître cela." Reagindo contra o intellectualismo, elle que via no homem o fraco cario pensante, cuja dignidade unica está em pensar, não cria um scepticismo, mas limita a intelligencia, acima das quaes ha o coração, que tem razões, que a propria razão ignora. "A sua philosophia é a philosophia em que o amor tem o primeiro lugar como regra imposta pelo coração e livremente aceita pela razão, para que melhor se orientem todos os espiritos e sejam mais firmes na humanidade com que se deve amar a Deus, sobre todas as cousas", para novamente citar o Sr. Jackson de Figueiredo.

Não exaggerou Anatole France quando disse que "Não houve no mundo genio mais poderoso do que o de Pascal.

Não houve tambem mais miseravel. Geometra, é igual aos maiores, embora tenha desviado o espirito o mais possivel da geometria. Faz importantes descobertas em physica, sem a menor curiosidade em penetrar os segredos da natureza. Só se interessa pelos que descobre, e não se importa absolutamente com os que os outros descobriram. Escreve sobre extractos que lhe fazem os amigos, um livro de circunstancias, (as "Provinciales"), que não devia sobreviver á querella de monges de que trata, e que a perfeição da arte torna immortal. E despreza todas as artes, mesmo a de escrever, e não ha um só genero de belleza que não lhe cause horror, como principio de concupiscencia. De noite, enfermo e sem sono, lança em pedaços de papel notas para uma apologia da religião christã; e essas notas que se publicaram depois da sua morte, fazem ha duzentos annos a delicia dos livres pensadores e dos scepticos..." A sua vida foi uma ansia em que procurava, não se consumir, mas se aperfeiçoar, com o horror á materia e ás cousas ephemeras, volvido apenas para Deus, num amor mystico.

Um escriptor brasileiro assim fixou uma impressão do grande philosopho: "A dor perpetua de Pascal, torturado pelo espectáculo do homem decaído, mas nobre, marchando á beira de um abysmo infinito, enganado pela razão, que o illude sem cessar, mas acalentado pelo calor intimo do coração, por onde possui os primeiros principios, essa expressão suprema do maravilhoso e do mesquinho, que o genio procura conter, pelo amor tornado fé, afim de chegar até Deus, essa sublime ansia pelo infinito esse sentimento vago e abstracto de confiança em extrema fraqueza, eis a imagem do grande philosopho". Não é possível, nesta simples nota alongar esse commentario desalinhavado, do correr da penna.

Nasceu Blaise Pascal em Clemon-Ferrend, em 19 de Junho de 1623 e morreu em 19 de Agosto de 1662. Foi grande sabio, e, aos 16 annos publicava o *Tratado sobre as secções cônicas*. Como physico, a sua obra é notabilissima, tendo feito grandes descobertas, ou, na época, causaram o mais vivo espanto. Foi

Leibnitz e Pascal

Para Pascal, como para Leibnitz a historia das sciencias, a nomeada é superior á obra, o que é justo, porque o genio é superior á nomeada: a abundancia de nomes não iguala á riqueza. Nas mathematicas tiveram uma simples descoberta e um exercicio, nunca a occupação principal dos seus espiritos e muito menos a tendencia fria de suas vidas. Com igual profundidade e igual attenção, os seus espiritos eram sem semelhança. Leibnitz curioso de tudo, excepto dos pormenores propunha methodos novos, deixando a outros o cuidado e a honra de applical-os. Pascal, ao contrar, quer precisar tudo, interessado apenas pelos resultados. Leibnitz descobre a arvore, descreve-a, e afasta-se. Pascal mostra os frutos, sem dizer a origem. Se os difficeis problemas resolvidos por Pascal se tivessem apresentado ao espirito de Leibnitz, este, depois de ter resolvido alguns, os mais simples sem duvida, não deixaria de assignalar um grande passo feito no calculo integral. Pascal promette soluções, mostra-as sem nada occultar, mas sem fazer valer o seu methodo, muitas vezes sem o deixar apparecer. Se Pascal, cujo genio foi sem superiores, tivesse, como Leibnitz, encontrado o calculo das differencias teria escolhido, para produzi-las, as consequencias precisas menos vizinhas da evidencia, se como fez muitas vezes não preferisse deixar desaparecer consigo o traço das suas meditações. Poder-se-ia comparar Leibnitz a uma montanha onde não param as chuvas, e Pascal a um valle que reúne as suas aguas, acrescentando-se que a montanha é imensa, o valle profundo e occulto."

JOSEPH BERTRAND.

por igual um philosopho. Teimam certos historiadores de philosophia em occuparem com elle, á margem, como simples discipulo de Descartes, talvez por não ter dado ao seu pensamento a estrutura de um systema. Que importa porém? Ninguém fallou mais de Deus ao coração — "Dieu sensible au cœur — eis como definiu a fé, e ninguem foi mais doloroso e miseravelmente humano do que elle

PRESCILIANO O COLORISTA DO SILENCIO

Não reside a originalidade no convencionalismo destruidor das fórmulas estabelecidas como revoltas estudadas. Está antes na victoria de expressão real, nua e justa, na perfeita representação exterior do sentimento proprio. Quem for sincero consigo mesmo será fatalmente original. Mas é necessario lutar, não sentir os pés que sangram nas pedras do caminho escarpado, o cerebro em fogo e ter os olhos sempre firmes na luz que desce do alto como um aceno de consagração, uma promessa feliz de bemaventurança... Não basta a consoladora reflexão de Rodó: "Quando el pensamiento de tu pequenez, dentro del conjunto de lo creado, te angustia, defíndete con esta reflexión, tal vez consoladora: tal como seas, tan poco como vivas, eres, en cada instante de tu existencia, una unica, exclusiva originalidad, y representas en el inmenso conjunto un elemento indestituible; un elemento, por insubstituible, necesario al orden en que no entra cosa sin sentido y objecto." Não basta. E' preciso lutar e produzir, possuido do desejo absoluto de perfeição, na angustia de dar corpo á realidade invisivel de um mundo intimo.

Ha artistas, desses em cuja alma roçou voo de uma inspiração suprema, que desconhecem as injunções de estatutos ou programmas para a concepção de suas obras. Fazem Arte por um dom natural, uma espontaneidade dominante do espirito. Dahi, unicamente, a sua originalidade, pelo cunho pessoal, inconfundivel, que imprimem ao que produzem.

Presciliano Silva, na multidão de artistas brasileiros, tem já a personalidade definida a largos traços, sobresahindo num plano separado, não só por causa da feição particular de sua palheta, como principalmente porque no Brasil, talvez pela ausencia de educação inicial capaz de despertar afinidades para o genero, não ha pintor de "interiores".

Lopes Rodrigues, o bahiano illustre, cujo final de vida foi um grito surdo de desespero contra a Indifferença dos conterraneos, e que

só depois de morto foi aqui comprehendido e glorificado. Lopes Rodrigues ficou sendo o unico pintor nosso conhecido e verdadeiramente notavel nesse genero. Mas todas as suas telas foram feitas na Europa: *A Porta e As Prisões do Castello de Clisson*, na Bretanha; o *Meu Atelier*, em Paris e um *Interior de Cosinha*, em Roma, foi elle um pintor brasileiro de interiores, mas não de interiores brasileiros. Isso, de modo nenhum, é motivo contrario ao alto merito de sua arte. Não passa de um falso ponto de vista o dizer-se como actualmente se tem dito entre nós, que o artista que fixa nossas paisagens, cabocos e matutos, possui mais direito de admiração e amor do que aquelle cuja obra é filha das influencias de um centro diverso. Não. Seria renegar todo um passado honroso. Os valores e a gloria são equivalentes em ambos. Em toda parte o que faz o artista não é a passibilidade commum dos temas escolhidos, mas o grão de sinceridade e emoção transmittidas. Pedro Americo, pelo erro só que lhe aponta o nacionalismo intolerante, ainda não deixou de ser o nosso maior pintor. Uns apenas merecem mais o nosso reconhecimento.

Desse grupo é Presciliano Silva.

De ta'ento exuberante e claro, não se deixou ficar, forçado pelas contingencias dispersivas do meio hostile, improductivo ou menos brilhante. Reconheceu que nos interiores colonias de nossos conventos se encontra o patrimonio mais forte da belleza artistica da terra.

Ha tempos, todos lhe admiramos o pincel magnifico que creou a *Oração da Tarde*. A claridade de um fim de dia entrando, como uma bengam, pelos vidros e frinchas da porta ao lado, envolve o ambiente num véo mystico de serenidade e silencio; reflecte-se, fugindo, na mancha escura, vagamente violacea, do frade em recolhimento; coa-se, como um sopro de debilidade agonizante, pelo arredado da toalha do altar; sobe, com uma doçura de adoração até o vulto do Christo

Crucificado; depois desce ondulando em scintillações de ouro velho, esbatendo-se nos relevos das paredes, e vae morrer longe, nas lages frias, num tremor de azas feridas, como um fremito exausto, um halito que se extingue... E' a projecção mysteriosa da luz sobre um fundo esbatido de silencio.

Agora Presciliano Silva nos offerece outra obra prima, tambem feita no Carmo: — *A Ultima Porta*. Quasi o contrario da primeira, esta sua tela é a encarnação do maior triumpho que se pôde conseguir sobre a simplicidade. O silencio, em outros, é quasi sempre monotonico, mas em Presciliano é a grande voz das coisas mudas. Uma porta de convento entreaberta, que dá a idéa perfeita de a terem deixado ha pouco, por onde se vê, ao fundo, a claridade esvoaçante do céu longínquo, penetrando pela janella. A' direita, um banco rustico. Um velho está sentado, e adormeceu. Na parede nua, a nevoa de um quadro, em que se adivinha uma Conceição. Um chapéo solto no banco. A luz cae suave e se estende como um manto sem dobras. Pouca sombra...

Mas porque, nesse scenario tranquillo de santidade primitiva, onde não ha sequer a aggressão de um movimento calculado todos sentem a realidade soberana? Porque alli está o sentimento intimo do artista, que teve a sua expressão exacta. Por ser sincero, é um original. Outro poderiam aproveitar o mesmo thema. Nenhum, talvez, conseguisse a vibração sem voz das tintas de Presciliano. E' que elle é o emolivo da solidão, o colorista do Silencio. Um symbolista por indole, pôde ser.

Eu de mim soffro uma atracção irresistivel por este seu segundo trabalho. Parece que vejo na figura humilde daquelle velhinho que a miseria das ruas prostrou, depois de pedir a fortuna de uma esmola, a imagem dos que seguem no encalço da felicidade impossivel, do sonho irrealizavel, daquelles a quem a conquista enganadora do ideal derubra e estacam, martyrisados e vencidos, quasi mortos, ante a ultima porta das illusões da Vida...

Rafael BARBOSA

Bahia.

NOTAS & COMMENTARIOS

A visita do nosso director á Bahia

Metivo de força maior impediu que o nosso director Sr. Elycio de Carvalho accedesse ao convite que lhe foi feito, pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, pela Academia de Letras Bahianna e pelo Centro Academico desse Estado, para visital-os por occasião das festas do centenario de Dois de Julho. Desejoso, porém, de corresponder a tão alta gentileza e para satisfazer ao pedido de realizar ali algumas conferencias, acredita o nosso Director lhe ser possível muito em breve visitar a Bahia. Não precisamos dizer o muito que nos sensibilizou esse gesto captivante das mais altas associações literarias bahianas para com o nosso Director, que recebemos como mais um applauso á orientação desta revista, no seu programma esforçado pelo Brasil. Porquanto toda a obra do Sr. Elycio de Carvalho se cristaliza nesta publicação, que é uma synthese viva do seu poderoso idealismo de combatente e de historiador. Para premio desse esforço e para compensar as amargas decepções dos que não transigem, convites dessa significação constituem o melhor incentivo a que podem esperar os que trabalham pelo seu paiz.

O ensino primario obrlgatorio

O Sr. Tavares Cavalcanti, Deputado pela Parahyba, fez na Camara um vehemente apello, para o andamento do projecto que estatue a obrigatoriedade do ensino primario, questão que disse ser nacional, "porque é de toda humanidade, por assim dizer, que é interessada no desenvolvimento do espirito dos povos, no progresso das luzes da civilização, desenvolvimento e progresso que não se attinem sem uma perfeita diffusão do ensino, e, acima de tudo, o ensino primario".

Ninguem contesta que o projecto do ensino primario obrigatorio seja salutar, mas todos sabem que a lei em questão não é, nem pôde ser, a panacéa ideal para o grande mal brasileiro.

Por isso que, num paiz como o nosso e processo de educação ha-de ser muito mais amplo e demasiadamente complexo, pois não só escolas primarias temos de fundar, senão escolas rurales, especializadas segundo as differenças regionaes, de sorte que o ensino seja systematico e racional. Não é preciso tão somente collocar a cartilha do A. B. C. na mão de cada brasileiro, mas ministrar uma instrução salutar, fazendo homens uteis e trabalhadores.

Só pela fusão do ensino primario com o profissional e rural obteremos o exito almejado. Como quer que seja, é de todo justo o apello do Sr. Tavares Cavalcanti, no seu discurso, do qual resumimos as considerações finais: "a obrigatoriedade do ensino desde já fica consagrada em these; mas o projecto estabelece, desde logo, causas de isenção, entre as quaes se encontra a da falta de escolas dentro de determinado perimetro.

A nossa primeira necessidade é de legislar sobre o assumpto, mas legislar com prudencia, com cautela, e sobretudo, com espirito decidido e não retrogradar, de não parar mesmo na consecução desse importante alvo.

É necessario que o Brasil conserve a sua posição no meio das nações civilizadas; e esta posição irá sendo perdida, se não tivermos a coragem e a firmeza necessarias para

encarar o problema da instrução. Porque é preciso não alimentarmos illusões sobre esta materia: é tão vertiginosa a marcha do espirito humano, são tamanhos os progressos de outros povos, desse ponto de vista, que o Brasil, só por não dar um passo, em um anno pôde ficar atrazado dezenas de annos. Isto sabem todos que se preocupam com o importante problema.

O apello, portanto, que ora me coube dirigir á Camara, e, principalmente, á Commissão de Finanças, é feito com o intento que, estou certo, é o de cada um dos nobres membros desta Casa, é feito com o empenho que é o de todos os patriotas brasileiros com o ideal, que é o de todas as nações, desde suas fronteiras de norte até suas fronteiras do sul. É um apello que obedece aos sentimentos das nossas necessidades effectivas e, sobretudo, ao interesse pelo desenvolvimento desse espirito de solidariedade nacional, que deve fazer de cada brasileiro um operario do progresso e da grandeza da Patria.

É innegavel que todo o patriotismo nacional, sem as necessarias luzes para encaminhar, para dirigir a acção de cada um dos nossos concidadãos, não será sufficiente para que o Brasil atinja seus gloriosos destinos.

Confio que, antes de se findar a presente legislatura, este passo decisivo terá sido dado, no caminho do progresso nacional; terá sido organizado o ensino publico brasileiro, estabelecendo as bases para a cooperação de todas as forças vitais da nacionalidade.

Sociedade de Concertos Symphonicos

O Senado Federal, rejeitando o "veto" do Prefeito Carlos Sampaio, á resolução do Conselho Municipal, que concedia uma subvenção a essa Sociedade, fez um beneficio á nossa arte, de todo indiscutivel. O esforço dispendido até hoje, pela "Sociedade de Concertos Symphonicos" é simplesmente admiravel, pois tem conseguido, com poucos auxilios e vencendo todas as difficuldades, constituir uma orchestra symphonica valiosa que, si não tem logrado maior exito, é pelo desamparo em que vive, impedindo seus professores de lhe dedicar maior numero de horas para ensaios. O facto é que, ao nascer, duvidaram tolos de seu successo, hoje inteiramente assegurado. Não se comprehende a negação do ex-Prefeito, que aliás, não se celebrizou por uma grande economia, na sua administração de "iniciativas", sobretudo quando a idoneidade da Sociedade estava a toda a prova, numa existencia, já longa e brilhantissima. Graças a ella, temos tido um aperfeçoamento da nossa cultura musical, favorecendo-nos a audição constante de grandes obras, algumas ainda desconhecidas á nossa platéa, bem como a inclusão nos seus programmas, das

partituras nacionaes, muitas das quaes tiradas do pó dos archivos. Bem haja pois o Senado pelo seu voto, que restabeleceu a decisão patriótica do Conselho Municipal.

Para gozar desta subvenção, a Sociedade de Concertos Symphonicos obrigou-se á executar, em cada um dos dias 20 de Janeiro, 7 e 20 de Setembro e 15 de Novembro, em praça publica, a ser indicada pelo Prefeito, concertos com 150 professores de orchestra, em que serão ouvidas sómente composições de autores nacionaes de reconhecido merito, organizados os programmas de accordo com a autoridade designada pelo governador da cidade. Obriga-se ainda a Sociedade a abrandar os actos solemnes do Conselho Municipal e da Prefeitura, fornecendo a orchestra para esse fim, sem onus para os cofres municipaes e a organizar quatro grandes concertos na abertura da temporada official do Theatro Municipal.

Os chefes municipaes de Minas Geraes

O "Diario de Minas" publicou uma interessante estatística dos presidentes das camaras dos 178 municípios de Minas Geraes, segundo a profissão de cada um. Esses dados, colhidos por um dos secretarios do Congresso das Municipalidades, deram o seguinte resultado:

| | |
|---------------------------------------|----|
| Lavradores..... | 43 |
| Commerciantes..... | 24 |
| Médicos..... | 27 |
| Advogados bachareis..... | 28 |
| Pharmaceuticos..... | 21 |
| Advogados provisionados..... | 4 |
| Sacerdotes..... | 4 |
| Proprietarios..... | 3 |
| Lavradores e commerciantes..... | 3 |
| Engenheiros agronomos..... | 3 |
| Professores..... | 3 |
| Engenheiros civis..... | 2 |
| Industriaes..... | 2 |
| Capitalistas..... | 2 |
| Cirurgião-dentista..... | 1 |
| Professor de Escola de Pharmacia..... | 1 |
| Agrimensor..... | 1 |
| Jornalista..... | 1 |
| Militar reformado..... | 1 |
| Lavrador e industrial..... | 1 |

Total..... 178

É interessante observar que já se vaee accentuando a tendencia de entregar os governos locais aos lavradores e commerciantes e, embora a percentagem ainda não seja decisiva, já significa o começo de libertação do politico profissional, que representa a entidade mais malefica e pernicioso do nosso paiz. Só os homens de trabalho têm capacidade para administrar, prevendo e provendo as necessidades publicas.

Exportação da Bahia.



José Carlos Rodrigues

Foi um brasileiro illustre e que prestou ao seu paiz assignalados serviços. As homenagens que se lhe prestam nesta hora luttuosa são um preito sincero de agradecimento, ao mesmo tempo que lhe gravam indelevelmente a memoria, entre os que muito se dedicaram e só viveram pela sua Patria. Essa foi a feição dessa longa existencia, que se findou em Paris, a 28 do mez passado. Os traços biographicos que resumimos, são bastante significativos de seu grande merito.

Nascido em Cantagallo, cedo ainda, quando cursava o Collegio Pedro II, nesta Capital, fundou um jornal intitulado "O Genio", passando logo a collaborar em outros.

Estando em S. Paulo, em cuja Faculdade de Direito se diplomou em sciencias juridicas e sociaes, pertenceu ao corpo de collaboradores do "Correio Paulistano" e de outros jornaes da capital do grande Estado.

Com 23 annos de idade, partio para os Estados Unidos da America e, alli, como correspondente do "Diario Official" e, logo depois, collaborador do "Jornal do Commercio", entregou-se inteiramente ao jornalismo, escrevendo em jornaes de Nova York e de Londres.

Sua primeira correspondencia para o "Jornal do Commercio", data de Março de 1868.

Redactor do "New York Herald", em 1870 fundou alli uma revista, "O Mundo No-

vo", que durante muitos annos dirigio e em cujas paginas escreveram diversos vultos de proeminencia, brasileiros e estrangeiros.

Dom Pedro II, quando visitou Nova York, em 1876, por occasião da Exposição Internacional de Philadelphia, subio as escadas do "Mundo Novo" para conversar com seu director.

Familiarizado com a lingua ingleza, conhecedor de finanças e versado em muitos outros assumptos, prestou numerosos serviços ao Brasil, encarregado de importantes e delicadas missões.

Entre estas, cita-se aquella que lhe confiou o Presidente Campos Salles, de um entendimento com os capitalistas inglezes, do qual resultou a operação feliz que deu em resultado a encampação da estrada de ferro com garantias de juros.

Em Londres, collaborador do "Pall Mall Gazette", e de outros grandes orgãos, no "Times" escreveu ainda brilhantes artigos sobre o caso da escravidão brasileira, então em foco. Foi quando defendeu o Brasil de accusações que lhe foram feitas pelo então príncipe de Galles, depois rei Eduardo VII, em um discurso que este soberano proferio na "Anti Slavery Society".

Nesse celebre artigo o Dr. José Carlos Rodrigues, occupou tres columnas do "Times", pulverizando a argumentação do joven príncipe.

Lutador, desde o inicio de sua vida, o venerando morto tinha por lemma que o "tra-

balho sério e bem sustentado é o unico caminho ás posições eminentes em que nos possamos sentir felizes".

Em um memoravel discurso que proferio despedindo-se da sua companhia e auxiliares do "Jornal do Commercio", que adquirio por compra e dirigio por muitos annos, traçou sua auto-biographia que é um verdadeiro compendio de ensinamentos andios nobres.

Nesse discurso exhortou os que ficaram no "Jornal", disse:

"Minha experiencia deve alertar a vós todos que trabalhaes no jornalismo como profissão insigne e que não abuseis dessa aura já para a propagação de alheas ambições, já para a obtenção de negomias mesquinhas".

Um trecho do seu discurso vale por uma lição de moral e define o exemplo de energia que foi toda a sua vida. Esse trecho é o seguinte:

"Se eu subi á posição, que nunca mereci, de vosso director, foi pelo auxilio de Deus e de meu trabalho, do meu amor sincero pela profissão. Bemdigo sempre as terriveis afflicções que tive nos nove annos e tanto em que, sózinho nos Estados Unidos publiquei o "Novo Mundo". Quando, sem jornal nos oito annos de residencia em Londres, eu escrevia alli artigos que podia, mal sabia eu que cada vez que mandava aos meus patrões os respectivos retalhos, accumulava eu, cada vez mais, a sua estima e o respeito que se manifestaram primeiro em 1888, quando

CALCANDO PRECONCEITOS

Assigna o trabalho abaixo a Sra. Zorayda Braga, que na Bahia é uma das abnegadas lutadoras pela emancipação da mulher. A "America Brasileira" honra-se em publicar a pagina da distincta senhora, especialmente

escripta para o presente numero.

Mão grado nosso, fomos interrompidos no principal ponto da nossa conversação — a queda da mulher por falta de recursos.

Reclamavam a minha presença na sala de dansas, fui forçado a me retirar, promettendo, na primeira oportunidade, voltar ao thema da palestra tão calorosamente enctada, e agora o venho fazer por escripto.

Apresento-lhe um estudo:

Ha um mez, precisamente, fui informada de que uma menina descendente de boa familia fôra desviada (como geralmente se diz) do caminho da honra.

Entre duvidosa e penalizada dei-me pressa em visital-a.

Recebeu-me com affecto, e, logo após os primeiros saudaes, com a maior simplicidade, interrogou-me:

— Já soubeste do meu novo estado?

A' singeleza da pergunta impunha-se a mais respeitosa sinceridade. Respondi-lhe:

— Sim, falaram-me algo sobre a tua amizade com F. . .

— Pois é a verdade.

— E como foi isso?

— Do modo mais simples — confiança e interesse. . .

— Oh! . . . assim? . . .

— Admiras-te? não sei porque. . .

Bem sabe a vida que tenho supportado desde os meus quinze annos. Perdi meu pai, ficando na penuria, sem recursos e sem amparo, minha pobre mãe invalida, completamente paralytica, atirada a um estrado, lastimavel. . .

— Mas, intelligente como és, instruida. . .

— Nada, minha amiga. . . Quiz trabalhar, pedi empregos, perdi tempo, foi tudo em vão. Orphã, sem arrimo,

exhausta de esperar melhores dias, achei que faria bom negocio entregando-me a F., a quem nem sequer tinha a felicidade de amar! . . .

— Deves ter soffrido muito! . . .

— Não. . . estou satisfetissima. . .

Elle está em optimas condições financeiras, cerca-me do preciso conforto, a mim e a minha adorada mãe, por quem padeci as maiores torturas d'alma, vendendo-a quasi morrer á mingua. . .

Nem quero pensar; o que passou, passou. . .

— Foste precipitada talvez. . . devias ter persistido mais, tentado um meio de vida qualquer. . .

— Qual? Ser creada? . . . Mesmo assim, a quem confiar a pobre martyr?

— E por que não recorrestes aos teus primos, o Evandro e o Luiz? Estão bem, ambos collocados. . .

— E's ingenua. . . Tentaram seduzir-me e eu preferi entregar-me a um extranho. Ah! um horror a minha triste vida! . . .

— E a pobre velhinha?

— Coitada! A principio chorou. . . chorou muito. . . mas já está conformada; procurei convencel-a de que a vida é isso mesmo — cada qual cuida do que melhor lhe convém e cumpre o que lhe está prescripto pelo destino. Olha, já parece outra, as côres lhe voltam e o olhar tem outra expressão de vida! Nada lhe falta. . .

O nosso mal, tem sido, filha, o que-remos alterar a face das cousas — transformar o mundo. . . A mulher deve ser amparada pelo homem — isto deve constituir lei — deve elle trabalhar para que nós gozemos o producto do seu labor. . . principalmente se temos encantos. E' csse, a meu ver, o papel que deve representar a mulher na vida social. O mais são utopias irrealizaveis e nós seremos sempre burladas se pensarmos e procedermos de outro modo.

— Estás enganada! — retruquei-lhe.

— Quando m'o provares ao contrario! . . .

— Lastimo esse teu modo irreflectido de pensar e de agir, mas compreendendo que a dôr tenha produzido taes

descalabros no teu caracter. Vejo, entretanto, que no amago continúa a mesma a tu'alma de escol, apenas turbada pelo infortunio.

— Nenhuma almejou mais do que eu ser pura, honesta, e desfructar das homenagens dessa sociedade hypocrita que hoje considero execranda e miseravel! . . .

— Tens razão! Mas não pcusas no futuro?

— O futuro, sempre ouvi dizer — *Deus pertence!* Quando este se aborrecer de mim tomarei outro, — isso é o menos. . .

— E's uma revoltada! . . .

Despedi-me consternada, dizendo-lhe — Deus te ampare!

Subito, duas torrentes de lagrimas da mais intensa emoção, cavando profundos sulcos, deslisaram pelas rosadas e setineas faces da mais bella e delicada das minhas camaradas de infancia.

De volta, pelo caminho, reclinada nas almofadas do "phaeton" vinha eu absorta, scismando, a recordar o brocardo:

"Bem creada e malfadada!"

Diga-me agora o bom amigo se diante de provas taes poderá contestar quanto lhe hei affirmado. . . A mim não seria difficil citar-lhe uma infinidade de casos congeneres.

Transcorridos alguns dias tive a ventura de receber do meu distincto e delicado amigo Dr. C., uma carta do seguinte teor:

"Minha senhora.

Começo a sympathizar e a tomar interesse pela causa que defende com tanto ardor

A narrativa da vida da sua desditosa amiga me sensibilisou sobremodo, principalmente no topico em que ella diz: — A quem nem sequer tinha a felicidade de amar! . . .

Adopto a sua opinião: — A mulher deve ser independente, trabalhando como nós homens o fazemos, — o que de modo nenhum a inibe de consagrar o seu amor a quem mais lh'o mereça.

Estarei comsigo e luctarei pela victoria social da soberana do mundo pela graça e pelo amor — A Mulher."

Zorayda BRAGA

Bahia.

pensaram em substituir por mim o Dr. Luiz de Castro, então fallecido, e em 1890, quando propondo Eduardo Prado a aquisição do "Jornal do Commercio" para mim e amigos meus, elles desde logo com muito gosto me deram o seu preço e informações que desajava ter, de caracter reservadissimo.

Foi pois, pelo trabalho que me elevou. Não forcei portas, não saltel janellas, da casa a se não tinha, pelo seu tirocinio, entrara franca"

Os grandes centros yankees

As novas estatísticas publicadas pela repartição competente dos Estados Unidos indicam que a população das principais cidades vai sempre em augmento. A America do Norte conta 68 cidades de mais de 100.000 habitantes, das quaes 12 ultrapassam de 500.000. Estas doze são: Nova-York, com 5.295.625; Chicago, 2.886.121; Philadelphia, 1.922.788; Detroit, 995.668; Cleveland, 888.519; São Luiz, 803.853; Baltimore, 773.850; Boston, 770.400; Los Angeles, 666.853; Pittsburg, 613.442; São Francisco, 539.058; Buffalo, 536.718. No Brasil, as grandes cidades estão longe de attingir a esse numero collossal de habitantes, pois os mais povoados accusam estes numeros, segundo o recenseamento de 1920: Rio de Janeiro, 1.157.875; S. Paulo, 579.033; S. Salvador, 283.422; Recife, 238.843; Belém, 236.402; e Porto-Alegre, 179.263. A população de Nova York é quasi igual á do Estado mais populoso do Brasil, que é o de Minas Geraes, pois a cidade americana tem 5.293.625 e o Estado brasileiro, 5.888.174, e é superior á população de todo S. Paulo, de 4.592.188. Chicago tem população superior ao Rio Grande do Sul e Pernambuco, e Philadelphia a tem superior ao Ceará e ao Rio de Janeiro. Mas, havemos de chegar até lá...

A orthographia portugueza

O Sr. Oliveira Lima já ergueu a voz contra a orthographia official portugueza. Insurgiu-se, por seu lado o Sr. Agostinho de Campos contra aquillo que chama de chaos graphico, reclamando a applicação da orthographia decretada officialmente em 1911.

A comissão reformadora, porém, não foi capaz de contentar a todos. Pelo contrario. Um dos seus membros, o professor Adolfo Coelho chegou mesmo a escrever que reconhecia "a necessidade de uma reforma orthographica, mas difficuldades praticas são tão grandes que só um espirito temerario pôde julgar que é facil dictar leis sobre a materia". Outro membro da comissão reformadora, o notavel professor Sr. J. J. Nunes, no seu *Compendio de gramatica historica portugueza*, (pag. 189) divide a historia da orthographia portugueza em dous periodos: o periodo phonetico desde os principios da lingua até o seculo XVI e o periodo pseudo-etymologico, desde o seculo XVII até agora.

A opinião do Sr. Oliveira Lima é que "ha toda, absoluta conveniencia em que a orthographia seja identica entre portuguezes e brasileiros, e com pequenas modificações, que-ro dizer simplificações, a orthographia ety-

mologica que foi a de João de Barros, a de Vieira e a de Herculano, podia ter continuado a servir-nos a todos, assim mantendo e robustecendo a continuidade philologica"

Commentando essas diversas opiniões, o Sr. Alfredo Pimenta, pondera:

"A orthographia official portugueza nem é sonica, nem etymologica: mas tem mais tendencias sonicas do que etymologicas. E é o proprio Sr. José Joaquim Nunes que me dá razão quando escreve a pag. 194 dessa obra: "por meio dellas (as regras de orthographia apresentadas pela comissão de 1911), resuscitou-se a antiga graphia, genuinamente portugueza, e acabou-se com o deslucido do latim e do grego, todavia, escriptas conserva ainda a orthographia ultimamente assente que se afastam das seguidas antes e

conformes com a etymologia. Terminando as suas considerações fundadas em boa logica, o Sr. A. Pimenta preconiza a orthographia rigorosamente etymologica, — "que é ainda a que menos fere as tradições" e é capaz de conquistar mais adeptos"

A orthographia simplificada não obteve grande exito no Brasil, raros são os escriptores brasileiros que a adoptaram, e aos argumentos do Sr. Alfredo Pimenta pôde-se acrescentar que o maior numero de letrados dos dous paizes, após mais de dez annos, não parece querer seguila. Isto não é sem valor. Quanto a nós, os nossos leitores terão visto que a *America Brasileira*, sempre eclectica e liberal, tem respeitado ambas as orthographias, não se considerando autorizada a rectificar os textos dos seus collaboradores dos dous paizes.

O HYMNO DE DOUS DE JULHO

Além dos hymnos da Independencia e o Nacional, temos ainda o Hymno 2 de Julho que celebra a entrada triumphal do exercito pacificador na Bahia, cuja composição musical pertence a José dos Santos Barreto, tendo também cahido infelizmente nas trevas do incongnito a autoria literaria.

O hymno 2 de Julho, que é mais um hymno de victoria do que um canto de guerra, é também uma composição de grande folego e de uma urdidura altamente artistica.

E' realmente bello e edificante ouvir-se annualmente no dia 2 de Julho, após a chegada dos emblemas da independencia bahiana, conduzidos por dezenas de batalhões patrioticos, symbolizando a entrada triumphante do exercito pacificador na Bahia, este hymno cuja introdução em *crescendo* parece uma cata-dupa formada pelo sangue derramado pelas victimas heroicas da Independencia e cujo canto bello, sublime e adoravel parece mais um hymno de graças, ou por outra, um d'aquelles *Te-Deum* attribuidos a S. Agostinho e S. Antonio, no qual debaixo de toda a solemnidade se rendiam graças a Deus por uma victoria alcançada.

Dir-se-á um canto inspirado pela luz do Divino Espirito Santo e portador das bênçãos celestias aos martyres de nossa Independencia.

Nasce o sol ao Dous de Julho
Brilha mais que no primeiro
E' signal que n'este dia
Até o sol é brasileiro.

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas acções
Com tyrannos não combinam
Brasileiros corações.

Salve, oh! rei das campinas
De Cabrito e Pirajá
Nossa patria hoje livre,
Dos tyrannos não será.

Cresce, Oh! filho de minha alma
Para a patria defender,
O Brasil já tem jurado
Independencia ou morrer.

Guilherme de Mello.

PARC ROYAL

ARTIGOS PARA HOMENS

Vasto sortimento de casimiras de todos os padrões — Roupas brancas — Collarinhos, Punhos, Meias e Gravatas — Artigos de viagem e accesorios de toilette — Chapéos, Calçados, Guarda-chuvas, Bengalas, etc.

PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

NOTULAS

Em 23 de Abril deste anno, foi celebrado na Inglaterra, o terceiro centenario do apparecimento do primeiro volume das obras de Shakespeare, conhecido no mundo inteiro como o "First Folio", e intitulado *Mr. William Shakespeare's Comedies, Histories, and Tragedies*. Acredita-se que essa edição tivesse sido de 500 exemplares, tendo mil paginas, em volumes duplos. Ha o retrato do grande Will. por Droueshout, que hoje é muito conhecido pelas numerosissimas reproduções. Quanto ao texto, está muito viciado, com varios erros e uma pontuação absurda. Restam hoje 172 exemplares dessa edição preciosissima, sendo 105 na Inglaterra, 60 nos Estados Unidos, 3 nas colonias inglezas e 2 na Europa. O exemplar pertencente á celebre Bibliotheca de Oxford, tem ainda a sua historia. Em 1623 foi-lhe offerecido, um volume, e, em 1624, apparecendo uma melhor edição o exemplar *principis* foi vendido. Por quasi tres seculos esteve perdido e, em 1905, foi encontrado numa bibliotheca particular, a que foi adquirido por 3.000 libras esterlinas ou 48.000\$000, ao cambio brasileiro de então, sendo que, ao cambio de hoje, seria cerca de 135.000\$000.

O Governo da Italia propoz o nome do Sr. Epitacio Pessoa, para succeder Ruy Barbosa no Tribunal de Justiça Internacional, da Liga das Nações.

Discute-se a possibilidade de levantar o "Lusitania", o grande transatlantico, que a guerra submarina, num requinte de barbaria, afundou. O navio, cuja carga é preciosissima e se avalia em 6 milhões de dollars, ou 54 mil contos de réis, está a oito milhas da costa irlandeza e a 73 metros de profundidade, o que torna possível o projecto de levantamento, cu, pelo menos, de salvar o casco, em cujo bojo ha tamanha riqueza. O engenheiro americano Sr. Bliss Leavitt concebeu um plano de escaphandros especiaes, que serão em bronze, devendo pesar 175 kilos na superficie e 40 na immersão. O ar será fornecido de sorte que o escaphandrista possa permanecer 3 horas mergulhado e será ligado, telephonicamente, ao navio soccorro. O Sr. Leavitt conta destruir, a dynamite, os armozes que estão sobre a caixa forte de bordo, onde estão os valores, metaes e joias de grande preço. A caixa forte e o seu conteúdo seriam retirados por um guindaste de 30 toneladas.

O jury francez do concurso de litteratura espiritalista deu o "Premio Claire Vrenque" de 3.000 francos, ao Sr. André Dumas, autor do livro *Ma petite Vierge*, e á senhora Marie Gasquet, autora do livro *Une fille de Saint François*.

No dia da morte de Sarah Bernhardt todos os theatros francezes trabalharam. Trabalharam pela sua gloria. Por proposta do Sr. Sacha Guitry os autores e actores deram uma parte dos seus vencimentos e proventos para a estatua da gloriosa Sarah. Abriu a subscripção a actriz Mistinguett, que subscreveu todos os seus honorarios dessa noite de luto para o teatro mundial e muito especialmente para o francez.

Para commemorar o tricentenario da morte de Cervantes, o Governo hespanhol fez publicar uma edição especial, em quatro volumes, do "Don Quixote". Essa edição é limitada a 125 exemplares e illustrada com cerca de 200 gravuras, trabalho do artista hespanhol D. Ricardo Marin. Os exemplares serão distribuidos apenas entre as personalidades mais distinctas da Hespanha, ao Papa Pio XI, ao Rei Jorge e ao Rei da Italia. Os exemplares do Papa, do Rei Jorge e do Rei Victorio Emmanuel serão entregues com uma dedicatória autographa do Rei Affonso.

Foi o seguinte, o custo da grande guerra, em milhões de dollars: França, 37.581; Italia, 14.794; Russia, 20.500; Grã-Bretanha, 48.944; Allemanha, 49.362; Estados Unidos, 33.456. Dividas inter-alliadas, 23.658; varias, 42.485; total, 270.780. Reduzindo-se essa cifra monstruosa a dinheiro brasileiro, pelo cambio actual, temos que o custo da guerra, em mil réis, foi de 2.672.410.000:000\$000! Eis um algarismo que é de todo impossivel conceber, mesmo pelos Fords e pelos Rockfellers.

"El Sol", de Madrid, num artigo sobre a America do Sul, diz que se accentua a intervenção do Brasil e da America Hesp-

nhola nas assembléas internacionaes. A Europa surpreendeu-se com a existencia de personalidades sul americanas de forte mentalidade e vasta cultura, que em muitas occasiões superaram prestigiosos nomes europeus. Diz que a Hespanha deve tomar o exemplo da vida americana e procurar solucionar todos os seus problemas legais e sociais.

Na primeira sessão da Corte Permanente de Justiça Internacional, na qual tinha assento Ruy Barbosa, o seu presidente, Sr. Lodge, fez um empolgante necrologio do Mestre, em palavras honrosissimas para o Brasil. Assim findou: Teve assim termo essa vida tão fecunda e tão cheia, que fazia exclamar: "Ha em Ruy Barbosa a força de muitos homens, dos quaes, cada um é por si um homem de primeira ordem". Se essa perda foi grande para o Brasil, igualmente o foi para o mundo."

O aperfeiçoamento da educação do povo e dos conhecimentos medicos tem contribuido para diminuir o numero de cegos nos Estados Unidos. De 57.272, que existiam em 1910, estão reduzidos a 52.617, ou sejam 50 para 100.000 habitantes, o que dá uma média de 1 para cada 2.000 habitantes. Os homens predominam sobre as mulheres, na proporção de 3 por 2. A cegueira mais commum é entre os indios, 200 cegos por 100.000 habitantes, e depois, entre os negros, 60 por 100.000 habitantes.

As ultimas estatisticas da construcção naval, nos diversos paizes, se referem a 1921 e accusam os seguintes algarismos totaes:

| | NAVIOS | TONELADAS |
|--------------------------|--------|-----------|
| Inglaterra. | 804 | 1.596.272 |
| Estados Unidos | 292 | 1.303.735 |
| Allemanha. | 241 | 622.762 |
| Japão. | 119 | 424.284 |
| Hollanda. | 292 | 292.586 |
| França | 119 | 223.974 |
| Italia. | 62 | 205.592 |

O maior surto é accusado pela Allemanha que, em Maio de 1922, tinha em estaleiros 230 navios, com 1.250.000 toneladas. Pelas novas combinações, a Allemanha reconstituiu

sobre seu pavilhão, em 1º de Janeiro de 1922, 2.438.000 toneladas, quando, em 1910, depois do tratado de Versalhes, só lhe sobraram 419.000 toneladas.

O Sr. Raiberti, Ministro da Marinha da França, organizou o seguinte programma naval para a França, de accordo com as decisões da Conferencia de Desarmamento de Washington: 117.800 toneladas de navios de linha; 360.000 toneladas de cruzadores e torpedeiros; 60.600 de navios porta-aviões; 65.000 de submarinos.

O ultimo censo procedido nos Estados Unidos, com referencia a criação, accusa os seguintes algarismos: Animaes domesticos, 200.000.000 de cabeças; aves, 400.000.000; gado vaccum, 68.000.000; suino 62.000.000; ovino e caprino, 39.000.000; cavallar e muar, 27.000.000. O Estado de Texas, sómente tem 6.362.799 cabeças de gado vaccum; enquanto que o de Iowa tem 7.945.620 cabeças de gado suino. O numero de gallinhas criadas em 1919, foi de 473.301.959, e a producção de ovos foi de 1.654.044.932.

Durante o anno de 1922, importámos 2.772 automoveis, no valor de 20.997.988\$000. Os paizes que maior numero nos remetteram foram: Estados Unidos, 2.265; Italia, 243; Allemanha, 121. Desses 2.772 automoveis, 1.171 desembarcaram no Rio de Janeiro, 930 em Santos, 280 em Porto Alegre, 216 no Rio Grande, 88 em Fortaleza, 21 em Recife, 17 na Bahia, 14 em Natal, 9 em Cabedello, 7 no Maranhão, 5 em Sant'Anna do Livramento, 4 no Pará, 3 em Jaguarão, 2 em Porto Murinho, Pelotas, Florianopolis e 1 em Maceió.

O numero de cigarros norte americanos vendidos em 1922 foi de 12 bilhões, contra 2 bilhões vendidos antes da guerra, em 1913. A exportação no anno passado foi para 80 paizes, enquanto em 1913 não ultrapassou de 50. O valor dos cigarros exportados em 1922 foi de 24 milhões de dollars, aproximadamente, enquanto o dos exportados em 1913 foi inferior a 3 milhões. O maior consumo de cigarros yankees se faz no Oriente, tendo a China importado em 1922 8 bilhões e meio, ou seja mais de 2/3 da exportação total, constando cerca de 17 milhões de dollars.

ALTERAÇÕES DA DIVIDA EXTERNA FEDERAL

| | Augmento | Diminuição |
|----------------------|--------------------|------------------|
| | £ | £ |
| 1888 a 1897..... | 11.745.600 | — |
| 1897 a 1898..... | 1.033.989 | — |
| 1898 a 1900..... | 2.962.022 | — |
| 1900 a 1905..... | 31.368.186 | — |
| 1905 a 1909..... | 8.571.944 | — |
| 1909 a 1910..... | 8.313.835 | — |
| 1910 a 1913..... | 16.821.563 | — |
| 1913 a 1914..... | — | 1.283.033 |
| 1914 a 1915..... | 6.139.938 | — |
| 1915 a 1916..... | 3.703.530 | — |
| 1916 a 1917..... | — | 132.893 |
| 1917 a 1918..... | 4.223.470 | — |
| 1918 a 1919..... | — | 150.260 |
| 1919 a 1920..... | — | 356.504 |
| 1920 a 1921..... | 10.060.629 | — |
| 1921 a 1922..... | 3.829.140 | — |
| Totales | 108.673.832 | 1.922.692 |

RESUMO

| | |
|--|--------------------|
| Total da divida em 1888 | 22.951.700 |
| Augmento de 1888 a 1922 | 108.673.832 |
| Diminuição de 1888 a 1922 | 131.625.532 |
| Divida actual (1922) | 129.702.840 |

(Serviço especial e exclusivo da "S. A. Monitor Mercantil".)

Portugal

Julio Dantas

Têm sido tantas e tão significativas as homenagens que a intellectualidade brasileira tem tributado ao illustre escriptor português, Sr. Julio Dantas, num effusivo tributo de admiração, que parece desnecessario realçar-lhes o brilho incomparavel e o desusado fulgor. O seu nome de poeta, de chronista e de historiadôr, sem esquecer por igual os meritos de politico do maior destaque, nos é tão caro e tão familiar, como de nossos escriptores predilectas, e o ensino de sua vinda ao Brasil, apenas permitiu que ouvisse o rumor dos applausos e das aclamações das bocças brasileiras. Realmente, como observou o Sr. Afranio Peixoto, entre nós, depois do principado de Eça de Queiroz, veio o de Julio Dantas e desde o triunfo da Ceia dos Cardeaes, nenhum escriptor lusitano logrou mais exito e leitores de maior estima. A sua vinda ao Brasil, porém, liga-se aos mais altos intuitos, quaes sejam os de convidar a Academia Brasileira para colaborar com a Academia de Sciencias de Lisboa, de que é presidente o nosso illustre hospede, no dictionario da lingua portuguesa, que de ha muito (antes de existir a nossa Academia) tomara a si a realização. A immediata acquiescencia do nosso alto cenaculo literario, accetando em principio o convite, e a nomeação de uma commissão technica para se entender com a associação Lisboa sobre a manciã de effectivar esse trabalho conjunto, demonstrou de um modo absoluto o interesse e o carinho com que foi recebida a honrosa solicitação da Academia de Sciencias de Lisboa. Constitue esse, mais um traço significativo de cordialidade intellectual entre os dois paizes, de agora marcado pelo alto espirito do Sr. Julio Dantas. Explicando em linhas geraes, o dictionario projectado, disse o illustre escriptor:

"Dispõe a Academia de uma verdadeira montanha de vocabulos que têm sido colligidos e trabalhados desde os fins do seculo XIX. Isto representa uma formidavel riqueza, que mercê de circunstancias varias, não pôde, até agora, ser aproveitada.

Mas a Academia de Sciencias de Lisboa conta, hoje, em seu seio, philologos innumerados e eminentes, que por minha instancia e por meu incitamento, se resolveram, finalmente, a trabalhar e comprehender que não é possível prolongar por mais tempo essa indifferença daquella Academia pela sua principal funcção, qual a de organizar o grande dictionario da lingua. Nomeou-se uma commissão e esta trabalha activamente.

Pouco importa que esse dictionario seja lexicologico ou seja um dictionario etymologico.

A commissão etymologica é presidida pelo eminente philologo, Sr. Leite de Vasconcellos, que se encarrega principalmente de etymologia. Faz parte della o professor de grego da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues, que se occupou de etymologia grega. O professor Dara, da mesma Faculdade, occupou-se da etymologia arabe; e Esteves Pereira, que se occupou da etymologia das palavras derivadas das linguas orientaes.

Ha, tambem, uma commissão de distincção dos vocabulos vulgares, que é presidida por Candido de Figueiredo e que é constituída por mais quatro academicos.

Outra commissão é a de definição dos vocabulos technicos que é presidida pelo Dr. Virgilio Machado, encarregado especialmente de attribuir uma nova lexicologia, uma attribuição exacta e preciosa de todas as palavras technicas. Sabem v. v. ecc. que, em geral, em todos os dictionarios portuguezes, as palavras technicas têm uma definição precaria.

Ha, ainda, uma commissão, presidida por Henrique Lopes de Mendonça, que se occupa especialmente dos vocabulos obsoletos e seu ensino. E, por ultimo, uma secretaria geral, que centralisa e synthetisa os trabalhos realizados pelas varias commissões.

Não é pois um simples ensejo que se nos apresenta para applaudir o poeta, esse que nos favorece a visita do Sr. Julio Dantas, mas representa a sua vinda ao Brasil uma feliz oportunidade para a contribuição brasileira

numa obra gigantesca e que marcará para o futuro um dos grandes esforços pelo patrimonio commun, do mesmo idioma. Não é preciso ajuntar muito mais a essa simples noticia, em que a America Brasileira desce apenas significar ao notavel escriptor português o entusiasmo com que se congrega nesse ambiente de sympathia e de calorosa admiração por um dos expoentes maximos da intellectualidade da Patria irmã.

Afranio Peixoto e Portugal

O Presidente da Academia Brasileira enviou á Academia de Sciencias, de Lisboa, por intermedio do illustre escriptor e diplomata Alberto d'Oliveira, uma communicacão sobre poesia popular, communicacão interessantissima e em que mais uma vez se demonstra, de maneira indiscutivel, as profundas raizes de que o Brasil deixou o sentimento portuguez. O facto é digno de registro, não só pelo assumpto pelo valor dessa communicacão.

O mar algarvio

Foram as aguas do mar algarvio, faladoras desde nascença, que revelaram ao Infante o mysterio das aguas do caminho da India; foram as aguas do mar algarvio, amigas de conversar, que disseram ao Infante o segredo das aguas da grande America. Por isso, foram ellas, rutilas e azues — azues como o céu e rutilas como o sol — que trouxeram ao velho mundo a conveniência fraternal dos mundos novos. A ellas deve a Europa do Renascimento as maravilhas das terras de Pretes-João e o esplendor das gemas de Ophir. A ellas, e esta é a sua maior gloria, deve a humanidade dos tempos modernos a prodigiosa opulencia das terras de Santa Cruz, corpo fecundo da alma brasileira — corpo bemdito, alma de luz em que o suor e o espirito do Portuguez floresceram em immortalidade. Na immortalidade, que é a abundancia eterna, a eterna juventude do sólo de prodigio que do Amazonas desce ao Paraguay. Na immortalidade, que fez da lingua dos Lusíadas, do lyrismo de Bernardim, do colorido de Nuno Gonçalves, da eloquencia de Antonio Vieira, os irmãos gemeos do cruzeiro do Sul, os que hoje, e amanhã, e por todo o sempre, invocando só alguns dos mortos, hão de chamar-se José Bonifacio, José do Patrocínio, Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Pedro Americo, R'io Branco, Olavo Bilac, Ruy Barbosa — o formidavel, o universal Ruy Barbosa!

SOUZA COSTA.

como ainda pelo intuito que o determinou — estabelecer intimas relações de camaradagem entre as duas instituições, que de qualquer modo representam a mentalidade dos dois paizes. E deve-se ao convicto e sincero lusofilismo do Presidente da Academia Brasileira, Afranio Peixoto, que, pouco depois de eleito para esse cargo, immediatamente quiz accentuar o seu amor e o seu respeito a Portugal.

Em um bello artigo, João de Barros reclama para Afranio Peixoto a situação que elle merece nas lettras portuguezas, sendo ainda pouco ou mal conhecido em Portugal. O grande escriptor lusitano, depois de estudar e louvar a *Fructa do Mato*, que compara com certas heroínas de Camillo e de Malheiro Dias, caracteriza *Bugrinha* como segue: "*Bugrinha* é um livro de incomparavel, de seductor encanto. E é um typo de mulher de inesquecivel educação. Della diz Afranio Peixoto: "*para descrevel-o extravasei o coração cheio. Na rudeza do nome quiz exprimir a primitiva simplicidade de coração que, de mulheres, ainda quando encoberto por conveniências, apparatus, temores, urbanidades e civilização é*

sempre bello, e que ha de mais bella na vida." *Bugrinha* é uma flôr do sertão, uma alma primitiva e doce, que se perdeu por muito amar, e que tudo sacrificou ao seu amor impetuoso e simples. Mas, assim medrando e morrendo no interior do Brasil, ella surge-nos, na immortalidade que o supremo milagre do genio lhe conferiu, no mesmo cantinho do céu em que já se abrigam as suas irmãs daquem Atlantico".

O Brasil e os brasileiros em Portugal

A amizade de Portugal para o Brasil é hoje um facto tão comprovado que inutil se torna voltar a lembrar as suas manifestações. E-nos todavia um prazer sempre novo citar as declarações dos grandes portuguezes a esse respeito. Eis mais uma nova prova: as declarações feitas pelo notavel romancista lusitano Souza Costa, quando chegou ao Rio, que só pôdem nos encher de justo orgulho: "A minha despedida, disse o Sr. Souza Costa, quando embarquei para aqui acudiram dezenas dezenas de amigos, que me foram levar o seu abraço de boa-viagem. Dentre essas pessoas, desde o Sr. Presidente da Republica, ao meu querido amigo Mario de Almeida, o emotivo prosador da "Cidade Formosa" havia muitos que tinham vindo já ao Brasil. Pois nenhuma dellas me lamentou, por eu vir ao Rio, antes todas se lamentaram por não virem commigo. O Sr. Dr. Antonio José de Almeida affirmava-me, na sua voz quente de tribuna, que eram tão grandes as suas saudades pelo Brasil, e tão grande a sua gratidão pelos carinhos de que o cercaram, que nunca poderia exteriorizar sufficientemente uma e outra. A Sra. D. Branca de Gonta Colaço, a dona patricia e poetisa admiravel das "Horas de Sésta", que aqui esteve, ha annos, dizia-me o seu encantamento pelo Rio e por S. Paulo, a sua magua por não poder voltar tão cedo a renovar-o. A Sra. D. Margarida Tavares, escriptora de vastos recursos, que sahio do Rio onde viveu oito annos ha de haver tres annos, não fazia senão carpír-se pela dôr de não vir connosco — commigo e com minha mulher. Carlos Malheiro Dias que nessa mesma manhã, no "Diario de Noticias", publicára um formosissimo artigo enaltecendo os progressos desta cidade, apontando-a á vereação de Lisboa como exemp'o do que vale o esforço e a vontade dos homens orientados no sentido do verdadeiro patriotismo, affirmava-me com desusada emoção: — Você vai encontrar uma das mais bellas cidades do mundo. E era Carlos Reis, o eminente pintor da natureza e da vida, que não lembra o Brasil sem lagrimas nos olhos, e era o seu filho, o lyrico pintor João Reis, e o insigne aquarelista Jorge Colaço, e seu filho, o forte possuidor do "Através do Oceano", Thomaz Ribeiro Colaço, que passou pelo Brasil no anno passado, eram os fulgurantes jornalistas Lorrjô Tavares e Jayme Victor, era Mario de Almeida, que viveram no Brasil alguns dos seus melhores dias, eram todos, mesmo os que o não conhecem senão pelo que delle têm ouvido, a felicitarem-me pela minha viagem, a lamentarem-se por não lhes ser possível tomar a meu lado um camarote do "Andes".

Em Portugal, nesta data, um brasileiro, para ser recebido em toda a parte com deferencias de excepção, não precisa levar cartas credenciaes. Basta apresentar-se e declinar a sua qualidade nobiliarchica de filho do Brasil: todas as portas se lhe abrem, abrem-se-lhe todos os braços.

Os novos contos de Joaquim Leitão

Joaquim Leitão acaba de publicar um novo livro de contos, *Corpos e Almas*, em que o illustre escriptor e academico conserva o pittoresco vigor do esty'o, toda a riqueza do vocabulario, todo o fogo da concepção, todo o poder de dramatizar os seus enredos, — numa palavra, todas as qualidades de novellista que fizeram a reputação litteraria do autor de *Cabeça a Premio* e de *Varre-Canêlhas*.

Os estudos anthropologicos do professor Mendes Correia

A Academia de Ciencias de Paris acaba de publicar em *compte-rendu* mais uma interessante communicação feita á mesma Academia pelo illustre professor das Faculdades de Ciencias e Letras da Universidade do Porto, Sr. Dr. Mendes Correia, a qual representa um estudo notavel sobre o osteometria portugueza. O mesmo eminente professor, que é sobejamente conhecido nos meios scientificos do estrangeiro, acaba de ser citado com muito louvor num trabalho de alto valor scientifico do illustre professor da Academia Real de Ciencias de Amsterdam, Sr. Kleiweg de Zwaan, que, tratando da "Antropologia physica no archipelago indiano e regiões adjacentes", se refere ás investigações do notavel anthropologista portuguez feitas directamente em alguns esqueletos de Timor, ficando distinctamente provada a existencia do elemento malaio e papreano na população da ilha. O trabalho do professor Kleiweg de Zwaan que é uma contribuição importante sobre a "Historia e estado presente da investigação scientifica nas indias orientaes holandezas", acha-se escripto em inglez e é illustrado com retratos de anthropologistas eminentes, figurando tambem nessa galeria o Sr. Dr. Mendes Correia.

Uma missão scientifica visitou a França

A convite das principaes universidades francezas, uma missão scientifica portugueza foi visitar a França em Maio. Presidida pelo professor Gomes Teixeira, o illustre mathematico, a missão portugueza, composta tambem dos professores Dr. Eugenio de Castro, da Faculdade de Letras de Coimbra, e Dr. Celestino da Costa, da Faculdade de Medicina de Lisboa, recebeu o mais significativo acolhimento por parte das Universidades de Paris, Bordeaux, Lyon e Toulouse.

Sob a presidencia do Sr. Appell, reitor da Universidade, a *Société des Rapprochements Universitaires* offereceu na capital franceza um banquete á missão scientifica portugueza, tendo comparecido todos os mais illustres representantes das ciencias francezas. O primeiro brinde foi levantado pelo reitor M. Appell, que saudou Portugal, o ministro portuguez e os tres professores actualmente em Paris. Destacou com grande elogio a obra de Gomes Teixeira, em especial o seu tratado das curvas, conhecido em todo o mundo, e referiu-se aos "Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto", importante publicação onde têm collaborado numerosos francezes.

Respondeu o professor Gomes Teixeira, que agradeceu a captivante recepção feita á missão portugueza, saudando as universidades francezas na pessoa do illustre reitor da Universidade de Paris. Fallou largamente sobre a influencia da cultura franceza no seu espirito e em Portugal. O discurso do sabio portuguez, ouvido com muita attenção, causou a melhor impressão.

A Universidade de Toulouse fez o professor Gomes Teixeira doutor *honoris causa*.

Congresso Medico Luso-brasileiro

O Dr. Jorge Monjardino acaba de realizar uma conferencia na Sociedade de Ciencias Medicas de Lisboa. Foi a muitos titulos uma notavel dissertação, escreve um jornal lisboeta, durante a qual o espirito observador desse homem de ciencia teve occasião de se patentear, na explanação do thema "A Medicina Social no Rio de Janeiro"

Depois de aberta a sessão, e antes que o professor Monjardino começasse a sua conferencia, o Dr. Costa Sacadura fez uma calorosa saudação ao Brasil, congratulando-se com a presença do seu embaixador, na pessoa do qual saudou a intellectualidade brasileira.

Mostrando a necessidade do melhor conhecimento da ciencia medica brasileira, o Dr. Jorge Monjardino referiu-se pormenorizadamente á organização dos serviços da Saude Publica e da Assistencia Municipal do Rio de Janeiro, á luta anti-tuberculosa.

Descreveu a intensa prophylaxia anti-venerea que, com o maior desvelo, se leva a effeito no Brasil, e mencionou os serviços admiraveis da Assistencia Municipal.

Fez tambem interessantes explanações sobre a assistencia infantil, a fiscalização dos

generos alimenticios, a hospitalização, a enfermagem, a importancia da imprensa medica, as associações scientificas de medicina, os congressos ultimamente realizados com o maior brilho e proveito.

No seu estudo, o Dr. Jorge Monjardino apresentou os cartazes e folhetos de propaganda usados em grande cópia no Rio, bem como exemplares dos muitos jornaes medicos que se publicam nessa grande cidade.

A modernização da Cidade do Rio de Janeiro

No Brasil, o Rio de Janeiro é um dos nucleos brilhantes de onde irradia, para um vasto territorio, a civilização. Os ultimos vinte annos da sua historia reflectem, á face da hygiene e da engenharia, uma intensa manifestação de vitalidade que é mister conhecer e admirar. Desapparece, a olhos vistos, a velha cidade colonial e surge a cidade moderna, emoldurada de encantos naturais. Realizam-se as previsões e os projectos esboçados, no ultimo quartel do seculo XVIII, por medicos portuguezes illustres, e o novo Rio naravilhoso occulta já o antigo Rio pantanoso, de vielas tortuosas e poeirentas. Ainda hoje podemos apreciar o contraste e avaliar o esforço colossal dos homens. Amanhã será tarde porque um paiz novo, cheio de vida nova, onde nem a tradição é uma força, tudo se arraza. O homem, nessas terras americanas, não se arreceia dos obstaculos naturais. E essas ruas, rasgadas na Capital do Brasil a poder de picareta, têm de seguir a directriz que lhes marca, no papel, o esquadro e o tira-linhas. Arrazam-se morros, escavam-se rochas, conquista-se um espaço ao mar. No lugar daquelles traçam-se ruas amplas e constroem-se bairros. Por cima das rochas sobre o mar, contornando montes, abrem-se avenidas. Sobre os aterros edificam-se palacios. Sem olhar a dispendio, mas procurando, acina de tudo, o bem geral, alizam-se as ruas, asphaltando-as. Illuminando-as em extensão e intensidade, procura-se dar á cidade, arrancada ao sertão, o aspecto de vida moderna. Facilitando o conforto, facilita-se a adaptação ás asperezas do clima e torna-se facil viver, num meio onde se trabalha intensamente, mas onde se vive agradavelmente. Para conseguir o milagre, a hygiene faz distribuir os seus favores. E' bem notorio que as cidades, erguidas em paizes onde o clima admiravel ainda não foi estragado, perdem os seus encantos se, em nossos dias, nellas se vive em desconforto. O culto da tradição não impede nunca o culto da hygiene. Devemos admirar o passado, mas não devemos, em pleno seculo XX, viver em cidades medievaes, onde abundam o desleixo e a poeira e onde á luz brilhante de um sol magnifico se succede a tréva de um imperdoavel desleixo. Não procuremos, porém, o contraste, a não ser que na comparação provenha estímulo. O estímulo é, porém, necessario e necessario se torna que nós, Portuguezes, possuidores de uma intelligencia de que exageradamente alardeamos, olhemos, com olhos de ver, o que de bom se passa em paizes extranhos em materia de hygiene. E' preciso, de uma vez para sempre, desfazer essa commoda illusão de que em tudo somos os melhores, mesmo quando, em muitas cousas, somos os peores.

JORGE MONJARDINO.

(Sociedade de Ciencias Medicas de Lisboa.)

Passando a fallar nas relações existentes entre as Academias de Medicina de Lisboa e do Rio de Janeiro, o Dr. Jorge Monjardino repete o que já disséra em discurso anterior: "Sob o aspecto medico, o Brasil quasi desconhece Portugal e Portugal quasi ignora o Brasil" Afim de pôr termino á essa situação illogica entre dois paizes irmãos, possuidores da mesma lingua e da mesma cultura, o eminente professor portuguez alvitrou a reunião de um congresso medico luso-brasileiro, que

poria em contacto os sabios das duas nações para o maior proveito da ciencia. O Dr. Azevedo Neves, director da Faculdade de Medicina, propoz que o congresso se realizasse na época do centenário da velha Escola Medica.

O alvitro do professor J. Monjardino já teve seguimento numa recente sessão da Sociedade de Ciencias Medicas.

Depois de fallarem sobre o assumpto os Srs. Drs. Azevedo Neves e Francisco Gentil, de se ler uma carta do Dr. Victor Fontes, eleita por aclamação a comissão portugueza que se compõe dos Srs. Drs. Azevedo Neves, Gentil, Cabeça, Irmãos Monjardino, Rebello e pelos presidentes das Sociedades Medicas de Lisboa, Porto e Coimbra com a faculdade de aggregarem as pessoas que julgarem necessarias. Esta comissão tem por fim entender-se com as entidades e associações officiaes e academicas do Brasil para tratar do local, condições e data em que se ha de realizar o Congresso.

Terminados os trabalhos foram eleitos por unanimidade socios correspondentes os distinctos professores e medicos brasileiros Srs. Drs. Afranio Peixoto, Fernando de Magalhães e Antonio Aus regesilo.

A concepção cosmographica no descobrimento

Em substancial artigo, Carlos Malheiro Dias estabelece a existencia de uma ciencia cosmographica exacta em Portugal, na época dos descobrimentos. A visita de Cabral á Vera Cruz não foi senão um episodio da viagem á India, e o almirante portuguez nunca acompanhou Colombo no erro de considerar a terra descoberta uma parte da costa asiatica.

E' deveras com esta viagem á India com escala pelo Brasil, que a ciencia portugueza estabelece experimentalmente a não identidade das duas massas continentaes. Colombo vai á America apregoando ter attingido Asia. Cabral vai á Asia tocando na America. Tocando em Vera Cruz, Cabral esclarece-nos as passagens sibilinas do *Esmeraldo*, confirma a existencia de um novo mundo independente do mundo asiatico, emenda Colombo, demonstra a veracidade das concepções a que se subordinava o programma maritimo portuguez. Uma mesquinha e myope visão tem impedido que até a semana memoravel da cnsada da Corôa Vermelha fosse integrada na historia da America como a primeira e genuina revelação do continente. Até essa viagem demonstrativa, as caravellas hespanholas ainda navegavam para o occidente na persuassão de chegarem a Cipango, a Catal e ao Ganges. Tocando as terras occidentaes na proximidade dos 17º de latitude austral e proseguindo na rota de Vasco da Gama para a India pelo oriente, acompanhado de Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho e Pedro Escobar, Cabral demonstra irrecusavelmente que a ciencia cosmographica portugueza já attingira sobre o diametro da terra, no fim do seculo XV, noções que corrigiam os calculos empiricos em que se basearam as navegações do cyclo colombino.

"O canto do cysne", de João Penha

Foi agora posto á venda o ultimo livro de João Penha. E' sem duvida, um acontecimento litterario, porque o poeta das *Rimas e das Novas rimas* occupa na litteratura do nosso tempo um lugar de raro destaque. *O canto do cysne*, agora publicado, avulta como um dos seus melhores volumes. Albino Forjaz de Sampaio prefacia-o, traçando em termos justos o perfil magnifico do poeta.

Um livro de Jayme de Magalhães Lima

Subordinado ao titulo "A lingua portugueza e os seus mysterios", publicou agora o Sr. Jayme de Magalhães Lima um formosissimo volume, em que reuniu alguns estudos sobre a obra de varios escriptores portuguezes e as bellezas da nossa linguagem. O volume agora apparecido confirma inteiramente a fama de que justamente goza o Sr. Jayme de Magalhães Lima, que, arredado dos grandes meios, vae serenamente fazendo a sementeira de idéas nobres, numa obra de reconstrução devéras notavel. Dentre os estudos agora reunidos em volume, destacaremos os que se referem ao canto e á letra na linguagem e á figura tão pouco conhecida do escriptor portuguez do seculo XVI, Gonçalo Trancoso. A edição é da livraria Aillaud.

Fernão Lopes disoutido

Fernão Lopes, considerado o pai dos historiadores portugueses, tinha chegado até aos nossos dias sem uma reputação ou mácula. Numa recente sessão da Academia de Sciencias de Lisboa, o Sr. general Moraes Sarmiento, em interessante comunicação, deu Fernão Lopes como fallivel e poz em duvida a veracidade da chronica de D. Pedro I, visto que o seu autor não foi coevo daquelle rei. O Sr. Julio Dantas respondeu vivamente. O general prometteu fornecer provas e poucos dias depois voltou á Academia realizando uma conferencia muito commentada em Portugal. Faltou-nos espaço para acompanhar a conferencia do general em todos os pontos que tocou, com uma erudição e uma clareza notaveis. Vejamos as criticas do general Sarmiento á Fernão Lopes. O celebre chronista não haure a sua locumtatação na mais suspeita e apócrifa de todas as fontes: aos mosteiros e ás igrejas da epocha, cujos clérigos provocaram, pelos seus abusos contra o povo, a dura, rapida e implacavel intervenção de D. Pedro I, que não queria que "o povo recebesse damno sem razão." A igreja passou do assombro á indignação surda e d'ahi á luta aberta. Foi atravez desses depoimentos suscitados, desses convívios rancorosos e dessa luta constante em que o rei, symbolo interprete e salvaguarda do seu povo levou afinal o melhor — que Fernão Lopes teceu a sua debatida chronica. O general Moraes Sarmiento vai publicar um livro a respeito. Os seus estudos trarão em todo caso o beneficio de rehabilitar a memoria de um grande rei.

A data da descoberta do Brasil

Como tem succedido quasi sempre, a celebração de 3 de Maio como anniversario da descoberta do Brasil trouxe de novo a lume o erro em que muitos escriptores e historiadores antigos e modernos incorreram na fixação dessa data, em vez da verdadeira que é a de 22 de Abril, como claramente a communicou na sua celebre carta a el-rei D. Manoel I um dos companheiros de Pedro Alvares Cabral.

Sobre essa carta não pôde haver duvida. Existe no archivo da Torre do Tombo (gaveta 8ª, maço 2, n. 8) e firma-a Pedro Vaz de Caminha. Tem 26 paginas e mais com a descripção da viagem e do que se passou em terras de Vera Cruz, algumas com episodios interessantes e outros com scenas pittorescas. E foi publicada com outros documentos, quando se commemorou o Quarto Centenario da descoberta da America, em 1892.

Caminha abre a carta dizendo que o capitão-mór tambem escreve ao rei relatando a descoberta, e narra a viagem, desde a partida de Belém, na segunda-feira, 9 de Março, até a terça-feira, oitava da Paschoa, "que foram 21 dias de Abril" em que toparam alguns signaes de terra, vindo a avistar, na quarta-feira seguinte, pela manhã, "primeiramente, um grande monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul deste e da terra chã, com grande arvoredor." No resto dessa formosa carta, Caminha relata o desembarque, o primeiro contacto com o gentio, a quem chama de preto, e a celebração da primeira e da segunda missa, sendo a carta datada de sexta-feira, 1º de Maio. O Brasil entendeu fazer passar a festa a tres de maio por um erro da Assembléa Constituinte de 1823. A verdade historica exige que a descoberta seja commemorada em 22 de Abril.

A Torre do Tombo

Referimo-nos, na nota acima, á Torre do Tombo. Por certo, poucos a devem conhecer no Brasil, pois em Portugal muitos a ignoram. A Torre do Tombo é o Archivo Nacional Portuguez. Esse archivo é dos mais ricos do mundo. A Torre do Tombo tem o seu chronista, o seu estudioso que é o Dr. Mesquita de Figueiredo, que nella passa todos os dias desde ha annos. O resultado desse labor ex-

Tabella de pesos normaes á idade de 30 annos segundo a estatura

| | | Homem | | Mulher | |
|-----------------------------|----------|------------------|----------|-------------|--|
| 1 metro 52 centímetros..... | 56 kilos | 140 grammas..... | 54 kilos | 420 grammas | |
| 1 " 54 " | 57 " 920 | " | 55 " 320 | " | |
| 1 " 56 " | 60 300 | " | 57 " 590 | " | |
| 1 " 59 " | 61 670 | " | 59 410 | " | |
| 1 " 63 " | 63 500 | " | 60 800 | " | |
| 1 " 66 " | 65 300 | " | 62 500 | " | |
| 1 " 68 " | 67 120 | " | 64 400 | " | |
| 1 " 72 " | 68 900 | " | 66 200 | " | |
| 1 " 74 " | 70 750 | " | 68 20 | " | |
| 1 " 77 " | 72 500 | " | 69 " 800 | " | |
| 1 " 79 " | 75 300 | " | 71 200 | " | |
| 1 " 82 " | 80 | " | 73 | " | |

traordinario de pesquisas é o *Roteiro Prático do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, dividido em quatro secções. Na primeira se contém o preambulo, a historia do Archivo sob o Antigo Regimen, o Constitucionalismo e a Republica — os inventarios e catalogos existentes no Archivo; os manuscritos e impressos. Na segunda descreve-se, summariamente, o conteúdo de algumas das principaes salas: a "sala dos indices", a "sala da livraria", a "sala do refeitorio", a "sala A" (ministerio do Reino); a "sala B" (corporações religiosas e conselho de guerra); a "sala C" (provedoria); a "sala D" (intendencia geral da policia e corporações religiosas); a "sala E" (corporações religiosas); a "sala dos Tratados", o Deposito, "sala A B C". Na terceira vemos a noticia summaria de alguns dos mais importantes corpos da Torre do Tombo. Esta parte é riquissima e nella se verificam as riquezas existentes no Archivo Nacional: 1º, "collecção especial"; 2º, leis e regimento; 3º, foraes; 4º, "inquisições"; 5º, "cortes"; 6º, "leitura nova (D. Manoel I. João III); 7º, "corpo criminologico"; 8º,

perseguiu os gatunos dos destroços, tinha que castigar os que aproveitando-se do mal geral, tratavam de especular com a miseria do povo. Ao marquez de Alegrete fez então expedir uma ordem, dizendo que tendo chegado ao conhecimento do rei que os "padroes, tendeiros, artifices e homens de ganhar abusavam impiamente da calamidade actual, extorquindo ao povo preços exorbitantes pelos generos de indispensavel necessidade que lhe vendem e serviços que lhe prestavam" mandou affixar editaes em todos os suburbios de Lisboa e lançar prégões estabelecendo que todos e cada um que excedessem os preços do mez de Outubro anterior teriam de pagar o que extorquirem a cada uma das partes, e seriam condemnados a trabalhar em ferros pelo tempo de quatro mezes nas obras do desentulho da cidade, quando a extorsão não excedesse dez tostões, crescendo a pena corporal d'ahi para cima á proporção. Os preços baixaram immediatamente. Els um remedio que valia a pena de se applicar no Brasil.

Estatua a Camões

O Sr. José Augusto deixou sobre a mesa da Camara o seguinte projecto:

Art. 1º — Fica o poder executivo autorizado a abrir um credito de tresentos contos para que seja levantado, nesta capital, um monumento a Camões.

Art. 2º — Essa somma será entregue á Academia de Lettras para que se encarregue de levar a effeito o referido monumento.

Art. 3º — Para constituir a comissão organizadora do monumento, a Academia elegerá tres membros e a Escola de Bellas-Artes tambem tres.

Art. 4º — Feita a escolha, por eleição, a presidencia dessa comissão julgadora, caberá ao presidente da Academia de Lettras, que terá, além do seu voto, o de qualidade, em caso de empate.

Art. 5º — Ao concurso só poderão concorrer artistas brasileiros.

Trata-se de fazer o governo tomar a iniciativa do movimento nacional, que reclama essa homenagem ao grande épico, o creador da lingua prodigiosa e que é nossa. Além disso é a consagração ao genio da raça, cuja epopéa, fixou no seu poema, criando uma obra perpetua para o patrimonio collectivo da humanidade. E', pois, muito justo ao coração brasileiro applaudir a iniciativa, do illustre deputado, confiando que o Congresso não deixará adormecer o projecto nas pastas das commissões, mas, cheio de entusiasmo, o approvará, num preito commovido á gloria do nosso idoma.

"Republica Lusitânica", de Ricardo Severo

Ricardo Severo publicou a conferencia que realizou no Gremio Republicano Portuguez, do Rio, para celebrar o anniversario da revolução de 31 de Janeiro. Commentando-a, João de Barros, qualifica Ricardo Severo de "mestre do patriotismo portuguez" e de "creador d'uma ideologia republicana".

LIVRARIA VICTORIA

Compra e vende livros sobre todos os assumptos
Avista, cataloga e encarrega-se da
conservação e reforma de bibliotecas.

R. A. MOURINHO

ESTABELECIDO DESDE 1899

Rua General Gamara, 190

Telephone, Norte 6261
RIO DE JANEIRO

"gavetas"; 9º, "chancellarias reaes". Na quarta e ultima parte, o Dr. Mesquita de Figueiredo faz as suas "considerações finaes"

Pombal e os altos preços dos generos

Realizou-se, ultimamente, em Lisboa, a trasladação dos restos mortaes do Marquez de Pombal, apezar da opposição do actual representante da familia, o Marquez Antonio de Carvalho Daun e Lorena. Em 1856, 74 annos após a morte do famoso marquez, a familia já tinha trasladado o feretro para a capella particular de N. S. das Mercês. Os restos acham-se agora na igreja de Memoria, no alto de Belém, sendo provavel que lhes será feito um tumulo condigno nos Jeronymos. Visto que falamos no grande marquez, lembremos aqui o que elle fez para lutar contra a carestia da vida em Lisboa e fazer baixar os preços excessivos dos generos.

Haviam apenas decorridos dez dias do terremoto de 1755. Sebastião José entrou em plena energia de toda a sua actividade. Tratará de enterrar os mortos e cuidar dos vivos,

Loteria só da Bahia

REPERTORIO

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

A vida íntima do Papa Pio XI

A habitação de Pio XI é a mesma que foi de Benedicto XV. Tem um caracter frio, sacerdotal, isento de riqueza ou de qualquer aspecto suggestivo.

Nos commodos occupados pessoalmente apenas existe o estritamente necessario numa casa burgueza; as paredes simplesmente forradas de papel, inclusive aquellas do quarto de dormir.

Sómente a capella é revestida de damasco vermelho. O alojamento reservado é composto de sete commodos, ante-sala e banheiro. No segundo andar fica, na mesma posição, o apartamento-official. Os sete commodos de baixo são assim dispostos: ingresso, duas ante-salas, sala de jantar, studio, capella, dormitório, ficando esse exactamente no angulo e tendo duas janellas; segue-se-lhe, na fachada oriental, o banheiro.

Pio XI não modificou sensivelmente a antiga morada de Benedicto XV. Logo após a sua eleição, limitou-se a visitar o apartamento e a ordenar uma limpeza geral, creando o novo banheiro.

Uma só mudança foi executada depois de habitado o alojamento. Como signal de respeito pela memoria do seu antecessor, o novo Pontífice mandou transformar em capella o dormitório onde morreu Benedicto XV, adaptando a antiga capella ao novo dormitório. Este é espaçoso, mais ornado com a máxima simplicidade: papel branco nas paredes, cortinas da mesma cor nas janellas.

No chão sómente um pequeno tapete á beira do leito. A cama lisa e simples, destituida de qualquer ornamento especial, tendo apenas a imagem de N. S. do Bom Conselho, de quem Pio XI é extremamente devoto. Ha um movel liso, de mogno escuro e uma escrivaninha da mesma madeira aproveitada sómente para escrever cartas.

Em cima da escrivaninha, além do necessario para escrever, um grande crucifixo de ebano e marfim e algumas folhas de papel. Sobre o outro movel um espelho pequeno, o unico existente em todo o apartamento. Uma unica nota senhoril: a coberta da cama, que é de damasco vermelho.

No conjunto o quarto é mudo e nú. Dir-se-lia um commodo deshabitado e não deixa de sel-o, em parte. Pio XI alli se recolhe a tardias horas, passando unicamente as poucas horas, que lhe deixam os seus afazeres incessantes, isto é, entre ás 11 horas da noite e ás 7 da manhã. Rarissimas vezes volta ao quarto durante o dia e nestas occasiões não se faz acompanhar de ninguém. Tambem não admite ali pessoa alguma.

Os unicos individuos que teem entrada no dormitório são o creado e o arrumador e assim mesmo só depois que o Papa o deixou.

O studio é a sala de jantar teem o mesmo aspecto frio e solitario. O studio contém apenas uma grande escrivaninha, uma cadeira analoga e uma poltrona destinada a algum interlocutor.

Sobre a escrivaninha um pequeno quadro em madeira representado a Madona e um crucifixo de pequena dimensão.

Quer no dormitório, quer no studio particular, não se vêm livros, jornaes ou revistas. O Papa conserva todo o seu material litterario ou de estudo na sua bibliotheca, no segundo andar, e sómente retira alguma obra para levar consigo quando della precisa, voltando a pô-la no seu logar tão depressa não lhe seja mais necessaria, e faz isto com aquella ordem que só os bibliophilos costumam ter. O mesmo processo é empregado em relação á correspondencia e aos documentos.

S. S. recebe, expede e manuseja uma quantidade enorme de papéis diariamente, mas cousa alguma se accumula sobre as mesas; tudo é collocado nos seus respectivos logares e quem visse aquellas escrivaninhas

A Casa da Bahia

Uma das maiores solemnidades, de 2 de Julho, na Bahia, foi a inauguração da *Casa da Bahia*, como se denomina o novo predio edificado para sede do Instituto Geographico e Historico da Bahia, a notavel e doutissima instituição, que tem prestado aos estudos brasileiros os mais assignalados serviços. A obra da *Casa da Bahia*, devido aos esforços benemeritos dos Srs. Bernardino de Souza e Theodoro Sampaio, foi realizada pelo concurso de todos os Bahianos e amigos da Bahia, num grande tributo de admiração e entusiasmo pelo berço de nossa Patria. A inauguração foi feita pelo representante do Presidente da Republica e pelo Governador do Estado, constando o acto do descerramento de uma grande e artistica lapide de marmore, em que se lêem, abertas em relevo na pedra, as seguintes palavras.

“Esta casa é uma arvore de remotas raizes, de ampla ramagem e de inesgotaveis frutos, feita medrar pela propria alma da Patria, que ha de mantel-a imperecível.

A sua sombra sentir-se-hão sempre ligados indissolavelmente, o passado, o presente e o futuro.

Templo votivo e tenda de trabalho, relicario de tradições e abrigo de esperanças — com elle se celebram os primeiros cem annos de emancipação e se commemoram os feitos que asseguraram a independencia do Brasil, consummada na Bahia e cimentada pelo sangue dos Bahianos. 1823 — Dois de Julho — 1923”

não seria capaz de julgar que Pio XI não trabalha.

Poucas horas passa no studio, mantendo-se por maior espaço de tempo á mesa do seu quarto, onde trabalha á noite. O Papa vive inteiramente isolado no seu apartamento e nenhuma sentinella vigia o ingresso, quer de dia, quer durante a noite, assim como nenhum creado dorme junto ao quarto de Pio XI.

Mal terminam as ceremonias e a multidão vistosa e multicolor principia a retirar-se, volta o Papa tranquillamente ás suas occupações. Ao seu serviço tem apenas tres pessoas que equivalem, titulos á parte, a um arrumador de quarto e dois creados, que servem no terceiro andar.

Mesmo assim, dois delles só estão de serviço em turnos de 24 horas, havendo sómente um que trabalha diariamente. Este pessoal é o mesmo do regimen passado.

Contra a praxe reside agora no Vaticano uma mulher, a senhora Linda, governante do Papa. Por mais de quarenta annos foi ella a assidua collaboradora da senhora Ratti, mãe do Pontífice em todas as suas occupações domesticas.

Era orphã e foi por ella retirada de um mosteiro, tendo vivido em sua companhia até os seus ultimos momentos de velhice. Acompanhou-a no apartamento do bibliothecario da Ambrosiana e depois a Roma, no da bibliotheca do Vaticano onde, então, o monsenhor Achilles morava com a sua mãe, que adorava.

Foi ella ainda, quem lhe recolheu o derradeiro suspiro, no leito de morte, enquanto o novo nuncio se achava, obrigatoriamente em Varsovia. Após o fallecimento de sua protectora nada mais lhe restava fazer do que, completamente só no mundo, voltar para um convento; enrou no de Milão.

Mas alguns mezes apenas eram decorridos quando o novo cardeal foi convidado para governar a sua casa e ella, de facto, transferiu-se então para o Arcebispado. E eis que, pouco depois, surgem o conclave e a eleição do Pontífice.

A boa e fiel velhinha já estaria talvez prompta a voltar mais uma vez para o convento solitario, mas um telegramma chamou-a a Roma. Monsenhor Confaliniéri transmittiu-lhe o desejo do Papa. Pio XI, teve que vencer a admiração e as respeitadas observações de toda a sua “entourage” para fazer triumphar a sua vontade. Diz-se tambem á socapa que elle resistiu, afim de abrir um precedente assim excepcional, a muitas exhortações delicadas mas insistentes.

Conta-se, outrossim, que uma das mais altas autoridades da Santa Sé, logo abaixo do Papa, interveiu directamente, tentando dissuadi-lo: — Vên. Santidade, o regimento do Vaticano não comportaria... — E nós iniciaremos um novo regimento! — respondeu-lhe Pio XI.

— Mas, nenhum dos antecessores, fez isto!

E Pio XI respondeu-lhe com toda a tranquillidade:

— Agora o Papa somos nós, e para acabar com isto, quando a gente é velha tem que afrontar uma vida cheia de sacrificios, responsabilidades e de trabalho e necessidade de conforto dos velhos habitos, pelos nomes. Esta pessoa existe e esteve em nossa casa por mais de quarenta annos. Agora, mais do que nunca, reclamamos os seus serviços.

E monsenhor Confaliniéri não teve nada a fazer senão telegraphar para Milão:

A “signora Linda” habita no terceiro andar, na ala do lado do Monte Mario. Já passou dos sessenta annos. Tem o titulo de encarregada do guarda-roupa. E’ ella quem manda preparar diariamente as refeições do Papa, que são muito frugaes.

As memorias de Siegfried Wagner

Transcrevemos alguns topicos do ultimo capitulo das memorias que o Sr. Siegfried Wagner, *kappellmeister* em Beyreuth e filho do grande Wagner, acaba de publicar. “Ha pessoas — escreve elle — que me desejariam fazer uma personagem tragica. Consideram-me com um sorriso complacente pensam mais ou menos o seguinte: Pobre homem, como te deve pesar a gloria de teu pai! Como te lastimamos! E como tiveste, além disso, a ambição de compôr operas, como tu és ingenuo acreditando no successo. Pobre homem digno de piedade! A isso responderei: Tenho realmente um ar tão inferior, leitor amigo? Lamento muito vos causar uma impressão tão penosa, no entretanto, sinto-me perfeitamente bem. Concedo, todavia, que isso não foi fácil. E’ preciso não pequena pacien-

da para se desvencilhar de um grande numero de preconceitos, que cercam o filho de um grande homem. Não sei o que acontece nos outros países, mas na Alemanha, é um dogma que esse filho não pôde deixar de ser, pelo menos, um burro, senão um perfeito idiota. Se alguém não se conforma com isso, causa espanto. Ficando fiel a mim mesmo, o meu esforço foi para me igualar a homens como Hans von Wolzogen, que sofrem e se fazem aviltar, porque obedecem ás suas convicções. Assim, digo, tranquillamente, a essas pessoas misericordiosas: — "Não me sinto em absoluta uma personagem trágica; todos os dias rejubilo-me por ter tido a felicidade de ter um pai como aquelle e de poder nomear uma mãe como foi a minha e um avô como o meu. Felicito-me pelas minhas irmãs, que só tiveram bondade e affecto pelo irmão; felicito-me pela minha mulher, bella, alegre e virtuosa, e felicito-me pelos meus quatro filhos, por ter nascido na bella, e agradável cidade de Beyreuth, cuja população, em todos os ensejos, me testemunha uma nobre sympathia; orgulho-me da confiança que me demonstraram o publico das *Festspiele* e os nossos artistas e alegro-me de não ser de todo sem talento e de ter recebido dos meus pais uma boa dose de bom humor."

Achas, caro leitor, que um homem, que tem tanta cousa por que se felicitar, pôde ter um ar trágico e inspirar compaixão?

A capacidade de trabalho do Sr. Poincaré

Raymond Poincaré, advogado, jornalista, presidente do Conselho, ex-presidente da Republica, tem actualmente uma preocupação muito séria: a redução de uma hora no seu dia de trabalho, se for approvada na Camara a modificação da hora de verão. Isso lhe deixaria apenas vinte e tres horas para trabalhar, o que não lhe permitiria dar conta do seu recado. Diz-se que o Sr. Poincaré dorme ás vezes, mas não ha quem o tenha visto em somno. Desde que assumio as funcções de primeiro ministro, não gosou um só dia de férias. Para elle o domingo não tem significação alguma, excepto a não se ver elle assaz assediado por pessoas que lhe querem falar durante as horas de expediente, isto é, a qualquer momento entre as 8 da manhã e 12 horas da noite. Ninguém sabe o que fazem os seus secretarios além de, talvez, abrir a sua correspondencia, porque Poincaré responde pessoalmente a todas as communicações de natureza privada ou official. Elle conhece o tratado de Versalhes e todos os seus addendos e annexos de diante para traz e de traz para diante. Se um deputado, na Camara, ou um jornalista, no correr de um "interview", formula uma pergunta qualquer, a resposta não se faz esperar: "Oh! isso está no artigo tal, secção tantos do Tratado" E nunca se engana. E como consegue o Sr. Poincaré, essa coisa? Primeiramente pelo vigor no trabalho — elle é, provavelmente, o mais infatigavel trabalhador a serviço da causa publica em todo o mundo. Em segundo lugar, porque é um jurista — vê tudo com olhos juridicos. Possui um grande espirito de logica e nunca mais esquece o menor detalhe do problema que uma vez estudou. Quando elle escreve os seus artigos para jornaes e revistas, taes como os da serie que elaborou para a "United Press" antes de ser primeiro ministro, traça-os com a sua propria mão, numa calligraphia apressada, microscopica e

COMO DEVEM ESCREVER OS PHILOSOPHOS

Como devem escrever os philosophos? Têm o direito de usar termos especiaes ou devem falar a linguagem de toda a gente? Parece-me que basta considerar o menor assumpto precisamente philosophico, para evitar a questão. Não sei porque o autor que trata do fundamento da inducção, ou da genese da idéa de força deva se collocar ao nivel de salão de conversas, differentemente do que trata das equações binomias ou do tecido conjunctivo. Parece-me que erraria tanto mais em pretendel-o, quanto nunca seria bem succedido, sobretudo dada a complexidade dia a dia crescente do pensamento sobre taes materias. Estou persuadido que *A Sciencia e a Hypothese*, para tomar um illustre exemplo de ensaio de vulgarisação nesse genero, é, em mais de tres quartas partes, incompreensivel áquelle que não tem uma educação philosophica bem desenvolvida. Replicam que homens como Taine, Renan, Anatole France acharam meios de serem philosophos falando a linguagem corrente. E' um jogo de palavras. Esses homens não são philosophos, são historiadores, criticos, moralistas dotados de espirito philosophico. O seu assumpto não lhes impunha em absoluto termos especiaes. Ademais, Taine os usou em *Da Intelligencia*, onde o assumpto o exigia, e Renan, nas suas paginas de theologia. Mas esse moralismo impregnado de espirito philosophico, exclamam os profanos, é a unica philosophia que nos interessa, a unica verdadeira!... Talvez. Mas, ainda assim, seria necessario admittir a existencia de uma outra, com outros fins e outras leis.

JULIEN BANDA.

(Resposta ao inquerito organizado pelo *Le Monde Nouveau*).

precisa. Corrige as provas da mesma maneira e nunca deixa o trabalho ser impresso sem que o julgue o mais perfeito possivel. Quando depois de uma tarde estafante na Camara, attendendo a algum problema difficil de politica internacional, conferenciando com os chefes dos partidos politicos, recebendo jornalistas estrangeiros e nacionaes, elle corre á sua casa, á rua Marbeau, é apenas para mastigar apressado o seu jantar e voltar no mesmo passo para o Ministerio do Exterior — que é a sua pasta — afim de estudar um problema por todos os seus aspectos e preparar o memorandum que será submittido no dia seguinte ao Conselho de Ministros, se o Gabinete se reunir, ou redigir uma nota para ser remetida ás chancellarias europeas. O automovel do Sr. Poincaré está habitualmente postado no pateo do Quai d'Orsay quando o pessoal da secretaria chega. E o pessoal se apressa, porque "monsieur le Presidente" não gosta que o façam esperar. Elle exige dos seus ministros e dos seus subordinados a mesma pontualidade que elle proprio observa nos seus deveres. Aquelles gastam duas horas para almoçar, o seu chefe apenas trinta minutos. O Sr. Poincaré tem um methodo em tudo, até nos menores detalhes, elle submitta ao seu espirito de ordem. Quando elle trabalha, os minutos e os segundos são contados. Conta o seu chauffeur que o Sr. Poincaré sabe exactamente quanto tempo deve gastar o seu auto para ir do Ministerio do Exterior, digamos á gare do Norte. Elle dá mais tres segundos para os accidentes e cumpre ao chauffeur chegar á hora calculada. Se a viagem é de Paris ao departamento da Meuse, que é o circulo eleitoral do Sr. Poincaré, o processo é o mesmo. Tres minutos para os accidentes, nada mais. Se o Sr. Poincaré tem alguma coisa a dizer e que pôde ser dita em setenta e tres palavras, não emprega setenta e quatro. Quando viaja, elle prepara todas as noites uma pequena nota para o seu chauffeur, ao qual muito poucas vezes dirige a palavra, em que assenta o itinerario do dia seguinte em estylo de horario de estrada de ferro. "Dep. X 6.30. Arr. Y 9.06. Dep. Y 9.17. Arr. Z

11.33. Lun. A 12.18. Dep. 12.34. Arr. Paris 16.19" E assim por diante. Uma colza elle deixa ao cuidado de seu chauffeur — é o seu cargo de dar gorgetas. Apenas o primeiro ministro lhe recommenda que seja generoso. Cerca de meia noite, elle se recolhe á cama. Nada mais tendo a fazer até o dia seguinte — a não ser pensar no "menu" do trabalho de amanhã.

Pierre Loti

Pierre Loti, ou antes Julien Viaud, acaba de fallecer em Hendaye, aos 73 annos de idade.

A França perde, com Pierre Loti, um dos seus escriptores mais lidos. Criticos illustres e que foram rigorosos para com a obra de Loti indagaram, muitas vezes, das razões de preferencia publica pelos seus livros onde elles não encontravam nem a profundeza psychologica typica dos melhores romancistas, nem creações excepcionaes que lhe pudessem attrahir a fama de genial. Entretanto, as suas edições repetiram-se sempre, com uma procura admiravel, em França e fóra della, fazendo com que os primeiros dos seus trabalhos continuassem a suggestionar o espirito publico com o mesmo sabor das obras novas e tendo sobre essas a vantagem da reclame espontanea dos seus leitores.

Alguns destacaram o arcabouço de varios dos seus livros e o apontaram como conjunto chronico de lugares communs, para destacarem, no final do julgamento, a harmonia das descripções, as imagens fugidias e illusorias, muito de poesia e de pintura... Assim se fez com um dos mais celebres, senão o mais entre todos, dos livros: "Pêcheur d'Islande, de 1886", que ainda hoje se lê com tão inexcedivel prazer. Amando o Oriente, onde encontrou fontes permanentes de inspiração, Loti sentio no ambiente fascinador em que o seu espirito se radicou a afinidade electiva que havia de lhe revigorar a personalidade litteraria, implantando-lhe nos seus trabalhos o cunho indefinivel que elles de facto têm.

Os seus romances são, por ordem chronologica os seguintes: "Aziyadé" — 1879, "Le mariage de Loti" — 1880, "Le roman d'un



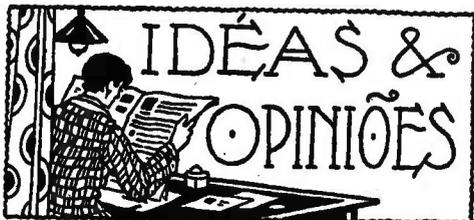
spahi" — 1881, "Mon frère Yves" — 1883, "Pêcheur d'Islande" — 1886, "Madame Chrysanthème" 1887, "Le roman d'un enfant" — 1890, "Le livre de la Pitié et de la Mort" — 1891, "Fantôme d'Orient" — 1892, "Matlot" — 1893, "Le Desert. Jerusalem, la Galilée" — 1895, "Ramuntcho" — 1897, "Les derniers jours de Peking" — 1902, "L'Inde sans les anglais" — 1903, "Vers Ispahan" — 1904, "Les Désenchantées" — 1906, "La mort de Philae" 1909.

Nesses ultimos annos, Pierre Loti tinha-se dedicado á defesa do Imperio Ottomano, tendo publicado varios volumes desde "La Turquie agonisante" de 1913.

Madame Colette

Em significativa homenagem de admiração, mais de vinte escriptores dos mais illustres da França contemporanea, collaboraram no numero especial que a revista pariziense "Le Capitole" dedicou á Madame Colette.

A antiga Colette Willy, que com esse nome assignou a deliciosa série de "claudine", hoje Colette de Jouvenel, conhecida todavia apenas por Colette, é um dos mais bellos, mais finos, mais brilhantes escriptores francezes. Colette soube, nos seus livros, condensar na phrase aerea, elegante e singela que lhe é peculiar, a sua fremente sensibilidade, o seu "gosto de viver", a sua receptividade extraordinaria, a sua visão originalissima. O numero especial do "Le Capitole" não enriquece a gloria da autora da "Vagabonde", mas traz essa cousa rara e preciosa: a admiração patente dos outros escriptores da sua geração. E isto, na republica das letras, não é pouca cousa...



A America Latina e a Liga das Nações

A America latina se compõe de vinte nações da mesma origem. A emancipação dessas vinte nações não pode, naturalmente, se fazer em alguns annos. A exaltação um pouco mystica e um pouco romantica dos povos latino-americanos determinou uma longa série de lutas intestinas, que outra cousa não significam do que um profundo amor pelo ideal. As revoluções sem numero nas republicas latino-americanas não manifestam appetites vulgares como acreditaram muitas vezes outros povos do mundo, victimas de uma observação superficial ou de uma comprehensão enganadora da psychologia collectiva ou mesmo esquecidos do que foram, tambem elles, nos primeiros tempos de suas vidas já seculares.

Vinte nações, pois, que na vida economica e social representam hoje uma força material em rapido crescimento, e que em breve será uma realidade formidavel, se acham em condições de contribuir para o triumpho diffinitivo da Sociedade das Nações.

A obra de aproximação é menos difficil do que pôde parecer á primeira vista. A tendencia idealogica da America latina está muito impregnada desse romantismo acima referido. Certas declarações, em apparencia hostis á Sociedade das Nações, nascem dessa tendencia, e isso explica por igual o enthusiasmo immenso e geral que acolheu a enunciação dos quatorze principios do Presidente Wilson, na America latina. As exigencias de depois da guerra, agravadas por uma politica de egoismo politico arraigado em alguns grandes paizes, determinaram uma parada na marcha para o ideal. As ingenuas illusões de muitas pessoas na America latina

O ESTUDO DO PORTUGUEZ NOS ESTADOS UNIDOS

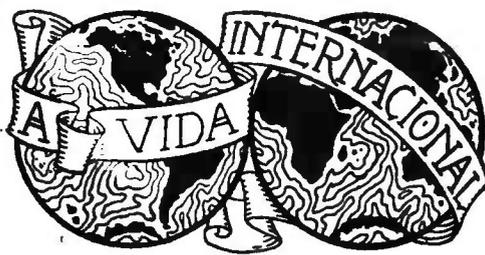
The American Association of Teachers of Spanish, na sua sexta reunião annual, approvou, por proposta do professor M. B. Jones, do *Pomona College* seguinte resolução:

Tendo em vista, e para estreitar ainda mais as relações commerciaes e intellectuaes entre os Estados Unidos e a America do Sul; tendo em vista a importancia da Republica do Brasil na fraternidade das nações hispano-americanas, e que o uso da lingua hespanhola, nesse paiz, pelos estrangeiros, não só é inadequada para o éxito dos negocios, como, muito justamente, por esse facto resentirão os brasileiros; tendo em vista a importancia e o merito da litteratura America do Sul, neste e no seculo passado:

RESOLVE esta corporação estimular e encorajar o estudo da lingua e da litteratura portuguesa nos Estados Unidos.

"The American Association of Teachers of Spanish" reunida em assembléa, recommenda, pois, que a lingua portuguesa tenha lugar entre as suas congeneres, francez, hespanhol e italiano, entre as cadeiras de nossas universidades e collegios, que, tão rapido quanto permittam o professorado e outras condições, classes de portuguez devem ser criadas em nossas escolas secundarias e normaes, para o ensino pratico da lingua, muito especialmente nas escolas e collegios de commercio, para o preparo de nossa mocidade, afim de desenvolver a sua capacidade commercial e representativa na America Latina.

soffreram uma decepção; e acreditaram que a parada fosse uma derrota sem levar em conta a realidade. A Sociedade das Nações pôde coincidir dous elementos de essencia differente, fazendo comprehender á America que não houve fallencia e lhe communicando um impulso de ordem pratica. Porque se a America Latina constata-se que a Sociedade das Nações obtinha resultados uteis, desceria um pouco do seu idealismo intransigente e aceitaría o contacto com a realidade. — B. A. L.



A occupação do Ruhr

A União dos Advogados Allemães, com séde em Leipzig, dirigiu aos advogados do mundo inteiro um appello, contendo violentos protestos contra a occupação do Ruhr, "que viola, diz esse documento, não só o direito da Allemanha, mas tambem do mundo inteiro."

A directoria da Associação Nacional dos Advogados, inscripta nos auditorios da França, a quem esse appello fôra dirigido, passou ás mãos dos advogados allemães a seguinte resposta:

"O estudo do direito nos habituou a basear as nossas opiniões em solidos alicerces, a justificar-as com provas e argumentos. Ora, vosso manifesto só contém affirmações. Suppõe demonstrado que a occupação do Ruhr pela França e pela Belgica não pôde achar justificação alguma no direito natural, nem no direito das gentes; parte dahi para affirmar que se commetteu grave attentado aos direitos da Allemanha e concluir que o infortúnio da Allemanha é a violação do seu

direito interessam a todos os povos e devem ser por todos resentidos.

Seja-nos licito reportar-nos á resposta dada pelo ministro dos Negocios Estrangeiros da França ao memorial allemão de 15 de fevereiro ultimo.

Como juriconsultos, não podeis deixar de achal-a perfeitamente conforme ao direito.

Antes de tudo, é principio reconhecido em direito natural, que os direitos de credito de nação a nação, como de individuo a individuo, não devem ficar sem sancção. Dentre essas sancções, uma das mais simples e mais universalmente admittidas é o sequestro de bens pelo credor para garantir o reembolso do que lhe recusa pagar o devedor.

E outra coisa não fizeram a França e a Belgica, occupando o territorio do Ruhr.

No campo do direito das gentes, a carta commum das nações outróra belligerantes é o Tratado de Versailles.

O paragrapho 18, annexo III da parte VIII do tratado de Versailles, confere a cada uma das potencias alliadas e associadas o direito de tomar as medidas que julgar avisadas, no caso de inadimplemento voluntario por parte da Allemanha; e a Allemanha obrigou-se a não considerar taes medidas actos de hostilidade.

Ora, no artigo 231 do Tratado de Versailles, a Allemanha reconheceu que era responsavel por todos os prejuizos que causára á França e aos seus nacionaes em consequencia da guerra que a aggressão da Allemanha e seus alliados lhes impuzera.

Esta disposição obriga a Allemanha, em face do direito das gentes — como todas as outras disposições do tratado de Versailles; a França não exigiu sequer que a Allemanha pagasse as despezas da guerra; Allemanha obrigou-se, simplesmente, a reparar os estragos materiaes de que foram victimas as regiões invadidas, e a reembolsar as pensões devidas aos feridos, ás viúvas e aos orphãos.

Seria contrario ao direito natural, ao direito das gentes, evidente equidade, que o encargo dessas reparações recaísse sobre a nação que nunca quiz a guerra e que aquella cujo governo commetteu a aggressão delles fosse isento.

Todavia, depois de pedir repetidamente e de obter muitas vezes reduções de encar-

OS CHARUTOS DE COSTA, FERREIRA & PENNA HONRAM A BAHIA

que se impunham o tratado de Versalhes. O governo alemão faltou deliberadamente ao cumprimento das suas obrigações, como offendidamente o comprovou a Comissão das Reparações; a contar desse momento, os governos francez e belga tinham direito de applicar as sanções que julgaram impostas pelas circumstancias.

O governo alemão, bem que se houvesse formalmente obrigado a não considerar essas sanções actos de hostilidade, suspendeu desde essa época as entregas que devia fazer por força do tratado de Versalhes, aggravando destarte por forma indiscutível, o inadimplimento de suas obrigações.

Essa attitude fez tanto mais fundo o direito porquanto a reparação das ruínas causadas pela Alemanha é a consequência natural de uma das mais graves violações do direito das gentes que jámais se hajam committido nos tempos modernos — a invasão do grand ducado de Luxemburgo e da Belgica, cuja neutralidade perpetua fora reconhecida e assegurada pelo proprio rei da Prussia. O mundo inteiro verberou essa violação do direito e ella que a França e a Belgica devem o haverem assistido á invasão de suas mais ricas regiões, devastadas e submettidas que foram, durante mais de quatro annos, á lei do conquistador.

A pesar disso, não acreditamos que a Associação dos Advogados Allemaes tenha jámais reconhecido, nessa occasião, que a violação do direito committida em prejuizo da França e da Belgica, ferisse a todas as nações.

Como a mór parte dos juristas, desejamos ardentemente e que o reinado do direito, se institua definitivamente no mundo, mas cumpre que reconheçamos que os actos do governo alemão e de muitos dos seus subordinados não tornaram facil a tarefa dos que trabalham pela paz e pela concordia.

Crêe-nos: o unico meio que resta á Alemanha para voltar á prosperidade, e readquirir, ao mesmo tempo, o seu lugar no concerto das nações, é repellir sem mercê as ovelhas más que querem convencel-a de que conseguirá esse "desideratum" fugindo ás suas obrigações, negando suas responsabilidades, seguindo cegamente aquelles que a exploram e educando sua mocidade no culto da guerra e do odio.

Sem queremos reviver lembranças demasiado cruéis para nós, não podemos esquecer que ha cincoenta e dois annos a vontade de nossos concidadãos assegurou a prompta libertação do nosso territorio.

Nosso paiz só pede duas cousas: a justa reparação de suas ruínas passadas; a segurança de paz no futuro. Quizeramos poder esperar que juriconsultos como vós concegulsem um dia fazer comprehender áquelles que vos governam que a reconciliação de nossos dois grandes paizes, necessaria á paz universal, só se pode conseguir a esse preço."

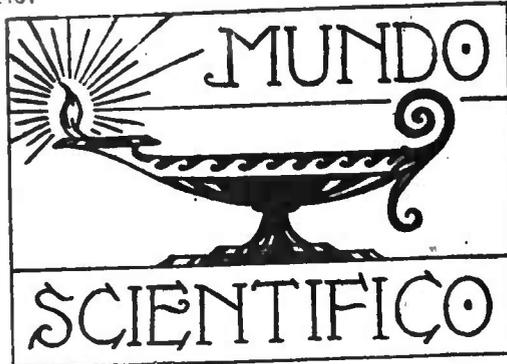
Paraisos artificiaes

Em Washington, uma Comissão encarregada de fazer um inquerito sobre o uso de drogas estupefacientes, nos Estados Unidos, publicou o seu relatório, no qual se vê que o numero de norte-americanos que as usam é de 1.350.000, ou seja igual á população inteira do Rio de Janeiro! O numero de coacainomanias, asylados, cresceu, de 1919 a 1922, de 900 %, o que é um algarismo alarmantissimo. Dessas drogas, que importam os Estados Unidos, 90 % são usados por vicio, clandestinamente, e só 10 % servem ás necessidades pharmaceuticas. Analogamente, é preciso não esquecer que bastariam 100 toneladas de opio para os fins therapeuticos, em todo o mundo, e, no entretanto, a produção global de opio é de 1.500 toneladas, da qual mais de metade é consumida na Turquia, na Persia e na India. Os contrabandistas americanos têm lucros espantosos, vendendo por 1.000 aquillo que compraram por 50. A commissão chegou á conclusão de que 10 % dos chauffeurs dos autos de praça de Chicago são vendedores de taes excitantes.

A casa ibéro-americana de Berlim

Subvencionada pelos Governos da Hespanha, de Portugal e de alguns paizes da America Latina, acaba de ser fundada em Berlim uma "Casa ibéro-americana", que vai construir um enorme edificio de 14 andares. O seu intuito é estreitar as relações commerciaes e intellectuaes com os paizes ibéro-americanos. Manterá a "Casa" uma exposição permanente de productos naturaes dos paizes congregados; escriptorios de informações commerciaes, com catalogos das casas importadoras e exportadoras; bibliotheca scientifico-literaria, museus artisticos, etc.; uma secção de propaganda e turismo e outra de imprensa para divulgação dos interesses

que tiverem adherido a "Casa". Haverá ainda uma sala de conferencias, de festas e uma capella. No escriptorio central da casa todos os hespanhoes, portuguezes e americanos, que se encontrarem na Europa terão um centro de reunião e informações, cujo valor não é preciso encarecer. Ignoramos se o Brasil foi convidado a participar dessa organização, que sera utilissima, ao nosso paiz e a todos os brasileiros que tiverem de demandar a Europa, para negocios ou a simples passeio.



Confirmando a theoria da relatividade

Como se sabe, as observações feitas pelos astrónomos inglezes, de Greenwich e Oxford, por occasião do eclipse total, visivel em Sobral, no Ceará, a 29 de Maio de 1919, confirmaram as theorias de Einstein, pois as photographias feitas mostraram que as estrelas situadas na proximidade do sol parecem mais proximas umas das outras, do que nas chapas tomadas na ausencia da influencia solar. Isso prova a affirmação einsteiniana, de que os raios luminosos, propagando-se no vazio, são attrahidos pelas massas situadas nas proximidades. Portanto não se propagam em linha recta, mas em hyperbole. A 20 de Setembro, na Australia, foi visivel outro eclipse total do sol, e, de novo, a deflexão dos raios estrellares no campo de gravitação do sol veio confirmar a theoria, de um modo perfeito, *very good*, como o professor Campbell, do Observatorio da California, mandou dizer ao professor Pio Emmanuelli. O telegramma foi concebido nestes termos: *The accordance between the calculated and observed displacement is very good.* O professor Campbell dirigiu a expedição astronomica que observou o eclipse da Australia, em 20 de Setembro ultimo. O tempo foi favoravel e conseguiram optimas photographias da região estrellar circumstante ao sol. A theoria da relatividade de Einstein diz que o desvio do raio luminoso no campo de gravitação solar é de 175 centesimos de segundo de arco, o que as observações feitas em 1919 confirmaram e agora as de 1922.

Os colloides

O Sr. Georges Bohn, no *Mercur de France*, refere o apparecimento do livro de Jacques Loeb, intitulado: *Proteins and the theory of colloidal behavior* e, a proposito dos colloides, escreve: Os seres vivos são em grande parte formados por colloides, suspensões de particulas solidas infinitamente pequenas nos liquidos. Ora, essas particulas possuem cargas electricas variaveis segundo as circumstancias. Sob a influencia dessas cargas, as grandes colloides se movem em tal ou qual direcção. Encontrando-se num meio acido, tendem a se dirigir para as regiões mais alcalinas; mas chegando ahí, manifesta-se uma tendencia opposta. Da mesma forma muitos organismos inferiores tendem a se dirigir para a luz, quando estão na sombra, e para a sombra, quando estão na luz. Ha analogias perturbadoras. Os movimentos dirigidos dos animaes e das plantas, ou *tropismos*, não são o resultado das mudanças sob a influencia das forças electricas dos colloides, que constituem esses organismos?

As variações periodicas annuaes dos relógios de pendulo

Os relógios de pendulo, escreve o Sr. Henry de Varigny na *Bibliothèque Universelle*, não são sempre regulares. Mesmo os melhores, os astrónomicos, e collocados em ambien-

te invariavel, têm experimentado variações inexplicaveis. R. Goudey qui estudou-as, no observatorio de Besançon, num dos pendulos do estabelecimento, não subtrahido as variações da pressão, mas guardando numia caixa envidraçada, na qual a temperatura varia lentamente observou que o pendulo retardava, em comparação com sua marcha média annual até 10 de Abril. Dessa data até 11 de Setembro, apresenta flutuações indecisas e, dahí até o fim do anno, adianta-se sempre. Porque esse phenomeno? Se dependesse da temperatura, a curva da variação deveria apresentar o maximo e o minimo, nos periodos de maxima e minima temperatura. Ora, essa concordancia acontece com o minimo, mas não com o maximo, que se verifica quasi 50 dias antes do maximo da temperatura. Não é tambem devido á pressão: numa observação de 12 annos, não se encontra uma periodicidade assim manifesta. Existe pois uma outra causa e o pendulo, subtrahido á pressão e ás variações thermicas, apresenta a mesma curva annual. Mas não se sabe a causa verdadeira. Conhecel-a-ha o leitor?

A nova theoria de Einstein

Einstein, o famoso scientista allemão, annunciou com as seguintes palavras a sua ultima theoria — uma extensão da theoria da relatividade:

"Posso expôr em poucas palavras a minha nova theoria. Trata da relação entre electricidade e gravitação. E' baseada nas descobertas do astrónomo inglez — Eddington. E' uma theoria puramente mathematica, impossivel de ser vulgarizada. A relação entre electricidade e gravitação poderia ser assim estabelecida: mathematicamente, os dous campos — o da electricidade e o da gravitação — estão collocados em um mesmo ponto de vista. Ou, em outros termos, os dous campos são, mathematicamente, um só. A theoria é um desenvolvimento da theoria da relatividade."

As explorações biologicas na baía do Amazonas

O "Smithsonian Institute" publica um relatório especial, descrevendo as explorações e os trabalhos realizados durante o anno de 1922, revelando ampla actividade scientifica, quer na America do Sul quer no norte do continente americano. Um dos pontos principaes do relatório é o que se refere ás explorações biologicas de Mulford, na baía do Amazonas, realizadas em 1921 e 1922. Em virtude dessa expedição, encontra-se agora no parque zoologico nacional para mais de 100.000 specimens de animaes vivos, passáros, reptis e insectos. Durante o anno passado, as investigações do Instituto foram muito amplas, visitando os seus membros as mais famosas colleções de hervas da Europa, entre as quaes a do professor Edward Hakles, de Vienna, que comprehende 1.200 especies das quaes a metade da America do Sul. Os investigadores descobriram em Pisa a importante colleção de Joseph Raddi, que publicou em 1823 a "Agrostographia brasiliensis", o primeiro trabalho dedicado ás hervas sul-americanas. O relatório faz tambem o historico do Congresso de Americanistas, realizado no Brasil, o qual, na opinião dos delegados americanos, produziu importantes efeitos no sentido de promover a sciencia anthropologica. O documento faz elevados elogios á obra do general Rondon, sobre a ethnologia dos indios.



OS ATLANTES

Platão como os seus contemporaneos acreditaram que além das columnas de Hercules nunca existido um continente que unia o novo ao velho mundo, e que fosse habitado por um grande povo, civilizado e governado pela dynastia de Atlas, filho de Poseidon e de Cleito, que era uma pobre mortal. Apesar da sciencia moderna ter mostrado a impossibilidade da existencia da Atlantida, pois como pondera o affamado americanista H. Beuchat, escreve o Sr. Ronald de Carvalho: "hoje, depois das

Tarantula

Contos de Carlos Rubens

NAS LIVRARIAS

sondagens feitas nos arreltores dos Archipelagos dos Açores, das Canárias e da Madeira, sondagens que accusaram profundidades enormes, ninguém poderá acreditar na existência de um continente ligando a America a America Meridional; apesar da natureza vulcanica das mhas dos referidos archipelagos não deixar logar a duvidas", teimam os theosophos em accertá-la, não só como plausivel, mas mesmo como verdadeira. Afirmam que os Atlantes teriam possuido poderes quasi diabolicos, conhecendo os segredos da natureza. Teriam tido aeroplanos que, si os vissemos, envergouhamo-mos-lamos dos nossos, porque eram movidos por forças naturaes e não a motores de explosão. Os animaes da Atlantida, como os sabios bichos da fabula, fallavam e os homens eram quasi immortaes (enfoncee a Academia de Letras...); enfim, como os cyclopes, só tinham um olho ao meio da frente. E' curioso referir, a proposito disso, que ha sabios que affirmaram, não ha muito tempo, que a disposicao dos nervos opticos torna verosimil qu' em época assás remota, nossos maiores tivessem tido uma só vista. Ha tambem quem encontre nas Piramides do Egypto productos da America do Sul — que não se poderiam encontrar lá. Para verificar esse ponto, partiu para o Mexico o Sr. Mitchell Hedges, afim de estudar a raça dos Astecas, cujos dolos de pedra offerecem extranha similitude com os do Egypto antigo. Espera ainda esse explorador sondar o fundo do Pacifico e encontrar algumas provas das origens communs dos Astecas e dos Egypticos.

A Mesopotamia ha cinco mil annos

As excavações que estão sendo feitas na antiga cidade babilonica de Ur, séde do Templo do Deus da Lua e considerada o berço de Abrahão, deverão fazer alguma luz, ao que se espera, sobre a historia obscura do Velho Mundo ha cinco mil annos atraz. A expedição conjunta mandada á Mesopotomia pela Universidade de Pennsylvania e pelo Museu Britannico, acaba de fazer o seu relatório sobre os trabalhos já realizados em Ur desde Novembro ultimo. As investigações feitas em Luxor referem-se, principalmente, á arte egypcia e não era de esperar que pudessem ellas contribuir de qualquer modo para o esclarecimento de determinados pontos da historia antiga. Na Mesopotamia, todavia, os excavadores britannicos e americanos já descobriram muitos documentos, escriptos em cylindros ou em taboas, e, com o auxilio de novas outras descobertas quasi certas, espera-se que sejam conseguidos inestimaveis apontamentos sobre a historia da civilização primitiva bem como sobre a religião do povo e suas artes: — a ceramica, a joalheira e a esculptura.

Sabe-se que a primitiva adoração religiosa dos babilonios era para com divindades animaes dos egypcios. Por este motivo, tem grande importancia as excavações de Ur que visam a exhumação das paredes de um grande templo que se diz ser o do Deus da Lua, provavelmente construido tres mil annos antes de Christo. Os excavadores, ainda recentemente, conseguiram descobrir os nomes de varios dos antigos reis, apanhando informações preciosas até ao meiado do terceiro milenio, isto é, 2600 annos antes da era christã. Isto mesmo contribuirá para uma avaliação exacta da data da construcção do templo do Deus da Lua.

Ficou devidamente comprovado que as lendas da creação e do dilúvio eram correntes em Ninive, no nono século antes de Christo, e como tambem foi verificado que o Templo do Deus da Lua, em Ur, ficára em ruinas e não fóra mais utilizado do anno de 1500 ou 1600 A. C. para cá. A descoberta das taboas será de grande importancia como um novo elemento para a verificação da verdade sobre o passado e provavelmente contribuirá para completar a documentação de inscrições do mesmo genero encontradas em grande quantidade em Nippur, antes da guerra.

Presentemente ninguem sabe dizer se a civilização que existiu entre o Euphrates e o Tigre teve qualquer ligação com a do Nilo ou ainda de qualquer dellas proveiu da outra. Está assentado que o rei Nabuchodonosor, que se acredita haver sido um caracter singularmente religioso, concertou e reconstruiu parcialmente o famoso templo de Ur, cerca de mil annos depois de haver sido elle abandonado. Como Ninive se fazia notar pelo seu templo da Deusa Ishtar, assim tambem Ur se noabilizára pelo seu templo a El-Nanna, o Deus da Lua.



Sr. Villa Lobos

Partiu para a Europa o maestro Villa Lobos, uma das mais fortes expressões da nossa cultura musical e que vae, na fórma do decreto 4 555, de 10 de Agosto de 1922 reallzar em Paris, Berlim e Roma e, sendo possivel, em Londres e Madrid concertos com produções suas e dos mais notaveis compositores brasileiros. Não é possivel deixar de referir esse facto tão auspicioso para o nome do nosso paiz que Villa Lobos já vem honrando, pois, como tivemos ensejo de noticiar, tem sido ouvido com os maiores applausos em Paris e Madrid, onde suas musicas foram executadas pelo pianista Rublnstein, obtendo o melhor exito. Não nos cabe aqui referir a grandeza da obra do nosso poderoso artista, mas temos a mais absoluta convicção de que a sua ampla revelação na Europa testemunhará a força e o fulgor invulgar da nossa arte. A musica de Villa Lobos não se diminuirá no confronto com a dos mestres modernos.

Chronica de musica franceza

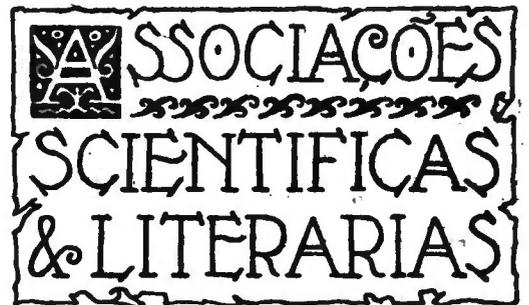
Ha, no Salão dos Independentes, uma série interessante de bonecos consagrados ao mundo musical. Lá estão os retratos, ou caricaturas, como vos agrada, de Maurice Ravel, de Albert Roussel, de Maurice Delage, de Florente Schmidt, de Ricardo Vinés. Se se tratasse de uma curiosidade engraçada, não cuidaria della; mas a autora, Mme. Roland Manuel, observou muito bem o caracter dos seus modelos, vio as silhuetas, os traços distinctos, as expressões, e os seus bonecos são cheios de vida. Tambem, — porque atrevido que uma correspondencia secreta se estabelece entre o mundo moral e o mundo physico, — se póde observar que a autora dos bonecos nos mostra não só os homens, como os musicos. O aspecto casmurro de Florent Schmidt explica as suas coleras musicas e sentimos que essa personagem delicada e quasi preciosa é bem o autor do *Pevane pour une infante defunte*.

Encontramos Ricardo Vinés, este Philippe IV moderno, tanto nos concertos Padeloup como nos concertos Calonne, na interpretação de uma *Bailada* para piano e orchestra de Mlle. Germaine Taillefevre, e das *Noites nos Jardins de Hespanha* de Manuel de Falla. Mlle. Germaine Taillefevre pertence ao grupo dos "Seis". Mas é uma socia bastante independente. Ella diverte-se em empregar a biltonalidade, porque gosta de nos surprender. Possui raros dons de frescura e de graça. Seu *Quatuor*, executado não ha muito na Sociedade Musical Independente, é uma obra cheia de "verve" e de graça. As mesmas qualidades, talvez mais amadurecidas, se encontram na *Bailada* e tambem em uma *Sonata* recente para violino e piano, que foi tocada em diversos lugares e que Mme. Jourdan Moschenge, a interprete festejada dos modernos, fez muito bem apreciar nas quartas-feiras musicas da obra inédita. As partes vivas pareceram-me as mais felizmente realizadas, so-

bretudo a segunda, em que a compositor soube aproveitar o agrado do rythmo ternario, sem nunca cair na banalidade para a qual este rythmo facilmente predispõe. E visto que estou tratando das paginas de violino, aproveito para assignalar que na Sala Pleyel, o Sr. Hermenn e Mme. Marty Zipélius deram uma primeira audição da *Sonatina* de Honegger para dous violinos.

Manuel de Falla é um musicista dos mais representativos da escola Hespanhola contemporanea. Tem o dom do rythmo e da dór. Suas *Noites nos Jardins de Hespanha* já tinham sido executadas com dous pianos na Sociedade Musical ha dous annos; deu-se no concerto Calonne a versão original que foi muito bem acolhida. Naquelle mesmo dia, o Sr. Arbos, chefe de orchestra energico, dirigio obras de Turana e de Albeniz, e fez-lhes valer a rica instrumentação.

Mais uma palavra a proposito, agora, de musica de theatro. Já faz muito tempo que elle se enlisa no recitativo, e parallelamente a musica de camara fornece um impressionismo harmonico sem sopro. Satie, Honegger, Milhaud, Mille, Tailleferre, F. Poulenc reagem e procuram dar novo interesse á linha melódica. Mas é-lhes necessario contrastes de tonalidades nunca empregados até então. André Messager, de quem se acaba de dar no Theatro Eduardo VII o *Amour Masqué* é mais tradicional. Sobre os versos livremente rimados do Sr. Sacha Guitry, escreveu uma musica leve, viva, expressiva, habll no mesmo tempo que bem inspirada. Sabe tirar do simples "quatour" de cordas os mais lindos effeitos. O contrapontista não é inferior, nelle ao harmonista. El possui tão perfeitamente a sua lingua que póde seguir naturalmente a inspiração. Ademais, não envelhece. Nenhum traço de cansaço na sua obra. O *Amour masqué* vai tomar lugar na série de *Veronica* e da *Basoche*, e talvez seja nelle que se vá encontrar um dia o melhor da tradição musical franceza. — *Tristan Ringbor*.



A comemoração de 2 de Julho no Instituto Varnhagen

Entre as grandes celebrações da data de 2 de Julho, avultam as do Instituto Varnhagen, que não só se associou ás festas realizadas na Bahia e aqui, como promoveu uma grande sessão solenne, revestida do maior brilho. Realizou-se esta, ás 21 horas, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, tendo a ella comparecido elevado numero de pessoas da mais alta representação social, representantes de altas autoridades do paiz, associações scientificas, litterarias e civicas, diplomatas, escriptores e grande numero de pessoas gradas. A's 21 horas, constituida a mesa, o presidente perpetuo do Instituto, Sr. Rocha Pombo, abriu a sessão e deu a palavra ao Dr. Ribas Carneiro, que leu telegrammas de congratulações passados pelo Instituto ao Presidente da Republica, ao Governador da Bahia e ao Instituto Historico Geographico da Bahia, pelo centenário da grande data. Depois o presidente explicou, em breves e significativas palavras, o alto valor do feito de 2 de Julho e mostrou que a nossa independencia, ao revés do que affirmam certos historiadores apressados, não foi um simples gesto dramatico, mas uma demorada luta, a maior parte da qual não foi travada nos campos de batalha, mas contra o temperamento do principe, que esposara a causa e depois pretendeu trahil-a, ou pelo menos compromettel-a. A seguir, deu a palavra ao Sr. Renato de Almeida, para proferir a sua conferencia sobre "A Formação Moderna do Brasil", que publicamos em outro local. Mal havia cessado o rumor dos applausos, que encerraram as palavras do conferencista, foi executado o Hymno Nacional, ouvido de pé, pela assistência, e encerrado com uma vibrante salva de palmas. O presidente agradeceu a brilhante assembléa daquelle noite memoravel, encerrando a sessão.

O MELHOR AUTOMOVEL DO MUNDO É

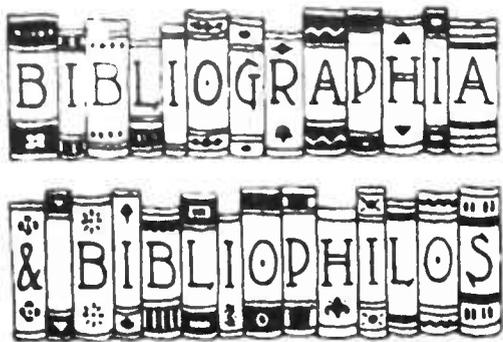
BUICK

DEPOSITARIOS

MESTRE & BLATGE

RUA DO PASSEIO, 48-54

Rio de Janeiro



Bibliotheca de cultura nacional

Por iniciativa do Sr. Afranio Peixoto, Ilustre Presidente da Academia Brasileira de Letras, foi iniciada a publicação da *Bibliotheca de Cultura Nacional*, para editar e reeditar trabalhos de Literatura e Historia, referentes ao nosso país e cujas edições estejam esgotadas, ou sejam raras. O significado dessa realização é tão claro que seria inútil accentuar-lhe o merito de divulgação e o instrumento de cultura, que representa. Bem haja, o Ilustre escriptor, que em boa hora preside os destinos do nosso mais alto Cenaculo, por mais esse serviço ás nossas letras, que já lhe devem tão assignalados. Dessa Bibliotheca, já appareceram, admiravelmente bem editados pelo Sr. Alvaro Pinto (Anuario do Brasil), a *Prosopopéa*, de Bento Teixeira Pinto, o "primeiro" dos nossos poetas, e as *Primeiras Letras*, de Anchieta, Jean de Lery e outros, estando em publicação os seguintes: *Dialogo das Grandezas do Brasil*, Musico do Parnaso, de Botelho de Oliveira; *Obras*, de Gregorio de Mattos, em 5 volumes (*Sacra, Lyrica, Graciosa, Satyrico e Licenciosa*.) Estão em preparo as *Obras* de Euzébio de Mattos e de Antonio de Sá e os seguintes livros de Historia do Brasil: *Primeiros Documentos*; *Roteiro* de Pero Lopes de Souza; *Sans Staden*; *Pero de Magalhães Gandavo* e *Fernão Cardim*. Vê-se, pois, a amplitude do programma, que a Academia, tomou a si realisar e que tem um inicio tão auspicioso, nas primeiras edições, de capa simbolicamente guarnecida por folhas de louro. E' essa uma contribuição magnifica aos estudiosos de cousas brasileiras, cuja maxima difficuldade era consultar livros, cujo alto preço os tornava monopolio dos ricos.



Alberto Pimentel: **IDILIOS DOS REIS**, (2.^a edição) Alvaro Pinto (Anuario do Brasil) editor. Rio — 1923 — Este livro de poemas, agora em nova edição, prefaciado por Camillo Castello Branco, é feito de historias galantes de reis estrangeiros e portuguezes, amores romanescos, ou canellas, contados com finura e elegancia, por um poeta de excellente quilate. O A. assim explica as suas intenções ao leitor: "Fomos procurar a alma humana sob a purpura, como outros a tem ido procurar sob os andrajos. Não subimos os degraus do throno para genuflectir nem para motejar. Fica esse papel aos cortesãos e aos jograis. Fomos até onde a psychologia, auxiliada pela historia, nos podia guiar. Não quizemos ascender até ao lirismo impeccavel nem profundar

até a pornographia asquerosa. Lê-se esse livro com o maior prazer, encontrando-se em notas explicativas as referencias historicas que illustram os episodios, pois o A., além de poeta é um chronista de historia do melhor merito.

PRIMEIRAS LETRAS: Este livro inicial da colleção dos *Classicos Brasileiros*, sahido embora em segundo lugar, contém cantos de Anchieta, o Dialogo de João de Lery e Trovas Indigenas, precedidas todas as partes de advertencias explicativas do Sr. Afranio Peixoto. São revelações magnificas de nossa historia e das nossas primeiras tentativas, que se divulgam com grande utilidade, em edições feitas com todo o primor e por preços accessiveis a todos. A parte mais interessante é a das trovas indigenas. Vêde, por exemplo, que maravilha é essa invocação a Rudá, a deusa do amor:

Rudá, Rudá
Juaka pinaté
Amana reçaigu...
Juaka pinaté,
Auaté Cunhá
Puxiuera Oikó
Ne manuara ce rece
Quanha Caaruca pupé.

"Couto de Magalhães explica: "A jovem india que se sentia opprimida de saudades pela ausencia do amante naquellas perigrinações continuas em que a caça e a guerra trazlam os guerreiros, a jovem india dizemos, dev'a dirigi-se a Rudá (divindade do amor) ao morrer do sol ou nascer da lua, e estendendo braço na direcção em que suppunha o amante devia estar, cantava: *Oh Rudá, que estas no céu, e que amais as chuvas... Rudá que estais no céu... fazei que elle, o meu amigo, por mais mulheres que tenha os ache, todas feias; fazei que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se esconder no poente...*" Tem razão o Sr. Afranio Peixoto, este encanto bem merecia ser um numero do *Intermezzo* de Heine. Ha uma outra quadra, que tem um sabor amargo do *Rubayat* e assim se traduziria versificada (pag. 257):

Cada qual que ria e beba
Emquanto está forte e são
Pois quando ficar doente
Canto e risos cessarão.

Em summa, quanta suggestão nesta ingenua poesia em que o grande Montagne encontrava o mesmo valor na que é feita segundo a boa arte! Andou bem em reunir essas trovas, o illustre presidente da Academia pois nellas ha revelação de uma das melancolias da alma brasileira.

Bento Teixeira: **PROSOPOPEA**, com prefacio de Afranio Peixoto. Alvaro Pinto, editor — Rio, 1923: Com este livro, reedição do velho poema de Bento Teixeira Pinto, iniciou a Academia de Letras a publicação da sua *Bibliotheca de Cultura Nacional*, num esforço meritorio, que exaltamos noutro local desta revista. Nada mais ha a dizer sobre a obra do "primeiro" dos nossos poetas, que teve agora a ventura de encontrar no Sr. Afranio Peixoto um pouco de sympathia que, por via de regra, tem faltado a todos os seus criticos anteriores. "A *Prosopopéa*", escreve o Sr. Afranio, é um poemeto epico, em versos endecasyllabos, oitava rima, noventa e quatro estancias, entoado em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, Governador de Pernambuco, no qual a imitação, as reminiscencias, imagens e talvez versos dos *Lusiadas* de Camões, constituem como que a intimidade mesma da obra." Depois de mostrar que a critica nacional não tem sido benigna com o autor, citando os conceitos de José Verissimo e do Sr. Ronald de Carvalho, que o diz de "mediocre feitio", realça o conceito de Sylvio Romero, que attribue ao poema a origem do nosso nativismo e escreve que "bastaria o lugar que tem assim, e de primeira hora, nesse nativismo, além da primazia no tempo, entre os nossos poetas" Encontra-lhe mais porém. Encontra-lhe merito na imitação de Camões, que soube fazer de modo invulgar, deparando lance que honraria ao mesmo Camões. E'

quando, em Alcacer-Quebr, destroçados, os Portuguezes, outr'ora invictos, debandam esparvidamente, abandonando Rei e Patria á mourisma triumphante, o velho Duarte de Albuquerque, que em vão os quer deter, exorta-os, antes que, para não sobreviver á vergonha, procure a morte:

Assim dirá. Mas elles sem respeito,
A honra e ser de seus antepassados,
Com pallido terror no frio leito,
Irão por varias partes derramados.
Duarte vendo nelles tal defeito,
Lhes dirá: "Corações efeminados,
Lá contareis aos vivos o que vistes,
Porque eu direi nos mortos que fugistes."

A sublimidade da idéa — continua o Sr. Afranio Peixoto, destes dous ultimos versos vale um poema: só elles bastam para fazer da *Prosopopéa* mais que um canto bastardo camoneano. Em qual dos nossos epicos — no *Uruguay* de Basilio da Gama, na *Confederação dos Tamoyos* de Gonçalves Magalhães, n'Os *Tymbiras* de Gonçalves Dias, ha idéa heroica que valha esta? Fica a pergunta, para devida revisão do julzo summario, injusto, que desfructa a memoria de Bento Teixeira." A presente edição é feita pela edição de 1601, reproduzida pelo Sr. Ramiz Galvão, numa edição fac-similar, em 1873, sendo apenas modernizada a orthographia. Diante dos julzos de nossos criticos e da rehabilitação que o Sr. Afranio Peixoto faz de Bento Teixeira, os leitores, com poema sob os olhos, podem estimar com quem está o melhor julgamento sobre o poeta.

Teixeira de Paschoaes: **VERBO ESCJRO**, — 2.^a edição — Alvaro Pinto (Anuario do Brasil) editor. Rio, 1923 — Não se pôde diante de um livro como este, quando não ha espaço, nem ensejo de critica, fazer mais do que noticiar o seu apparecimento. Simples registro bibliographico e nada mais. Porque não havemos de atropelar neste columna de noticias, as sombras amiguis e suggestivas desse jardim silencioso, e que são os pensamentos do artista. A suavidade e a intensa penetração psychologica que nelles se depara, obrigam a meditação e ao recolhimento, para se perceber toda a beleza e todas as intenções. Procure o leitor o convivio com esse espirito admiravel, que se conta entre os mais significativos da moderna literatura portugueza, em cuja intelligencia desencantada e melancolica ha uma grande força de percepção das cousas. Livro para as horas doces de pensamento, mas que, não raro, vos deixa o travo na bocca. E' que "a visão intellectual define as cousas sobre que incide; rouba-lhes a cor e o perfume."

Leonardo Coimbra: **A RAZAO EXPERIMENTAL**, Ed. da "Renascença Portuguesa" Porto, — 1923 — Neste livro reuniu o A. varios estudos seus sobre logica e metaphysica, que revelam as suas qualidades de pensador e critico philosophico, tão justamente apreciadas, no seu como no nosso país. Depois de estudar a philosophia, sob os seus multiplos aspectos, como critica, como sciencia, como pratica, como processo do conhecimento e como orgão da liberdade, passa a tratar da actividade scientifica, detendo-se esse capitulo no estudo da theoria de Einstein. Analisa o problema da verdade e da certeza scientifica e, por fim, a Dimensão Espiritual. As suas conclusões são de um deísmo emanente, em que as almas são emanções de Deus, que delle tiravam o seu alimento. Com o peccado original houve a confusão (renova a queda) que é a separação, procurando as almas volverem a Deus, de cujo amor infinito recebemos raios de luz espiritual, que nos atrai para a eterna gloria. Livro de erudição e de meditação, merece o estudo mais detido de todos os que se occupam com as cousas do pensamento, infelizmente tão desprezadas ainda em nossa terra. O Sr. Leonardo Coimbra, que é um pensador de envergadura, confirma neste livro a sua solida reputação. Para nosso mal, não nos cabe fazer mais do que uma simples noticia.

BREVEMENTE HISTORIA DA MUSICA BRASILEIRA

DE RENATO ALMEIDA

Editor: ALVARO PINTO

ANUARIO DO BRASIL

Charutos Swerdieck



*Recommendados por todos os
fumantes devido à sua quali-
dade superior.*

LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

PEÇAM CATALOGOS

COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

| | |
|--|---------|
| <i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. | 10\$000 |
| <i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc. | 20\$000 |
| <i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. | 10\$000 |
| <i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc. | 10\$000 |
| <i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar. | 10\$000 |

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

| | |
|--|--------|
| Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>Psychologia Politica</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>A Revolução Franceza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc. | 8\$000 |
| Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>O Character</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>O Dever</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>A Economia</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>O Poder da Vontade</i> , enc. | 8\$000 |
| " — <i>Vida e Trabalho</i> , enc. | 8\$000 |

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

COMPANHIA ALLIANÇA DA BAHIA

De Seguros Maritimos, Terrestres e Fluviaes

SÉDE NA BAHIA

DIRECTORES:

Francisco José Rodrigues Pedreira, José Maria Souza Teixeira e Bernardino Viçente d'Araujo

Com 216 agencias e sub-agencias em todos os Estados do Brasil, e em Montevidéo

| | |
|---|-----------------|
| Capital realizado — reservas. | 16.161:767\$611 |
| Deposito no Thesouro Federal. | 200:000\$000 |
| Deposito no "Banco da Republica Oriental do Uruguay", em Montevidéo. | 70:124\$000 |
| Receita em 1922. | 10.293:751\$598 |
| Sinistros pagos em 1922. | 5.578:437\$075 |
| Lucro liquido em 1922. | 2.360:099\$156 |

Esta Companhia, em caso de reconstrução ou concertos, por sua conta, de predio sinistrado, se obriga a indemnização do respectivo aluguel integral pelo tempo empregado nas obras.
De 6 em 6 annos, é gratuito o anno seguinte (7º anno), dos seguros terrestres aos clientes que conservarem apolices contra fogo, durante 6 annos sem interrupção ou prejuizo.

Premios dispensados em 1922 (7º anno gratuito) 242:363\$380

É a primeira companhia de seguros maritimos, terrestres e fluviaes, nacional, em capital e reservas, e receita.

AGENCIA GERAL NO RIO DE JANEIRO

AVENIDA RIO BRANCO, 117

Telephone Norte 3883

Telephone do Gerente: Norte 4032

1º Andar — Salas 9 a 12 — do edificio do "Jornal do Commercio"

Esta agencia aceita seguros maritimos e terrestres em condições vantajosas para os segurados nesta Capital e em todos os Estados do Brasil.

Os sinistros são pagos nas agencias em que os seguros tiverem sido effectuados.

Gerente: ALEXANDRE GROSS.

A BAHIA EM ALGARISMOS

| | |
|--|----------------------|
| Superfície { | 529.379 kms. quads. |
| Percentagem sobre a superfície do Brasil..... | 6,23 % |
| População | 3.334.465 habitantes |
| População da capital | 283.422 habitantes |
| Cidades | 58 |
| Villas | 78 |
| Districtos | 388 |
| Area agricola | 8.451.440 hectares |
| Percentagem da area agricola sobre a superfície total..... | 16,0 % |
| Numero de estabelecimentos ruraes..... | 65.181 |
| Valor da area agricola..... | 559.954:034\$ |
| Numero de estabelecimentos pertencentes a nacionaes..... | 63.305 |
| Numero de estabelecimentos prtencentes a estrangeiros..... | 459 |
| Valor médio dos estabelecimentos por habitante..... | 392\$ |
| Valor médio da produção agricola..... | 302:293:004\$ |
| Receita | 34.128:500\$ |
| Despeza | 26.655:036\$ |
| Extensão da linhas ferreas. | 2.809,342 |
| Commercio exterior em 1922 { Importação | 64.378:000\$ |
| { Exportação | 174.722:000\$ |
| Porto da Bahia, capital empregado..... | 23.034:773\$ ouro |
| Movimento do porto { Entradas | 1.609 embarcações |
| { Saídas | 1.341 embarcações |
| Escolas publicas e particulares (primarias)..... | 946 estabelecimentos |
| População escolar (de 7 a 12 annos)..... | 666.744 alumnos |
| POPULAÇÃO PECUARIA: | |
| Bovina | 2.698.106 cabeças |
| Equina | 381.127 cabeças |
| Asina e muar | 250.314 cabeças |
| Ovina | 954.617 cabeças |
| Caprina | 1.419.761 cabeças |
| Suina : | 784.155 cabeças |
| Valor do gado existente..... | 446.355:930\$ |

LIVRARIA E PAPELARIA AZEVEDO

CASA EDITORA DOS ROMANCES DA COLLECÇÃO CHIC
A. DE AZEVEDO & COSTA
 Livros Colegiaes e de Literatura

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA

SECÇÃO DE IMPORTAÇÃO
 ESCRITÓRIO
 Rua Senador Dantas, 120
 Telefóno, Central 3079
 DEPOSITO
 Rua Senador Dantas, 104

SECÇÃO DE VAREJO
LIVRARIA E PAPELARIA
 Telefóno, Central 5238
 Rua Uruguaiana, 29
 RIO DE JANEIRO

NAÇÃO PORTUGUÊSA

REVISTA PORTUGUÊSA DE CULTURA NACIONALISTA
 Director: **ANTONIO SARDINHA**

Editor: J. FERNANDES JUNIOR

Secretario: DOMINGOS DE GUSMÃO ARAUJO

Rua Sêrpa Pinto, 38 -- 3.º LISBOA

PUBLICA-SE TODOS OS MEZES

Assignatura annual para o Brasil: 48 escudos (Adiantado)

Póde-se assignar ou annunciar por intermedio da AMERICA BRASILEIRA
 que fornece todas as informações

PHOTOGRAVURA MODERNA
CLICHÉS
TEL. NORTE 462
 RUA DA QUITANDA, 161.

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro -- S. Paulo -- Santos -- Buenos-Aires -- Santiago do Chile -- Valparaizo.
Na Allemanha -- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO

II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357 E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL: FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO.

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Empréstimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES.
Abertura de credito para construcções de prédios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39 BOULEVARD HAUSSMANN 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 — RIO DE JANEIRO

Endereço' Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA FCSTAL, 307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO